O CAMINHO DA VIDA

ARTHUR FINDLAY

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

PREFÁCIO

Quando a um habitante do mundo para o qual passamos após a morte foi perguntado, por uma senhora presente numa das sessões do Sr. Sloan, qual era o seu trabalho, respondeu que frequentava uma Universidade. Quando lhe perguntaram o que estava a aprender, replicou: "Estou a aprender o Caminho da Vida." Decerto nenhuma resposta melhor poderia ter sido dada, pois o conhecimento do caminho da vida abrange tudo o que diz respeito à vida, e para cada um de nós a vida é o nosso tudo.

Depois de reunir todos os excertos apresentados neste livro, ocorreu-me que *O Caminho da Vida* seria um título adequado, visto abranger a vida e o seu significado, tanto aqui como no além. *O Caminho da Vida*: quanto significam estas quatro palavras, não apenas sobre como vivemos, mas sobre o que é a vida, o seu sentido, o seu percurso e o seu propósito. A forma como a nossa vida é vivida na Terra, e no além, é para nós de importância suprema, e de quem poderíamos receber melhor conselho senão dos nossos amigos que viveram na Terra e passaram a uma vida maior e mais plena no mundo para além? Com a sua experiência mais vasta e elevada, quem melhor poderia ser nossos mestres e guias? O que têm a dizer-nos encontra-se nas páginas que se seguem.

Um guia para a vida, aqui na carne e depois no corpo etérico, sempre ocupou a atenção da humanidade desde que a escrita e os livros foram inventados. Ter algo escrito a que se pudesse recorrer em busca de ajuda e orientação neste mundo conturbado tem sido fonte de conforto e auxílio para multidões incontáveis; mas só no último século se tornou possível obter informação exata e as opiniões daqueles que já partiram. Agora temos um guia fiável para o caminho da vida, aqui e no além, e não dependemos de escritos antigos de escribas antigos, que registaram os pensamentos e especulações de sacerdotes e teólogos que, com a imaginação, supriram o que lhes faltava em conhecimento.

Aqueles que vivem em terras chamadas cristãs sabem bem que, durante muitos séculos, a cristandade confiou na Sagrada Bíblia como guia para o mundo além-túmulo, sobre o qual nos diz muito pouco. A palavra *Bíblia* deriva do nome da cidade de Byblus, na costa da Síria, onde foi produzido o primeiro livro num alfabeto inventado pelos egípcios. Assim, os gregos chamaram a esta nova produção *biblion* e, ao falar ou escrever de mais do que um, usaram a palavra *biblia*. Daí termos hoje, em inglês, palavras como *bibliography* (história dos livros) e *bibliolater* (adorador de livros), enquanto os franceses usam *bibliothèque* para biblioteca.

O que hoje chamamos de Sagrada Bíblia foi um dos primeiros livros a ser impresso em papel após a invenção da imprensa, em 1446. Naquela época havia poucos autores, e durante muito tempo foi o único livro lido pela maioria das pessoas nos países protestantes. Até então estava escrito em latim, mas passou então a ser traduzido para as línguas da Europa. Consequentemente, o que chamamos de Bíblia, ou o Livro, tomou um lugar na literatura muito além dos seus méritos. Como não tinha concorrente de caráter religioso na Europa, foram-lhe atribuídas pretensões totalmente infundadas, mas, como ninguém sabia melhor, foram aceites e ainda hoje prevalecem.

A Bíblia cristã surgiu no século VI, quando as escrituras hebraicas e certos documentos cristãos foram reunidos num só livro. Esses escritos compunham-se de vários textos tradicionais e religiosos, de diversos autores. Jerónimo completou, no final do século IV, a sua tradução para o latim dos documentos hebraicos e gregos, mas só no século IX encontramos a Bíblia em forma aproximada à atual, embora muitas alterações textuais tenham ocorrido quando surgiu a *Versão Autorizada* em 1611.

Daí em diante foi considerada com crescente reverência, a ponto de, desde a Reforma, ser tida pelos cristãos como sagrada e inspirada por Deus, cada palavra verdadeira, sendo a aceitação do seu Salvador considerada como o único caminho da salvação. Por outro lado, os judeus mantiveram-se fiéis às Escrituras hebraicas, que para eles são a sua Palavra de Deus.

Outras nações tiveram, ou ainda têm, os seus livros sagrados, a que deram nomes diferentes. Os antigos egípcios tinham a sua "Bíblia", a que em inglês chamamos *Livro dos Mortos*, acreditando ter sido escrita pelo seu deus Thoth, o escriba dos deuses. Trata-se de uma coleção de textos religiosos cuja origem se perde nas brumas da mais remota antiguidade. Ensinava que aqueles que passassem, nos seus corpos etéricos duplicados, com êxito pela sala de julgamento do deus Osíris, salvador e juiz da humanidade, entrariam numa vida de eterna felicidade celestial. As características dessa vida eram tão semelhantes às desta Terra que a morte era, para os egípcios, apenas a entrada numa nova vida, que era continuação desta, mas em ambientes mais belos.

Na Índia, esse jardim de religiões, encontramos o *Bhagavadgita*, que significa "canto do santo", no qual Krishna, o Cristo hindu, expõe a doutrina da sua fé em linguagem elevada e poética. Aí é apresentado como reivindicando adoração enquanto encarnação do espírito supremo. Além disso, os hindus possuem a mais antiga escritura ariana, chamada *Veda*, que significa "conhecimento". Os budistas, por sua vez, têm o seu livro sagrado, o *Lalita Vistara*, uma vida lendária de Buda, além de uma coleção de poemas com extensão duas vezes maior do

que a Bíblia cristã, incluindo um pequeno conjunto de hinos e o ritual de admissão à fé.

Mais a oriente, na China, o prático Confúcio elaborou um sistema moral e social. Este modo de vida foi registado num livro escrito pelo seu neto, conhecido como *A Doutrina do Meio*, existindo ainda *A Grande Aprendizagem*, escrita pelo mais profundo dos seus discípulos, que reivindica conter muitos dos preceitos do grande mestre.

Até há poucos séculos todos os fenómenos da natureza eram tidos como controlados por seres divinos, que Homero, na *Ilíada* e na *Odisseia*, os mais antigos testemunhos sobreviventes da fala europeia, tornou tão reais para os gregos antigos que esses poemas épicos lhes eram tão queridos como as histórias infantis o são para as crianças. Baseados nas tradições acumuladas de glórias passadas e feitos valorosos, ricos da alegria e da dignidade humanas, eram os escritos sagrados dos gregos, que acreditavam ser cada palavra verdadeira e inspirada do céu.

O livro sagrado da fé muçulmana, a mais jovem das grandes religiões do mundo, é o *Alcorão*, que significa em árabe "recitação", pois Maomé afirmava que era a repetição do que ouvira de Deus. O *Alcorão* é o alicerce do Islão, e poucos livros exerceram influência tão grande na formação da opinião de imensas multidões espalhadas por muitos países; com efeito, afirma-se com razão ser o livro mais lido do mundo. Não é muito maior do que o Novo Testamento. Ao longo de quase todo o livro, Deus é apresentado como o autor, tal como sucede no Antigo Testamento, cujos profetas, como Maomé, desaparecem como personalidades humanas, sendo representados como instrumentos divinamente inspirados da divindade.

Os antigos persas também possuíam o seu livro sagrado, o *Avesta*. Este revelava-lhes o caminho da vida e da salvação, e outros de outras terras poderiam ser citados, mas os já mencionados podem ser considerados os principais livros sagrados do mundo. Ajudaram e confortaram multidões, embora alguns tenham sido usados por intolerantes para esmagar o pensamento individual e criar uma era de crueldade, selvajaria e totalitarismo sobre vastas partes do globo.

Por mais mal utilizados que tenham sido, todos eles, com exceção dos escritos sobre Confúcio, que eram puramente seculares, tiveram origem no facto de o homem ser um ser etérico. Os místicos, teólogos e médiuns do passado registaram por escrito os seus pensamentos sobre o significado desta grande verdade e, por mais que a tenham deturpado, todos procuravam, dentro das suas capacidades, sondar o mistério de Deus e da existência humana.

O advento do Espiritualismo transformou os numerosos deuses dos antigos em homens e mulheres que um dia viveram na Terra, e chamo-lhes *Etéricos*, sendo a sua morada chamada *Etéria*. No passado, comunicaram com os homens na Terra, dando origem às religiões e bíblias que hoje conhecemos; mas as suas comunicações foram mutiladas pelos nossos antepassados, que mentalmente não eram muito mais do que crianças. Poucos sabiam ler ou escrever, e os que sabiam não registaram de forma permanente e cuidada o que era dito. A precisão no registo de palavras e acontecimentos era muito incerta e, quando esses registos duvidosos chegaram às mãos de teólogos e místicos da época, os habitantes do outro mundo foram imaginados como deuses que governavam a Terra e toda a criação. A imaginação não era contida pelo pensamento racional.

Consequentemente, os sacerdotes colocaram na boca desses seres divinos as especulações e teorias das suas próprias mentes simples e, o que nos chegou, não são as comunicações dos homens e mulheres de Etéria, mas as teorias que mentes sacerdotais atribuíram a Deus e aos deuses. Assim, esses antigos livros sagrados são de pouca utilidade para nós e representam apenas as crenças de um sacerdócio místico ignorante, que, por não saber mais, caricaturou uma verdade simples que os espiritualistas hoje conservam na sua pureza.

Desde 1848 têm sido feitos registos cuidadosos de alguns acontecimentos supranormais na presença de médiuns. Estes incluem as declarações de médiuns em transe e o que se chama escrita automática, quando a mão do médium escreve sem esforço, e o que é escrito não são os próprios pensamentos do médium. Estes relatos foram possíveis porque os médiuns de transe e de escrita automática falam e escrevem à luz. Por outro lado, os médiuns de voz direta, como o Sr. Sloan, realizavam as suas sessões no escuro, para permitir que o chamado "ectoplasma", que emitem, materializasse os órgãos vocais dos Etéricos. Como a luz dificulta isto, todas as sessões registadas neste livro ocorreram na escuridão.

A escuridão necessária para uma sessão de voz direta longa e sustentada significa que, no passado, poucos registos textuais palavra por palavra foram feitos do que foi dito nessas sessões. Os presentes tiveram de depender da memória, mas aqui, neste livro, essa dificuldade foi superada pelos dois taquígrafos que registaram no escuro tudo o que foi dito nas sessões aqui descritas. Sendo assim, passamos a dispor das palavras exatas proferidas pelas vozes dos Etéricos que comunicaram, e deixamos de estar dependentes do que nos chega por médiuns de transe e de escrita automática.

Não podemos imaginar uma forma melhor de fala do que a própria voz de um Etérico. É pela voz que comunicamos uns com os outros na Terra e, se apenas

pudéssemos ver o Etérico enquanto fala, não haveria diferença. Por vezes, essas pessoas do outro mundo são vistas quando estão a falar, mas a materialização corporal completa consome tanto ectoplasma que o poupam para poderem prosseguir as conversas. No caso das sessões aqui registadas, que duraram de duas a três horas, alguns Etéricos levaram de cinco a dez minutos para dizer o que tinham a comunicar.

Considerando quão poucos registos de voz direta foram feitos no passado, um livro como este é único. Em vez de termos de ler o que foi dito, ou escrito, pela boca ou pela mão de um médium, temos agora as palavras exatas registadas tal como foram proferidas pelos próprios comunicadores Etéricos. Nada foi acrescentado e nada foi omitido.

Em vez de recuarmos aos tempos antigos para ler o que sacerdotes ignorantes e infantilizados tinham a dizer sobre o caminho da vida e sobre questões vitais como a vida e a morte, podemos agora ler por nós próprios o que os nossos amigos que partiram têm para nos contar. Eles fizeram aquela que sempre foi considerada a viagem temida, e agora regressam e dizem-nos como é, como eles próprios agora são e que espécie de lugar habitam.

Este livro não tem por objetivo registar provas para estabelecer a identidade dos que falaram. Isso foi feito com cuidado e de forma satisfatória, e as provas encontrar-se-ão nalguns dos meus outros livros. Do mesmo modo, os nomes pessoais deste lado e do outro foram omitidos tanto quanto possível. O objetivo deste livro é educativo e visa informar-nos sobre a maneira de viver na Terra e sobre as coisas que se nos depararão após a morte. A informação foi dada por aqueles do outro lado em quem eu, e os restantes presentes, aprendemos a confiar, e tenho todas as razões para acreditar que o que disseram era exato.

As bíblias do passado afirmam ter sido inspiradas por Deus, ou pelos deuses, mas essa afirmação carece de provas e é manifestamente falsa. A idade não confere verdade, e o pó não se acumula com espessura suficiente sobre os livros para os tornar fiáveis. O que sabemos no presente é muito mais valioso para nós do que todas as especulações do passado. Consequentemente, a nova perspetiva sobre a vida na Terra, sobre a morte e sobre a nossa vida futura, tal como é exposta neste livro, deverá ser uma ajuda para muitos, e espero que seja aceite como uma revelação do caminho da vida, da forma como deve ser vivido e do seu significado eterno.

ARTHUR FINDLAY
Stansted Hall, Essex.

PARTE UM CAPÍTULO I
INTRODUÇÃO

A HISTÓRIA regista ao longo dos séculos muitos dos chamados movimentos de reforma ou de progresso de crenças políticas ou religiosas. Um certo número de pessoas, com uma visão diferente da que geralmente prevalecia, juntava-se, e eram consideradas pelos seus contemporâneos peculiares ou heterodoxas.

Desta maneira começaram movimentos de reforma política e religiosa, para se desenvolverem, esmorecerem ou serem suprimidos pelo governo. Alguns, como o Cristianismo, ou o movimento Trabalhista, tornaram-se grandes organizações e então foram aceites pelo povo como respeitáveis, deixando de ser injuriados.

O movimento espiritualista é semelhante a tantos outros do passado. Primeiro foi condenado e depois aceite; primeiro foi considerado contrário à vontade de Deus, e depois tornado legal por Lei do Parlamento em 1951, quando a Lei dos Médiuns Fraudulentos concedeu aos espiritualistas a liberdade religiosa que lhes fora negada desde o século IV cristão.

A razão desta reforma foi que, ao longo de milhares de anos, as provas a favor dos fenómenos supranormais aumentaram, tornando-se tão impressionantes que cada vez mais pessoas passaram a aperceber-se de que havia indícios não só de um universo visível, mas também de um universo invisível, no qual havia vida, inteligência e movimento.

O movimento espiritualista teve muitos pioneiros, e os registos de algumas das suas experiências anómalas chegaram até nós pela história. Com efeito, o mais antigo relato de uma materialização e de voz direta ocorre na epopeia de Gilgamish, o Rei de Súmer, onde Abraão nasceu, com cerca de 4.000 anos de antiguidade, estando a história escrita em argila cozida, que não foi adulterada ao longo de todos estes anos.

Registos de acontecimentos anómalos surgem na literatura egípcia antiga, e temos o registo de Platão das palavras e feitos de Sócrates, que deixa claro que ele era médium. Nos tempos gregos e romanos realizaram-se sessões, e Lívio, Cícero e Tertuliano registam ocorrências supranormais, que atribuíram aos espíritos dos mortos.

Tanto o Antigo como o Novo Testamento, o Alcorão e a literatura religiosa antiga contêm narrativas psíquicas, e é evidente pelos registos preservados que Jesus, Maomé, Apolónio de Tiana e Apuleio, além de muitos outros que viveram no início da era cristã, tinham poder psíquico e hoje seriam considerados médiuns.

Durante os primeiros quatrocentos anos da era cristã, os médiuns eram chamados "Oráculos de Deus", para depois passarem a ser insultados com o nome de "Servos do Diabo", por força do decreto do Papa Dâmaso, influenciado pelo seu secretário, hoje conhecido como São Jerónimo. Assim se encorajou a crença na bruxaria, trazendo a perseguição e a morte de muitos milhares que indubitavelmente possuíam dotes psíquicos, mas a ignorância desses tempos era tal que eram vistos com temor, como quem se vendera ao diabo.

Na história europeia estão registados dois julgamentos notáveis de médiuns. Sabemos, pelas perguntas feitas e respostas dadas, exatamente de que foram acusadas essas duas mulheres e o que disseram em sua defesa. O primeiro julgamento, o de Joana d'Arc, foi em 1431, e o segundo, o de Bessie Dunlop, de Lyne, Ayrshire, em 1576, revelam que essas duas vítimas da Igreja Cristã eram médiuns de primeira ordem, sendo a primeira clariaudiente e clarividente, e a segunda médium de voz direta e de materialização. Ambas foram queimadas na fogueira.

O primeiro médium de relevo da era cristã a escapar à perseguição ou à morte foi Emanuel Swedenborg (1688–1772), um destacado engenheiro de minas, e isso pode ter-se devido à sua elevada posição social, sendo seu pai fidalgo e Bispo da Igreja Sueca. Ele foi, sem dúvida, o "João Batista" do Espiritualismo, que viria a ser levado ao grande público no século seguinte pelos fenómenos extraordinários ocorridos em Hydesville, no Estado de Nova Iorque.

Batidas contínuas na sua casa perturbavam o Sr. e a Sra. Fox e as suas filhas e, como tantas outras pessoas que os visitavam também ouviam esses sons, que soletravam palavras e frases — uma batida para A, duas para B, e assim sucessivamente —, uma comissão após outra foi constituída para investigar a causa. A partir de então, a mediunidade passou a ser aceite e respeitada nos Estados Unidos da América, tendo um médium vindo para a Grã-Bretanha em 1852, convertendo algumas figuras notáveis.

Essas batidas ocorreram pela primeira vez em 1848 e, devido ao impulso que deram ao estudo dos fenómenos supranormais, o ano de 1848 é considerado o ano do nascimento do Espiritualismo moderno. Desde então o movimento cresceu enormemente, e deve ser motivo de satisfação para os primeiros pioneiros, agora no outro mundo, contemplarem o progresso das suas convicções em pouco mais de cem anos.

Pensemos por um momento na situação do pensamento há cem anos. Então, a Igreja Cristã na Europa, na América do Norte e do Sul e nas Colónias era a influência dominante fora da política. Fornecia aquilo a que chamava a única

revelação recebida do Céu e, ensinando que todos os descrentes estavam eternamente condenados, mantinha um férreo domínio sobre a mente da cristandade.

Todas as alas da Igreja Cristã ensinavam doutrinas semelhantes, e a sua opinião sobre a vida após a morte era extremamente sombria, mesmo para os crentes. Na época, a Igreja ensinava, como ainda ensina, que permanecemos no túmulo, adormecidos, até ao Dia da Ressurreição, numa data futura incerta, quando, nos nossos corpos físicos, "ao som da última trombeta", todos seremos reunidos diante do Trono de Deus para ser julgados, sendo os crentes nas doutrinas da Igreja conduzidos para um céu fantástico, e os descrentes condenados aos tormentos do inferno por toda a eternidade.

Se alguns cristãos hoje pensam de outra forma é por causa da influência do Espiritualismo no pensamento moderno. Quase ao mesmo tempo em que o movimento espiritualista nasceu, Charles Darwin publicou o seu famoso livro *A Origem das Espécies*, no ano de 1859, que marcou o início da derrocada de muitas das pretensões da Igreja Cristã.

Tanto assim foi que começou uma era de materialismo, tornando-se o modo de pensar dominante entre a maioria dos cientistas e pensadores intelectuais. Para estes, conforme explicou Ernst Haeckel, o famoso biólogo alemão, o homem é um monismo, completamente destituído do poder de sobreviver à morte. Em outras palavras, segundo este ensinamento, que dominou tantos pensadores, o homem não é um ser imortal, mas apenas uma criatura de carne e sangue cuja consciência se limita ao período entre o nascimento e o túmulo, após o qual toda a consciência é extinta.

O movimento Racionalista, que tanto apoio deu a essa perspetiva, teve certamente o efeito de expor a falácia das numerosas superstições e alegações sobrenaturais feitas pela Igreja ao longo da era cristã. Por isso, todos os homens e mulheres que têm em mente o bem-estar da humanidade devem estar agradecidos; mas, lado a lado com o movimento Racionalista, desenvolveu-se o movimento Espiritualista, que apresentou à humanidade uma visão diferente de todas as outras.

Os espiritualistas percebem que a Igreja compreendeu mal e utilizou de forma abusiva acontecimentos originados em fenómenos psíquicos, para produzir e sustentar os seus muitos falsos dogmas e doutrinas. Isso começou numa era de obscurantismo profundo e prevaleceu durante séculos de pouco saber e educação. Na altura, ninguém sabia melhor, mas agora a maioria dos que pensam reconhece o erro que foi ensinado e como a Igreja, ao excluir a

mediunidade dos serviços religiosos desde o século IV, se tornou incapaz de instruir corretamente o povo quanto à vida após a morte.

Desde que Jerónimo e o Papa Dâmaso, no século IV, excluíram os médiuns da Igreja cristã primitiva, a multidão ignorante ficou sem mais nada em que confiar além dos ditames de uma Igreja Santa ou de um Livro Santo, que, entre os protestantes, ocupou o lugar do Papa, o Santo Padre.

Os espiritualistas, por seu lado, ao regressarem à religião natural, deram uma nova interpretação a todas as religiões ao descobrirem que a origem de cada uma era a mesma, a saber, fenómenos psíquicos, em torno dos quais teólogos de todo o mundo teceram os seus credos, dogmas, cerimónias e rituais.

Como os fenómenos psíquicos são esporádicos e não podem ser forçados a ocorrer à vontade, os fenómenos que deram origem a cada religião foram gradualmente substituídos por erro e superstição, dominados por uma poderosa força de eclesiásticos cujo interesse era manter o povo ignorante e temeroso.

Assim, cresceu este sacerdócio autocrático que se tornou responsável pela religião do povo. Eles decretavam o que deveria ser acreditado e, em geral, aqueles que pensavam por si eram perseguidos, banidos, aprisionados ou executados.

Essa era a situação na Europa Ocidental até ao início do século passado, mas os grandes avanços científicos ocorridos nesse século provocaram tal reação entre os que pensavam que as crenças religiosas ortodoxas foram descartadas como superstição, e os sacerdotes perderam a sua posição e poder altamente exclusivos.

Os cientistas, confiando apenas no que descobriam e lidando apenas com a matéria física, tornaram-se materialistas na sua perspetiva, alguns chegando ao ponto de negar a realidade do que alguns chamam alma e a existência de um mundo etérico invisível.

Consequentemente, durante o século XIX, Materialismo e Espiritualismo cresceram lado a lado — um negando a alma no homem e um universo etérico, e o outro afirmando-os.

Materialistas e Espiritualistas, no entanto, concordaram em reconhecer o erro da religião ortodoxa sobrenatural; mas nenhuma quantidade de provas de que os fenómenos psíquicos são uma realidade conseguiu levar a ciência ortodoxa a consentir em investigá-los. Alguns cientistas investigaram as alegações feitas pelos espiritualistas e ficaram satisfeitos, mas, no geral, os cientistas

mantiveram-se inflexíveis em considerar a crença em fenómenos psíquicos ao mesmo nível das superstições religiosas.

Ainda assim, os espiritualistas mantiveram-se firmes e nada do que os cientistas disseram ou descobriram refutou as alegações do Espiritualismo. Na verdade, a ciência da física tornou compreensíveis as afirmações feitas pelo Espiritualismo. Assim, encontramos hoje algo como a seguinte situação:

A crença cristã apela a um número cada vez menor de adeptos, mas os cristãos recusam acreditar nas alegações dos espiritualistas, que, para muitos cristãos ortodoxos, ainda são considerados desviados do caminho certo e contrários à vontade de Deus. Os materialistas, por outro lado, são aqueles que nunca examinaram seriamente o assunto e, na sua ignorância, condenam-no como resultado de fraude e insensatez.

No entanto, os espiritualistas recebem mais respeito a cada ano que passa. Há cerca de cinquenta anos era impossível falar em público sobre assuntos psíquicos, enquanto hoje são muitas vezes tema de conversa. À medida que o número de médiuns cresce, mais pessoas se interessarão e obterão mais conhecimento sobre o tema. Depois, lendo os trabalhos daqueles que investigaram, o conhecimento será gradualmente mais difundido até que, por fim, a visão espiritualista da vida seja aceite.

Não podemos esperar que a crença no Espiritualismo venha das investigações dos cientistas, que, contrariamente a todos os princípios científicos, recusam investigar algo que já determinaram ser impossível. Essa atitude é totalmente contrária aos verdadeiros métodos científicos de investigação, que combinam pesquisa, observação e experiência em todos os aspetos dos fenómenos naturais. Assumir, sem investigação, que certos fenómenos não podem ocorrer é tão anticientífico que se arrisca a um colapso inevitável à medida que a ignorância diminui.

O Espiritualismo, ao rejeitar todas as superstições acumuladas em torno da religião sobrenatural — as lendas e a mitologia, o cerimonial e o ritual —, segue o caminho do meio, mantendo-se naquilo que é verdadeiro e que pode ser provado pela experiência. Entretanto, os ortodoxos na religião aceitam pela fé e não pela prova, enquanto os cientistas rejeitam tanto a fé como a prova. Este caminho intermédio é aquele que os espiritualistas acreditam vir a transformar, em última análise, as fileiras dos sobrenaturalistas e dos materialistas, a ponto de um dia podermos esperar que a religião seja aceite como baseada nas provas e descobertas obtidas através da mediunidade. Os factos estabelecidos acabarão por prevalecer. Assim, a Ciência e a Religião algum dia se encontrarão.

É impossível mencionar os nomes de todos os pioneiros do movimento espiritualista, homens e mulheres, neste país e na América. Homens e mulheres de todas as esferas da vida ajudaram a iluminar a humanidade. Alguns ocuparam altos cargos e tiveram grande influência em todo o país, enquanto outros fizeram o que puderam, nas suas próprias comunidades, para difundir o que consideravam ser a verdade.

Igrejas espiritualistas e sociedades de investigação psíquica têm surgido nos últimos cem anos em todo o mundo de língua inglesa. Nas grandes cidades da Europa Ocidental, e na maioria das cidades grandes e pequenas dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha, encontram-se um ou mais centros espiritualistas, seja para culto, seja para investigação. No Brasil, o vasto movimento ali existente foi orientado pelos escritos do francês Allan Kardec. Contudo, ele influenciou o pensamento dos seus seguidores mais no sentido da doutrina da reencarnação do que da crença no progresso, defendida tanto pelos espiritualistas americanos como britânicos, e deu pouca importância à mediunidade.

O Espiritualismo sustenta o facto de que a vida não morre com a morte e que os chamados mortos, que continuam a ser homens, mulheres e crianças como nós, estão vivos e ativos noutro mundo que envolve e interpenetra o nosso. Os espiritualistas sabem isto porque os seus amigos que morreram regressaram a eles, tendo sido às vezes vistos, mas mais frequentemente ouvidos, quando certas condições naturais permitiram tornar isso possível.

Não só podem eles falar-nos através do uso que fazem do médium, como também podem ouvir o que lhes dizemos e, assim, tornar possível a conversação. A partir dessas conversas, os espiritualistas sabem: (1) que, para começar, os seus amigos continuam muito semelhantes em forma e caráter ao que eram na Terra; (2) que cada um colhe o que semeia, mas o progresso está aberto a todos; e (3) que os nossos amigos que morreram estão frequentemente connosco e podem saber muito do que acontece na Terra.

O Espiritualismo é, consequentemente, uma religião natural, e de modo algum sobrenatural, porque se baseia em factos pessoalmente experimentados. Além disso, estes dão satisfação e conforto, além de contribuírem para um impulso de maior desenvolvimento mental e ético. Somos mente, e a mente nunca morre; a morte é uma porta, ou uma curva no caminho da vida, e não uma parede ou um beco sem saída.

O credo da fé cristã não contém instrução ética ou moral, nem é guia para o caminho da vida. O Espiritualismo, por outro lado, é um guia para o caminho da vida, pois sabemos, pelos que já partiram, que aqui e agora estamos a preparar o

lugar que ocuparemos no outro mundo. À medida que vivemos aqui, a nossa mente está a criar para cada um de nós as condições em que viveremos depois, pois o que conta é o caráter, a qualidade do indivíduo, e não a crença em credos e dogmas. O Espiritualismo é religião natural, baseada em factos e evidências, e é de esperar que, com o tempo, quando o seu ensino for melhor compreendido, ajude a elevar em toda a parte o nível moral e mental da humanidade. Aqueles que se intitulam espiritualistas acreditam que pode ser aceite como verdade que:

(1) O universo é governado pela Mente, vulgarmente chamada Deus. Tudo o que sentimos, sentimos agora ou sentiremos, não é senão a Mente a exprimir-se de uma forma ou de outra.
(2) A existência e a identidade do indivíduo continuam após a mudança chamada morte.
(3) A comunicação, em condições adequadas, ocorre entre nós aqui na Terra e os habitantes do mundo etérico, para o qual todos passaremos ao morrer.

Com base nestes três princípios fundamentais, que os Espiritualistas acreditam poder ser razoavelmente aceites, extraem-se naturalmente as seguintes deduções lógicas, a partir da informação que nos chega daqueles que passaram para esta vida mais ampla.
(4) Que a nossa conduta ética deve ser orientada pela regra de ouro, dada primeiro ao mundo pelo grande Confúcio: "Tudo quanto quiserdes que os homens vos façam, fazei-o vós também a eles."
(5) Que cada indivíduo é o seu próprio salvador e que não pode esperar que outrem carregue os seus pecados e sofra pelos seus erros.
(6) Que cada indivíduo colhe o que semeia e que faz a sua felicidade ou infelicidade na medida em que se harmoniza com o seu meio. Que ele gravita naturalmente para o lugar, no mundo etérico, em harmonia com o seu desenvolvimento mental e desejos, pois aí as aspirações podem ser satisfeitas mais facilmente do que aqui na Terra.
(7) E, por fim, que o caminho do progresso nunca se fecha e que não há fim conhecido para o avanço do indivíduo.

O que se segue neste livro confirma amplamente estes Sete Princípios do Espiritualismo, pelo que não necessitam de maior desenvolvimento aqui; mas, antes de encerrar este capítulo introdutório, diga-se algo sobre vibrações, tema a que aqueles que nos falam do outro lado tantas vezes se referem. A ciência da Física abrange o conhecimento da constituição da matéria, ou da substância — por outras palavras, tenta responder às perguntas que alguns gostariam de ver

esclarecidas, a saber, do que é feito o universo físico, os sóis, estrelas, planetas e este mundo em que vivemos.

Neste século o nosso conhecimento deste tema aumentou enormemente, e descobrimos agora que torna possível a compreensão correta dos problemas que enfrentamos ao examinar a mais jovem de todas as ciências, conhecida como Psíquica — a ciência que trata do universo invisível que nos rodeia e envolve. Para entendermos a Psíquica, devemos primeiro saber algo de Física e, como a palavra vibrações é tão usada pelos Etéricos nas páginas que se seguem, exponho brevemente as opiniões mais recentes da ciência sobre a constituição da matéria física. Isto ajudar-nos-á a compreender melhor a substância etérica de que é composto o mundo etérico invisível.

Vivemos, movemo-nos e existimos num mundo físico composto por substâncias que vibram dentro de certos limites fixos, a que damos o nome de "matéria". Nascemos nele e aceitamo-lo como se abrangesse tudo — e, no entanto, quão diferentes são as coisas do que parecem ser. A matéria, que nos parece tão sólida, na realidade não é sólida de todo. O que vemos quando olhamos, por exemplo, para uma mesa ou uma cadeira, são as vibrações de um certo número de eletrões, que giram a imensa velocidade em torno de um centro conhecido como núcleo. A matéria é constituída por átomos e estes, por sua vez, são compostos principalmente por eletrões e protões. Conforme o número de eletrões num átomo, assim é a substância; mas o peso é condicionado pelo número de protões.

No ferro, por exemplo, há sempre vinte e seis eletrões "planetários" e, consequentemente, quando olhamos para algo composto do referido elemento, percebemos algo a que demos o nome de ferro; ou, para sermos exatos, quando o nosso olho é afetado pelas vibrações do éter que esses eletrões criam, formamos a imagem mental de ferro. O nosso tato é igualmente afetado pelas vibrações que esses eletrões produzem, e elas dão-nos a sensação de calor e frio, mas é o número de protões que nos dá a perceção de peso.

A matéria física é, na realidade, uma rede aberta de eletrões e protões, e a distância entre os eletrões e os protões num átomo individual, em relação ao seu tamanho, é imensa. Se considerarmos o núcleo como ocupando no átomo a mesma posição que o sol no nosso sistema solar, então as distâncias relativas a que os eletrões estão uns dos outros, e dos protões, podem ser tomadas como equivalentes às distâncias dos planetas entre si e ao sol.

Ainda: se encararmos um átomo como algo do tamanho de uma igreja de aldeia, então uma cabeça de alfinete representaria o tamanho de um dos eletrões que o

compõem. Esses protões e eletrões nos átomos estão, pois, muito afastados entre si, movendo-se a enorme velocidade, e são ligados pelo éter invisível, que ocupa a maior parte do espaço dentro do átomo.

A matéria é assim construída de minúsculas cargas elétricas, positivas e negativas, não se movendo ao acaso, mas de modo livre e ordenado, e ligadas entre si pelo éter invisível que alguns acreditam ser a substância básica do universo. Imaginamos o éter a encher todo o espaço, embora, não podendo apreender o espaço, sejamos incapazes de compreender a sua extensão. Sabemos, no entanto, que as ondas do éter podem ondular pelo espaço à razão de 186 000 milhas por segundo, ondulações ou ondas que nos dão o que chamamos luz. Em certas circunstâncias, a energia vibratória dessas ondas de éter pode ser transformada em energias equivalentes de calor e eletricidade.

Ainda que não possamos ver o éter, inferimos que tal substância existe, porque calor, luz e eletricidade viajam pelo espaço a uma velocidade definida e, portanto, deve existir um meio através do qual ondulam. Os nossos físicos, por conseguinte, sustentam que o éter é uma hipótese pragmática, um postulado lógico.

Esta substância invisível é o meio entre as coisas materiais e os nossos sentidos; mas a matéria é agora considerada como sendo esse mesmo éter em certos estados fixos de vibração. Os eletrões nos átomos são partículas de eletricidade negativa, e os protões são certamente elétricos na sua natureza. Ambos são etéricos, e a matéria é apenas éter num estado particular. Todo o éter é potencialmente matéria e toda a matéria potencialmente éter. A matéria física, que apela aos nossos sentidos, é apenas aquela secção do éter que por acaso vibra dentro de certos limites fixos.

O éter do espaço pode agora ser entendido como o grande elo unificador entre o mundo da matéria e aquilo a que chamamos etérico, visto ser a substância comum a ambos os mundos. Ambos estão contidos nesta substância, ambos fazem parte dela e ambos são formados a partir dela. Os dois mundos fazem parte do mesmo universo e a vida em ambos é por ela condicionada.

Aqui, neste mundo de matéria em que funcionamos, estamos conscientes de uma escala inferior de vibrações, ao passo que, no mundo etérico, onde a vida também funciona, a consciência é afetada por uma escala superior de vibrações. O éter é para a outra vida no universo tanto quanto é para nós. Para essa outra vida, o seu meio é tão substancial e real como o nosso é para nós. A vida funciona no éter e é tão capaz de o fazer quando liberta da matéria como

quando revestida de matéria; de facto, pode imaginar-se uma vida mais plena e ampla quando o corpo físico é descartado.

À medida que avançarmos, estas perspetivas serão melhor compreendidas, pois, nas comunicações daqueles nesta vida ulterior — que relatarei —, ver-se-á que nos dizem que o mundo etérico é tão real, tão tangível, tão belo — na verdade, mais ainda — do que o mundo da matéria física que impressiona as nossas limitadas perceções sensoriais.

Só os ignorantes afirmam que é real apenas o que percebemos pelos sentidos e que, para além desse alcance, nada existe. O nosso alcance sensorial — a visão, o tato, o olfato e a audição — é limitado ao extremo. Sabemos que o espetro do espectroscópio demonstra o quão limitado é o alcance da nossa visão comum e que outras gamas de vibrações daquilo que seria cor, se as víssemos, se estendem para ambos os lados.

Diz-se que as vibrações percebidas, comparadas com as não percebidas, são muito menos do que uma polegada em relação a uma milha. É, pois, evidente que existe uma vasta região para outra vida habitar, à volta e no interior deste nosso mundo — uma região totalmente para além das nossas perceções sensoriais normais. (Ver quadro no final do livro.)

Até compreendermos claramente que aqui os nossos sentidos apenas respondem a uma gama muito limitada de vibrações — as que denominamos matéria física — e que, fora destas, há um universo cheio de vida que responde a uma gama superior de vibrações, irreal para nós, mas mais real para essa vida do que a matéria física, não poderemos apreender nem entender em toda a sua plenitude os fenómenos psíquicos que se desenvolvem através da mediunidade.

À nossa volta e em nosso redor, interpenetrando este mundo físico, existe outro mundo para o qual passamos na morte. Foi-me descrito por aqueles que me falaram a partir dele, mas apenas em linguagem adequada às nossas mentes habituadas a responder às vibrações da matéria física.

Quando perguntei como melhor o explicar a outros, disseram-me para o comparar a um mar de éter, em que o movimento pessoal é ainda mais rápido e fácil do que o de um peixe na água. Tomemos, por exemplo, o mar no qual esponjas flutuam totalmente submersas.

A circundar essas esponjas há um meio que sustenta a vida, e assim o mundo etérico pode ser contrastado com a água que envolve a nossa Terra, com a diferença de que a esponja absorve apenas parte da água, ao passo que o mundo etérico não está apenas fora da nossa Terra, mas também dentro dela.

Interpenetra é a única palavra que temos para descrever algo real dentro de outra coisa igualmente real; e é numa superfície desse mundo etérico que havemos de viver um dia.

Somos feitos de tal forma que, no corpo físico, estamos em harmonia com o meio físico. Na morte, deixamos o corpo físico e funcionamos no nosso corpo etérico. Passamos então para o novo ambiente que nos envolve, um ambiente que sustenta a vida, tal como a água sustenta a vida. Nós, na Terra, estamos neste mar de éter, embora não o saibamos, e tanto agora como sempre estaremos. A diferença que a morte nos traz não é tanto uma mudança de localização, mas uma mudança de apreciação. Agora só apreciamos o físico, mas então apreciaremos o etérico.

Só quando o desejarmos voltaremos a entrar em contacto com o físico, pois o físico pertence à matéria física, e o etérico à matéria etérica, cada um na sua ordem, sendo a única diferença que os do mundo etérico podem voltar até nós à vontade, ver-nos e apreciar-nos, bem como ao nosso ambiente.

Só podemos escutar o que nos dizem e tentar imaginar. Somos um pouco como uma pessoa cega aqui na Terra. Raramente vemos estes homens e mulheres do mundo etérico, mas podem ser produzidas condições que nos permitem ouvi-los e, a partir do que nos dizem, imaginar o melhor que pudermos. Sentar-se na sala de sessões a ouvir a Voz Direta pode ser comparado a sentar-se em casa a ouvir o Rádio. Ouvimos o orador, mas não o vemos. No entanto, aceitamos as vozes do Rádio, e elas influenciam a nossa mente e imaginação, tal como fazem as vozes que nos falam numa sessão de Voz Direta.

Além disso, ouvimos alguém a falar do outro lado de uma parede, e a nossa mente reage ao que ele diz e ele pode ouvir a nossa resposta. Assim podemos ter uma conversa, o que significa que a pessoa invisível está lá e pode pensar de modo tão racional quanto nós. Só porque não a vemos não pensamos que não está lá, pelo contrário, temos a certeza de que está.

Assim também a nossa mente reage ao que é dito numa sessão por personalidades que não vemos, mas que são, no entanto, bem reais e que, tal como a pessoa do outro lado da parede, pensam racionalmente como nós. Ouvem-nos, podem conversar connosco, discutir, rir connosco, e assim por diante. Na verdade, são apenas seres humanos como nós, invisíveis para nós, mas ainda assim completamente presentes. Além disso, o que têm para nos dizer é de interesse vital para todos.

Com esta introdução ao nosso tema, avancemos agora, esperando que todos compreendam quão fáceis e naturais foram as conversas das quais foram

retirados os excertos ou citações aqui apresentados, tal como compreenderam os que estiveram presentes nessas memoráveis sessões.

CAPÍTULO II

O MÉDIUM

Escrevi e falei bastante sobre o Sr. John Campbell Sloan em alguns dos meus livros e em plataformas públicas, mas então podia escrever e falar dele como um de nós, aqui na Terra. Infelizmente para nós, mas felizmente para ele, faleceu em Maio de 1951, com oitenta e dois anos. Desde a sua partida regressou várias vezes para dizer o quão feliz está na sua nova morada, e que encontrou muitos homens, mulheres e crianças etéricos que vinham às suas sessões falar connosco na Terra.

Uma breve biografia deste famoso médium pode ser encontrada no meu livro Where Two Worlds Meet, e em On the Edge of the Etheric conto como cheguei à conclusão, depois de me sentar com ele em trinta e nove ocasiões, de que os fenómenos que ocorriam na sua presença eram supranormais. Em ambos estes livros expliquei como ele era o reservatório passivo, utilizado pelas pessoas do outro lado que necessitavam de uma substância do seu corpo que lhes permitia materializar os órgãos vocais e falar connosco na Terra.

Quando tive a minha primeira sessão com ele, em 1918, nada sabia de Espiritismo e, naturalmente, pensei que as diferentes vozes que ouvia fossem ou a sua própria ou a de um ou mais cúmplices. Isso era natural, pois nunca tinha ouvido falar de ectoplasma, o nome dado à substância extraída do corpo dele e dos assistentes. Nada sabia do nosso corpo etérico, que é um duplicado do nosso corpo físico. Aprendi que este corpo sai do nosso corpo físico na morte, juntamente com a mente e a memória, de modo que continuamos a ser a mesma pessoa após a morte, tal como éramos antes dela, exceto pela perda do corpo material.

Isto, e muito mais, fui aprendendo nas suas sessões, a tal ponto que descobri um novo mundo invisível, mas muito real, à nossa volta, para o qual passamos ao morrer. Foi-me então dito que as pessoas que lá vivem já tinham vivido na Terra e que podiam materializar, com este ectoplasma, os seus órgãos vocais etéricos duplicados e falar connosco na Terra. Assim passei a ter uma base natural que me permitia compreender como a fala era possível e como podiam ser produzidas vozes sem os nossos órgãos vocais físicos, mas isso não satisfazia a

minha mente inquisitiva. Eu tinha de estar certo antes de acreditar, e garantir que não era o médium nem alguém na Terra que me falava.

Por isso decidi ter sessões a sós com Sloan, levando comigo a minha própria estenógrafa para registar tudo o que era dito. Certifiquei-me de que as vozes não vinham dela, pois sentava-se noutra parte da sala, onde podia ouvir tudo, mas, se falasse, eu perceberia. Noutra parte deste livro relato como me convenci de que, quando as vozes falavam, não era o médium quem falava, mas além disso havia as provas dadas pelos que se manifestavam. Os meus familiares e amigos regressavam e falavam comigo, recordando acontecimentos que só eles e eu conhecíamos. Muito foi dito que seria impossível Sloan saber, mesmo que tivesse tido tempo para investigar, o que não tinha.

Saía cedo de manhã para trabalhar e à noite dedicava-se à sua horta. Lia pouco devido à sua fraca visão, e a sua inteligência e conhecimentos gerais eram os de um artesão médio. Gradualmente percebi tudo isto, e além disso descobri que era um homem de grande carácter, digno de confiança e respeito. O seu único defeito era resmungar e queixar-se, mas isso era mais divertido do que irritante. Exigiam-se tato e paciência, e geralmente resultavam. Era totalmente indiferente ao dinheiro, e nunca se pediu a ninguém que pagasse para estar presente numa das suas sessões. Fazia-o por um elevado sentido de dever, e o seu prazer vinha do conforto e da satisfação que os visitantes obtinham ao receber provas de que os seus entes queridos, outrora tidos como mortos, ainda viviam, regressavam e lhes falavam.

Durante mais de quarenta anos Sloan exerceu os seus dons mediúnicos sem qualquer pagamento, e mais será dito sobre eles à medida que prosseguirmos. Mesmo já idoso, com setenta e seis anos, o seu mediunismo manteve o seu brilho, quando a sua memória era tão fraca que, por vezes, tinha dificuldade em cuidar de si mesmo. Às vezes tinha de ser acompanhado quando saía a passear ou às várias casas onde se realizavam as sessões, e uma vez, quando saiu sozinho, perdeu-se e não conseguiu lembrar-se do caminho para casa.

Na sua juventude, as sessões realizavam-se maioritariamente, mas não sempre, numa sala da sua própria casa, mas após a morte da esposa passou a ser convidado para casas dos assistentes habituais, e os mesmos fenómenos continuavam a acontecer. Não trazia nada consigo, e à chegada entrava na sala onde a sessão se realizaria, sentava-se e conversava com os presentes. Depois apagava-se a luz. Não havia, portanto, preparativos prévios, salvo no Verão, quando a anfitriã escurecia antes a janela para impedir a entrada da luz do dia.

Até bem avançada a meia-idade, entrava sempre em transe durante uma sessão de Voz Direta, mas mais tarde mantinha-se normal durante toda a sessão, ouvindo as vozes e conversando com quem lhe falava. Após a morte da esposa, em 1940, recebeu grande conforto e satisfação nas conversas que manteve com ela, e isso foi possível porque os operadores da sessão, do outro lado, descobriram que conseguiam produzir as vozes tão bem quando ele estava normal como quando em transe.

Assim, as observações seguintes, feitas a seu respeito, foram proferidas quando ele podia ouvir e responder ao que era dito, mas referem-se apenas ao que se disse sobre o seu mediunismo, omitindo as conversas que teve com a esposa e outros amigos do outro lado, que serão relatadas no devido lugar.

A quantidade de provas exatas que constava das conversas entre os assistentes e os Etéricos não é apresentada neste livro, que se limita apenas ao que foi dito com valor educativo. As provas de identidade dos comunicadores podem ser encontradas nalguns dos meus outros livros, mas este tem por objetivo registar aquilo que todos devíamos saber. Uma vez estabelecida a identidade do comunicador, como aconteceu na maioria dos casos, o que ele ou ela dizia acerca do outro mundo e do seu modo de vida tem valor e merece ser preservado. Médiuns do brilho de Sloan são raros, e é uma pena que muito mais do que foi dito nas suas sessões não tenha sido registado. Houve o suficiente para encher muitos livros do tamanho deste.

O que se segue neste capítulo refere-se apenas às observações feitas por alguns Etéricos sobre o mediunismo de Sloan, e a primeira que se apresenta surgiu quando houve uma conversa entre um Etérico e um cavalheiro assistente. Eis o que o Etérico disse acerca do médium:

«Sempre que venho até vós nestas circunstâncias dependo do elemento humano — o amigo a quem chamais John Sloan. Sem ele, ou alguém igualmente dotado, não vos poderíamos fazer ouvir-nos, mas embora não nos ouçais sem a sua presença, voltamos e velamos por vós de tempos a tempos. Ele é apenas o veículo para a transmissão do som. Eu não poderia falar convosco se não pudesse extrair coletivamente de vós.»

Certa noite, os assistentes estavam a discutir o mediunismo entre si, durante uma pausa na conversa com os nossos amigos do outro lado, quando a forte voz masculina de um Etérico deu o seu nome e falou com a esposa, que estava presente como uma das assistentes. Eis o que ele disse, e era apenas demasiado verdadeiro.

«Sim, John Sloan abriu a porta, o meu querido velho amigo Sloan, para mim e para a Eleanor. Estávamos a trilhar um caminho solitário, Eleanor — sabes aquele tempo em que parecíamos estar contra uma parede de pedra, por assim dizer, e os queridos velhos amigos (o Sr. e a Sra. Sloan) desceram e ouvimos o Bobbie falar. Nunca esquecerei essa noite. Deus te abençoe.»

Bobbie é o filho deles, e o pai regressou numa sessão posterior.

«Deus te abençoe, Daddy Sloan. Meu Deus, abriste-me por completo o caminho da vida. Se não fosse por ti, nunca teria conhecido esta verdade. Nunca esquecerei a noite em que o Bobbie nos falou pela primeira vez.»

Depois voltou-se para a esposa e disse:

«Lembras-te, Eleanor?»

«Sim, querido, lembro-me», respondeu a esposa, «mas tens-lho agora ao teu lado», ao que o marido replicou:

«Sim, estou ao lado dele agora, mas foi o meu querido velho amigo aqui que mudou a minha visão da vida e tornou Deus real para mim.»

A mãe, na Etéria, de uma senhora presente, que conhecera Sloan quando vivia na Terra, era sempre grata pela oportunidade que tinha nestas sessões de falar com a filha. Uma vez, depois de dar o seu nome, falou ao médium e disse:

«Deus te abençoe, John Sloan. É a ti que devo tanto.»

«Não fiz nada por ti, mas eras uma querida alma antiga», respondeu Sloan, ao que ela replicou:

«E muitos dirão que tu também eras uma querida alma antiga. Às vezes pergunto-me se consegues apanhar as entoações da minha voz?»

Outra senhora na Etéria, que deu o seu nome, mãe de uma das assistentes, que se sentara com Sloan durante a sua vida terrena, uma vez conversou com ele.

«Que contente fico por te ouvir falar», disse Sloan, ao que ela respondeu:

«Acho que és um homem maravilhoso, John Sloan. Trouxeste-nos pensamentos e aspirações belíssimas quando não compreendíamos devidamente, mas isso fez-nos bem quando chegámos a este lado da vida.»

Um velho amigo do médium, um homem que já tinha partido, regressou um dia. Deu o seu nome, e os dois tiveram uma conversa divertida sobre os velhos tempos. Depois o Etérico, dirigindo-se a todos, comentou:

«É para mim uma fonte constante de espanto compreender como posso falar-vos aqui de forma a que me consigais ouvir. Acho que devo estar a falar muito claramente esta noite, porque às vezes entro nos vossos ambientes, não só aqui, mas também na vossa casa, e falo convosco da mesma maneira que estou a falar agora, mas não pareceis ouvir-me. Tenho de dar o crédito, por conseguirdes ouvir-me agora, ao nosso velho amigo aqui. (John Sloan.)»

Sloan sempre menosprezou o seu mediunismo; era dos homens mais humildes, e nunca tomou para si o mérito das maravilhas que aconteciam nas suas sessões. Uma vez, algo que disse motivou este comentário de um Etérico:

«Ele é o instrumento através do qual podemos provar que não deixamos de existir, embora estejamos fora do físico.»

Noutra sessão, quando Sloan disse que o seu poder estava a desaparecer, e que já era demasiado velho para ser útil, uma voz do outro lado chamou:

«Atingiste um grau de perfeição, meu amigo, que nunca percebeste possuir.»

Numa sessão, o marido, na Etéria, de uma senhora presente, deu primeiro o seu nome e depois teve uma longa conversa com a esposa. Falou durante vários minutos e concluiu com estas palavras:

«Esse teu amigo, e meu, John Sloan, através de cujo dom posso falar contigo, envio-lhe os meus agradecidos cumprimentos. A minha voz pode soar-te diferente, mas sei que, quando vejo o teu rosto iluminar-se com aquele sorriso de reconhecimento, tu sabes quem eu sou. Boa noite, minha querida.»

O noivo, na Etéria, de uma das assistentes, uma vez dirigiu-se ao médium com estas palavras:

«Foram muitas as cartas que escreveste, meu amigo Sloan, e muitas as cartas que te foram escritas, homenagens que viverão muito para além da tua partida do lado terreno da vida. Sim, eu sei, Sr. John C. Sloan, e agora que estou aqui sei a diferença que teria feito para mim se tivesse sido um pouco menos cético na vida terrena. Vês, eu não acreditava em nada desse género. Fala John Hardman. Tive de alterar todas as minhas opiniões quando cheguei aqui. É uma vida sem esperança viver na Terra sem esperança, sem perspetiva de vida para além. Mesmo assim, arrastei-me através dela, mas o que perdi nessa luta. Sim, entrei na luz que nunca se apaga.»

O filho de Sloan era um orador frequente. Uma vez, o pai falou-lhe acerca da sua morte inesperada, e disse o quão pouco pensava, quando se despediu dele nas Docas, que seria pela última vez. O filho respondeu:

«Ainda bem que não sabemos estas coisas, Pai, mas espera só até chegar a hora de vires para o nosso lado. Vamos rever todas as cenas gloriosas do passado e caminhar no novo país e na nova terra que Deus preparou para todos os Seus filhos. Sou Dougal Sloan. Se andares segundo as leis de Deus terás uma vida maravilhosa na terra da luz. Deus te abençoe. Obrigado, Pai, porque foste um bom Pai para mim. Sei que sentes falta da Mãe, mas ela está aqui, e tudo ficará bem. Encontrar-nos-emos todos de novo, mais cedo ou mais tarde. Continua apenas a fazer o melhor que puderes. Ainda tens força em ti por mais algum tempo.»

Uma vez, falando ao médium durante uma pausa na conversa com os nossos amigos do outro lado, um cavalheiro presente comentou que todo o conforto e satisfação que Sloan tinha trazido a milhares seria uma alegria para ele nos anos vindouros. Um Etérico concordou, dizendo:

«Será uma bela recordação que ele terá quando vier para este lado, saber que trouxe esperança e alegria aos corações de muitos.»

Como já disse, Sloan sempre depreciava o seu mediunismo. Numa das suas últimas sessões, durante um silêncio, com setenta e seis anos, o reumatismo forte, a vista fraca e a memória a falhar, mas quando o seu mediunismo era tão bom como sempre fora, fez a sua habitual observação, que todos conheciam bem: «Eu não presto para nada.» De imediato, um Etérico repreendeu-o com estas palavras:

«Tens uma visão sombria das coisas. Sabemos tudo sobre ti, amigo Sloan. Não acho que tenhas o direito de dizer isso. Devias permitir que os teus amigos digam se vales alguma coisa ou não. Tenho a certeza absoluta de que ainda és muito, muito útil de muitas maneiras. Tens o poder de trazer conforto àqueles com quem te encontras.»

Com este comentário fecho o capítulo, que espero dar ao leitor uma ideia do homem cujo ectoplasma permitiu aos nossos amigos Etéricos vibrar a nossa atmosfera e contar-nos as maravilhas que nos aguardam a todos. Muitos homens, que foram líderes do povo para o bem ou para o mal, foram considerados grandes pelos seus contemporâneos e pelos historiadores. Sloan, do ponto de vista mundano, não foi um grande homem e, se eu não tivesse registado noutros lugares alguns dos acontecimentos das suas sessões, teria

sido conhecido apenas pelos relativamente poucos que se esclareceram assistindo a elas.

No entanto, embora a sua morte tenha sido ignorada pela imprensa nacional deste país, e só os que o conheciam tenham chorado a sua partida, ele foi realmente um grande homem. Ajudou milhares a encontrar conforto e satisfação, pelo conhecimento que obtiveram através do seu mediunismo de que os seus amigos ainda viviam e aguardavam felizes a reunião algum dia. Do mesmo modo aprenderam que, se vivermos corretamente, partilharemos as alegrias e a felicidade que os nossos amigos falecidos estão a experimentar, num mundo onde a beleza e a felicidade existem de modo irrealizado por quem ainda está na Terra.

Como todos os grandes homens, possuía um dom que o elevava acima do resto da raça humana. Por ser iletrado, simples e ter vivido uma vida discreta, o seu trabalho pela humanidade foi ignorado, mas algum dia, quando a maldição da ignorância passar, e o grande valor do mediunismo para o povo for reconhecido, John Sloan será aclamado como alguém que fez mais para confortar e satisfazer os anseios mais íntimos do que a maioria dos chamados grandes do passado ou do presente.

O seu trabalho prossegue através dos registos que foram preservados de algumas das suas sessões. Estes serão uma satisfação para muitíssimos nos anos vindouros.

CAPÍTULO III

AS ESTENÓGRAFAS

Sessões têm sido realizadas desde tempos antigos. Como já foi mencionado, temos o relato da sessão realizada por Gilgamish, rei de Súmer, há cerca de quatro mil anos. Realizavam-se sessões no antigo Egipto, na antiga Grécia e pelos Hebreus e Romanos. Chegou-nos uma descrição geral do que acontecia, mas nada fidedigno do que era dito pelas pessoas do outro mundo. Temos o relato da materialização de Samuel na presença do rei Saul, o relato da sessão realizada no dia de Pentecostes e o registo de Tertuliano, em 211 d.C., sobre as sessões realizadas na sua igreja, mas é tudo. Nada temos de fiável sobre o que Samuel disse a Saul, ou sobre o que os discípulos em transe disseram em Pentecostes, ou sobre o que o médium de Tertuliano disse quando em transe durante os ofícios na sua igreja apostólica primitiva.

Dizem-nos que o padre da Igreja primitiva Jerónimo se sentiu incomodado por críticas feitas, numa sessão, por Etéricos, à sua tradução das escrituras para latim, mas nunca nos chegaram as palavras exatas proferidas por eles, e a razão é óbvia. Poucos sabiam então registar a fala em escrita abreviada com rapidez suficiente; de facto, a arte da taquigrafia, ou estenografia, era geralmente desconhecida até ao século XIX. Gregos e Romanos tinham sistemas conhecidos por alguns, mas estes não sobreviveram. Só na Reforma é que a arte foi revivida, provavelmente com o propósito de registar sermões, mas os diferentes sistemas em uso eram desajeitados, ineficientes e laboriosos.

Foi no ano de 1837 que Isaac Pitman produziu um sistema suficientemente simples para ser facilmente escrito e lido. Desde esta invenção da taquigrafia moderna, toda a situação se transformou, a ponto de hoje se poder relatar a fala com a mesma rapidez com que as palavras são proferidas. Consequentemente, nos últimos anos têm sido cada vez mais empregues estenógrafos para registar o que era dito por médiuns em transe, ou quando transmitiam mensagens clariaudientes, mas a escuridão necessária para a voz direta impediu que muitos registos fossem feitos, pois tomar notas em taquigrafia no escuro exige alguma prática.

No que respeita a este livro, estou em dívida para com duas senhoras, a Sr.ª Millar e a Sr.ª Dearie, ambas rigorosas e peritas na arte da estenografia, por terem superado a dificuldade causada pela escuridão e por tudo o que aqui se relata como tendo sido dito pelos que falaram do outro lado. Não há dúvida de que os seus registos são rigorosamente exatos, porque foram cuidadosamente verificados, no prazo de um ou dois dias após cada sessão, por aqueles que estiveram presentes nas sessões registadas.

Os assistentes habituais recebiam sempre uma cópia dos registos depois de cada reunião, e ninguém alguma vez encontrou algo de inexato ou questionável. Em todos os casos foram dados como corretos. O que se relata como tendo sido dito foi, de facto, dito, e a elevada idoneidade destas duas senhoras, que tomaram as notas em taquigrafia, é uma garantia adicional da sua exatidão.

Alguns dos comunicadores do outro lado manifestaram, de tempos a tempos, a sua admiração pela forma como as estenógrafas desempenhavam a tarefa que se impuseram, sendo o seu trabalho, além disso, prestado gratuitamente.

Eis o que um Etérico disse certa vez:

«É uma senhora extraordinária, Sr.ª Dearie. O seu serviço aos outros, ao registar as nossas palavras, será amplamente recompensado.»

Outro Etérico disse certa vez:

«É uma grande honra podermos contar consigo como nossa auxiliar, para retratar os nossos pensamentos»;

e, noutra ocasião, foi dito:

«Quaisquer palavras que escrever viverão para além de si, minha querida.»

Foi feita à Sr.ª Dearie uma declaração mais longa e encorajadora:

«Aprecio os seus pensamentos e o seu trabalho, e o seu sacrifício pelos outros ao escrever todas estas coisas. Não imagina que bênção trarão a alguém que necessite de esclarecimento e de simpatia. Nunca há uma mensagem que receba do lado espiritual da vida que não seja importante. Se vem do lado espiritual da vida, vem com um propósito e com um objetivo em vista, e nunca regressa a casa sem ter cumprido essa missão.»

Darei apenas mais uma observação, feita por alguém de além-fronteira:

«Oh, gostava de poder trazer todos os pensamentos de amor que os que a rodeiam agora parecem ter por si. Que a força dos Grandes lhe dê poder na mão por muito tempo, minha querida, para retratar esses belos pensamentos do outro lado da vida que nós não temos poder de retratar se não fosse pela instrumentalidade dos seus belos pensamentos e da sua escrita.»

É evidente que o trabalho realizado pela Sr.ª Dearie e pela Sr.ª Millar foi apreciado pelos Etéricos que nos falaram nas sessões relatadas neste livro. Os agradecimentos de todos os que participaram nestes encontros dirigem-se a ambas, e tenho pouca dúvida de que os muitos milhares que lerem os seus registos sentir-se-ão igualmente gratos pelo grande trabalho que fizeram pela humanidade ao preservar para todo o sempre tudo o que foi dito nessas notáveis sessões.

CAPÍTULO IV

O CORPO ETÉRICO

A primeira lição do Espiritismo é que temos um corpo etérico, um duplicado do nosso corpo físico. O corpo etérico interpenetra o corpo físico durante a vida terrena e abandona o corpo físico na morte. A nossa mente não morre e controla o corpo etérico através do cérebro etérico. O que se chama a nossa mente subconsciente moldou o nosso corpo na Terra e moldará e dirigirá o nosso corpo etérico na Etéria. Construiu o nosso corpo terreno a partir de

matéria grosseira e tem ainda maior poder sobre a matéria mais subtil do outro mundo. A mente individual é o maior factor do universo. Sem mente o universo deixaria de existir. A vida e a consciência terminariam e, sem estas, nada existiria.

Conseguir viver após a morte sem um corpo como o que agora temos é difícil de imaginar e, à primeira oportunidade favorável, perguntei que tipo de corpo tem cada um de nós depois da morte. À minha pergunta foi dada resposta, em voz alta e clara, por um Etérico que todos no círculo tinham aprendido a conhecer e a confiar:

«Tenho um corpo que é um duplicado do que tive na Terra, as mesmas mãos, pernas e pés, e movem-se tal como os vossos. Este corpo etérico que tive na Terra interpenetrava o corpo físico. O etérico é o corpo real e um duplicado exato do nosso corpo terreno. Na morte, simplesmente emergimos do nosso invólucro de carne e continuamos a nossa vida no mundo etérico, funcionando por meio do corpo etérico tal como funcionávamos na Terra no corpo físico.

Este corpo etérico é, para nós agora, tão substancial como o corpo físico o era para nós quando vivíamos na Terra. Temos as mesmas sensações. Quando tocamos num objeto, podemos senti-lo; quando olhamos para algo, podemos vê-lo. Embora os nossos corpos não sejam materiais, no sentido em que entendeis a palavra, têm forma, traços e expressão. Deslocamo-nos de um lugar para outro como vós, mas muito mais rapidamente do que vós podeis.»

Agora que a ciência física nos revelou que a matéria é uma malha aberta de vibrações e que diferentes frequências (taxa de recorrência das vibrações) podem ocupar o mesmo espaço, é possível compreender como dois corpos nos podem parecer um só. As vibrações de um apelam à nossa vista e aos outros sentidos, sendo conhecido como o corpo físico. Aquele que não é percecionado na Terra, e é invisível para nós, chamamos-lhe corpo etérico, que apreciaremos quando este abandonar o corpo físico sob o controlo da nossa mente, a super-etérica criadora de imagens que é o nosso verdadeiro eu.

Assim, fomos um dia informados por alguém que fez a mudança chamada morte:

«O corpo espiritual (corpo etérico) tem a mesma formação que o corpo material, e não há ninguém que não tenha um corpo espiritual perfeito. Nunca vi ninguém doente ou a sofrer de forma alguma.»

Isto foi confirmado e ampliado noutra ocasião por alguém que sofrera muito quando estava na Terra:

«A vida para nós é simplesmente maravilhosa, embora eu ainda não saiba muito sobre ela, querida. Não tenho dor agora. Nesta terra de luz e liberdade a dor não existe. Não há dor agora.»

Uma das declarações mais abrangentes acerca de nós como seres etéricos foi proferida nestes termos:

«Vós sois agora tanto um ser etérico como alguma vez sereis. Estais agora tanto no mundo etérico como alguma vez estareis, só que não percebeis esse facto em consequência de terdes um corpo físico ajustado a ambientes físicos. O mundo etérico está à vossa volta e, na morte, quando abandonardes o corpo físico, estareis no mundo etérico sem terem de percorrer qualquer distância para lá chegar.

«Vós tornastes-vos imortais no vosso nascimento e sois agora tão imortais como alguma vez sereis. O vosso corpo físico cobre o vosso corpo etérico, e não podeis apreciar o vosso corpo etérico porque é constituído por uma substância a um nível de vibração mais elevado do que o que o vosso olho físico pode ver. Quando morrerdes, apreciareis o corpo etérico e deixareis de apreciar o vosso corpo físico.

«O vosso novo corpo torna-se cada vez mais refinado com o passar do tempo, e ireis elevar-vos a planos de consciência cada vez mais altos. Vereis mais e vereis mais longe. Ouvireis mais e ouvireis com maior clareza. Quaisquer deformidades que tenhais serão corrigidas aqui. Se perdestes uma perna ou um braço, tê-lo-eis aqui, pois o que perdestes foi apenas o braço ou a perna físicos.»

Uma pausa momentânea e o orador prosseguiu as suas fluentes observações:

«O vosso entendimento será ampliado e sereis mais conscientes das belezas do que vos rodeia do que sois no corpo físico. O vosso âmbito de utilidade será alargado para além do limite da vossa imaginação presente. Não tereis de vos preocupar com dinheiro, com ganhar a vida, com comer ou com roupa, ou com uma casa onde viver, pois a vossa mente estará em muito maior controlo do vosso ambiente, podendo moldar esse ambiente para satisfazer os vossos desejos.»

«Não haverá mais dor nem pesar nem remorso, não mais pranto pela separação depois de os teus entes queridos da Terra se terem juntado a ti. Deixarás de lamentar os erros do passado por via da retificação das faltas passadas. Entrarás então numa vida de progresso eterno e de bem-aventurança perpétua.»

Encontrar-se forte e saudável, num corpo semelhante ao corpo que ficara na Terra, deve ser uma enorme surpresa para a maioria dos recém-chegados ao outro mundo. Foi isto que nos disseram certa vez:

«Quem me dera poder retratar-vos o ar de espanto em alguns rostos daqueles que fizeram a mudança e se dão conta de que estão de pé, firmemente amparados. Tentamos explicar-lhes que passaram da vida terrena para o Mundo do Espírito. Como me disse um jovem, um jovem soldado: "Mas eu sou eu próprio; é espantoso — olha — esta é a minha mão; estas são as minhas pernas; eu sou eu; ainda tenho o meu corpo."

Então faz-se-lhes luz e, imediatamente, o seu pensamento dirige-se para os que deixaram para trás e que amam. Pode ser a mãe, a irmã, o irmão, a esposa ou a namorada. Como entrar em contacto com eles e dar-lhes a saber que está tudo bem; que continuam vivos. A sua principal queixa é: 'Oh, se eu pudesse dizer-lhes.' Explicamos que isso poderá ser possível mais tarde e então as coisas melhoram muito.»

Em resposta a uma pergunta, recebemos a seguinte réplica:

«Sim, o meu coração funciona — todos os nossos órgãos funcionam, mas não exatamente como no corpo humano. Eu próprio não entendo muito bem, mas gosto de estar por perto quando alguns dos belos, resplandecentes e avançados vêm falar connosco e ensinar-nos. Sabem, eu simplesmente me deixo cair e ouço com a mesma atenção com que vocês próprios o fariam.»

Sendo nós apenas mente — a substância maravilhosa que nos torna seres individuais conscientes e pensantes — segue-se, consequentemente, que a memória não morre. Deixamos o corpo físico na Terra para se decompor, mas a mente e o corpo etérico, por serem não físicos, não morrem nem se decompõem. Assim, ao chegarmos ao mundo etérico, descobrimos que a nossa memória da vida terrena permanece connosco e que podemos recordar o passado como o fazíamos na Terra.

A memória é a nossa mais maravilhosa posse e o argumento mais poderoso a favor de termos um corpo etérico duplicado. Sem memória seríamos como coisas mortas, e, no entanto, ela não é física em nenhum sentido. Um homem de setenta anos não tem no corpo uma única molécula que tivesse aos vinte. Todas foram renovadas, e, contudo, a sua memória dos acontecimentos — a sua capacidade de voltar a representar mentalmente factos passados até à infância — permanece incólume, vívida, clara e distinta. A memória acompanha-nos quando morremos, pois é parte da nossa mente, e vemos Etéricos voltarem e recordar-nos coisas e acontecimentos que tiveram lugar na sua infância na Terra.

Não é a comida que comemos que determina a forma e o tamanho do corpo físico, como se pode verificar colocando um potro, um vitelo ou um cordeiro num prado. Embora comam o mesmo alimento e bebam a mesma água, o corpo de cada um desenvolve-se de modo diferente em tamanho e forma. Além disso, estão continuamente a renovar os seus corpos. Ao longo da vida, a carne e os ossos de humanos e animais gastam-se por completo, mas não o notamos porque nova carne e novos ossos tomam o seu lugar. Cada célula física é renovada, mas como é isto possível sem uma estrutura que suporte a célula física no seu desgaste e renovação?

Aceitar a realidade do corpo duplicado etérico para todos os seres vivos, que os nossos amigos etéricos nos dizem que cada um possui, responde a este problema. Consequentemente, parece lógico aceitar o que nos dizem, porque se ajusta ao que se passa na Terra. Se algo permanente não permanecesse, os nossos corpos não teriam fundamento nem uniformidade. Assim, a natureza providenciou esta estrutura etérica desde a nossa conceção e, durante a sua vida terrena, ela veste-se, por vezes imperfeitamente, de substância física como um traje, que abandona quando, já como corpo perfeito, entra no mundo etérico, a sua verdadeira morada.

Um homem na Etéria que fora cego na Terra, quando lhe perguntaram se se lembrava de alguém que em tempos conhecera, respondeu:

«Sim, lembro-me muito bem. Não poderia esquecer os velhos amigos. Estou apenas à espera de vos ver a todos quando vierdes para cá. Recordo com alegria muitos episódios da minha vida terrena, mas Deus concedeu-me uma grande bênção, minhas Senhoras e meus Senhores. Concedeu-me visão para que eu possa ver e prestar algum serviço e socorro a muitos dos meus irmãos e irmãs que estão na vida terrena quando para aqui chegam. Espero ter feito o meu pequeno melhor enquanto estive na vida terrena. Foi muito pouco, mas fiz o melhor que pude.»

A cegueira, a surdez e os outros males que sofremos na Terra pertencem ao corpo físico. Consequentemente, os nossos olhos e audição etéricos são perfeitos, porque o corpo etérico é perfeito. Os que eram cegos podem voltar a ver, os que tinham perdido braços e pernas na Terra têm-nos de novo, pois foi o corpo físico que ficou danificado, não o etérico. Lembro-me de ouvir a voz de um homem que perdera um braço na Terra dizer-me, exultante, que agora tinha ambos os braços.

A minha mãe, que muito sofreu de reumatismo nas pernas, disse-me um dia:

«Sinto-me muito mais nova agora. Sinto-me novamente bastante jovem, sem pernas doridas, e posso mover-me tão livremente. Isso tem sido a minha maior satisfação.»

Alguém que fora surdo na Terra comentou um dia:

«Por vezes a minha audição não era boa quando estava no corpo, mas agora oiço bem.»

Outro disse a um amigo que estava presente:

«Bem, agora já consigo deslocar-me. Agora que não tenho a armação física a tolher-me. Eu era como tu, e pior, porque não era metade tão ativo como tu és, sabes.»

Outra vez recebemos esta confirmação:

«Quando se vem para aqui, dá-se conta de que se possui um corpo — quase uma réplica do que ficou para trás, apenas com aspeto mais jovem, embora não imediatamente. Estive a descansar, como me foi dito, durante bastante tempo quando vim primeiro, e, quando esse período de repouso terminou, descobri que tinha recuperado a juventude perdida, mas, como já disse, o que me afligia era não poder logo partir com aqueles que amava.»

Este Etérico que falou não estava preparado para uma vida mais avançada do que podia compreender, mas isso viria mais tarde, à medida que se desenvolvesse em entendimento, sabedoria e conhecimento.

As memórias terrenas persistem, como descobriu este velho amigo:

«Estou há algum tempo na vida espiritual e achei muito difícil ser convencido de que tinha terminado com o velho mundo. Custou-me perceber que deixara o corpo físico para trás quando me vi na posse de um corpo tão real como o que tivera. Um com que podia viajar e ir ver pessoas que ainda estavam na vida terrena, até perceber que elas não me podiam ver. Achei isso uma coisa tão estranha e, ao princípio, foi-me difícil ser feliz no lado espiritual da vida. Foi uma luta muito dura para mim de início, mas acabei por encontrar alguém que me mostrou a forma de conseguir entrar em contacto com os que ficaram, e a partir daí progredi. Não progredi muito, mas agora estou no bom caminho e estou feliz.»

Sim, podem viajar longe, e com facilidade, no corpo etérico. Quando certa vez se perguntou sobre isto, a resposta foi enfática:

«Certamente que nos deslocamos num corpo semelhante ao que tínhamos na Terra — semelhante em muitos aspetos, embora não exatamente o mesmo.

Andamos a pé, mas há outro aspeto que eu gostaria de vos explicar. Se estivermos cansados — bem, aqui não nos cansamos como vocês — mas se sentimos que gostaríamos de ir para um local diferente, a grande distância, simplesmente nos concentramos nesse lugar e lá estamos imediatamente. Existe uma força pela qual nos podemos projetar até ao destino desejado e visitar estas diferentes colónias.»

«Levam de facto o vosso corpo convosco?», perguntou alguém.

«Sim, estamos de facto lá no corpo. Quando evoluímos o suficiente para viver totalmente num plano mais elevado, é apenas uma transição. Quando adquirimos esse poder, vamos com toda a facilidade.»

Os nossos informadores na Etéria afirmaram de forma consistente que lá não envelhecem. A velhice pertence ao corpo físico, mas não ao corpo etérico. Consequentemente, os que partem idosos na Terra, com as limitações da idade, regressam à maturidade nos seus corpos etéricos, com a vitalidade e a saúde próprias dos seus novos corpos perfeitos. Do mesmo modo, os que morrem jovens crescem até à maturidade, permanecem nessa condição e nunca envelhecem.

Certa vez, alguém presente queixou-se de estar a envelhecer, tendo sido admoestado pela esposa, do outro lado:

«Hoje tens demasiado do "velho", Papá, pois eu estou a ficar mais jovem o tempo todo. Tu talvez estejas a envelhecer, mas dentro de ti o teu espírito está a renovar a sua juventude, e hás de sentir o benefício quando chegar a hora de passares para cá, e todos os que amaste aqui te irão ajudar.»

Foi isto que uma mãe na Etéria disse um dia à filha que estava presente na sessão. Alguém se referira a envelhecer:

«Nunca envelhecerás, minha querida e, quando vieres para aqui, o tempo ficará imóvel para ti, e nunca serás velha. Constróis a casa que terás no lado espiritual da vida através das tuas ações na Terra. Não te falo agora apenas a ti. Falo a todos vós, e, quando afastardes os entraves da vida terrena e passardes, não importa quão velhos sejais, voltareis à vossa juventude e ao vosso pleno vigor. Nesses dias não haverá memórias esquecidas.»

Noutra ocasião, esta senhora foi novamente informada pela mãe, na Etéria:

«Já não tenho agora passo trémulo, Crissie, e nunca estou cansada. É tão belo passear por aqui. A vida estava a tornar-se bastante difícil para mim, Crissie, e

todas as minhas provações acabaram agora. Oh, é o Céu, finalmente — estar em casa.»

E, de novo, um filho na Etéria disse à mãe na Terra:

«Já não estás triste, Mãe, pois sabes que não estou longe de ti. Deus te abençoe, minha querida, minha doce Mãe. Quem me dera poder simplesmente deixar-te ver-me. Bem, dirias que me tornei agora um robusto e formoso rapaz. Sabes, as mães nunca veem defeitos nos seus rapazes e elogiam-nos sempre. Sei que recebi elogios quando não os merecia, embora também levasse um raspanete de vez em quando.»

Certa vez, um avô disse à neta, que o chamara de "avozinho":

«Fazes de mim um homem muito velho quando dizes "avozinho". Se me visses agora, ficarias surpreendida. Sempre tive um espírito jovial. Fui sempre um rapaz entre rapazes e, claro, um rapaz entre raparigas — entre as minhas próprias raparigas, quero dizer.»

E, outra vez, uma senhora presente ouviu isto da mãe:

«Terás uma grande surpresa quando, no bom tempo de Deus, me voltares a encontrar. Já não verás uma velhinha vacilante, mas alguém no florir da mais radiante juventude a vir saudar-te. O coxo, o aleijado, o cego não levam nenhuma dessas enfermidades para a terra do espírito. Se passas já velho, regressas ao viço da vida; e, se vens para a vida espiritual muito, muito novo, chegas à maturidade; mas reconhecer-nos-ás a todos, e nós nunca esquecemos os entes queridos que deixámos para trás, e fazemos tudo o que podemos para vos ajudar na vossa jornada.»

Em resposta a uma pergunta que fiz sobre a mente, disseram-me:

«Decerto que a vossa mente é algo distinto do cérebro; trazeis a vossa mente convosco para aqui. Deixais o cérebro físico na Terra. A nossa mente aqui atua sobre o nosso cérebro etérico e, por seu intermédio, sobre o nosso corpo etérico, tal como o vosso cérebro físico atua sobre o vosso corpo físico.»

Consequentemente, sendo assim, compreendemos as observações seguintes feitas por uma mãe à filha na Terra:

«Eu costumava ser esquecida, mas agora tenho uma memória esplêndida. Agora podia deixar-te baralhada.»

Para ser repetido por outras palavras numa ocasião posterior:

«Sei o que é viver no passado, mas tu foste sempre tão boa e gentil para comigo. É a Mãe.»

Depois, voltando-se para outra senhora presente, tratou-a pelo nome:

«Eu não conseguia memorizar as coisas muito bem, sabes. Esquecia-me das coisas e às vezes fazia disparates, mas a Crissie era sempre bondosa.»

E, regressando à filha, disse:

«Era isso mesmo, Crissie, a minha memória parecia simplesmente esvair-se, mas tu foste sempre bondosa para comigo e ajudaste-me. Deus te abençoe. Estas boas ações, minha querida, ficam registadas. Não penses mais nisso. Verás a tua Mãe do outro lado da vida no pleno vigor da saúde, e a memorizar tudo tão bem.»

Aqui, há que dizer algo acerca da cor do corpo etérico. Não é negro, branco, amarelo ou acastanhado, como os nossos corpos terrenos, porque a coloração natural da nossa pele resulta do local onde vivemos na Terra, o sol, ou a falta dele, determinando a cor da pele dos povos na Terra. Assim, não nos deve surpreender ouvir que o corpo etérico não tem a coloração do nosso corpo físico; em vez disso, irradia cores determinadas pelo nosso desenvolvimento mental.

Consequentemente, uma rapariga na Etéria, cuja pele era negra na Terra, comentou que o seu corpo já não era negro, ou, para usar as suas próprias palavras:

«A minha pele era negra nos tempos antigos; o meu coração é agora branco. Amo-vos a todos. Há uma luz resplandecente nas vossas frontes. Já não tenho uma cor particular. Perdemos as cores da vida terrena à medida que avançamos e adquirimos as vibrações e a beleza do corpo espiritual que construímos para nós mesmos, e isso torna-nos brilhantes, ou baços, conforme o caso. Eu adoro cores e procuro tornar-me bela quando venho ver-vos. Já não sou uma rapariga negra. Não gostava disso. Ainda bem que já não sou.»

De tempos a tempos, durante estas sessões, os Etéricos fizeram menção das auras dos assistentes. As nossas auras são as cores produzidas pela radiação dos nossos corpos etéricos, que podem ser vistas pelas pessoas do outro lado, embora os clarividentes na Terra também digam conseguir vê-las em condições adequadas. A literatura antiga refere as auras em torno de certas pessoas, e quem estudou o assunto diz-nos que elas mudam conforme as nossas emoções. A aura torna-se vermelha quando estamos irados, castanha quando somos avarentos, rosada quando somos afetuosos, púrpura ou azul quando religiosos

ou devocionais, verde quando falsos ou ciumentos, sendo intelectuais aqueles cuja aura normal é amarela. A nossa saúde também afeta as auras, e a cor ajuda médicos etéricos a diagnosticar a condição de um paciente na Terra.

Quando chegamos à Etéria, as cores que irradiamos decerto significam algo diferente, mas ouçamos o que os Etéricos disseram acerca das auras que viam irradiar dos assistentes no círculo de Sloan.

Em três ocasiões distintas, três desconhecidos etéricos vieram à nossa sessão, atraídos pelas auras emanadas dos assistentes terrenos. Eis o que disse um deles:

«Não conheço nenhum de vós, a não ser pelas vossas auras que vos rodeiam. São auras muito agradáveis e indicam que estariam dispostos a dar uma mão a quem quer que pedisse ajuda.»

Outro comentou:

«Não conheço nenhum de vós pessoalmente. Fui atraído para aqui pelas auras que vos rodeiam. Gosto da aura em torno de cada um de vós.»

O terceiro deu o nome e disse:

«Sou o Bob Hannah. Não conheço nenhum de vós. Ia apenas a passar e pensei que entraria quando vi as luzes, as luzes muito brilhantes, que vos envolvem, para ver se poderia ser de alguma ajuda a qualquer de vós. Não o digo com qualquer sentimento de exaltação, mas às vezes consigo ver um nadinha mais longe. Gostei das vossas auras e as condições pareciam tão harmoniosas que achei que gostava de entrar. Gosto do aspeto de todos vós. Vi tantas luzes a dançar à vossa volta que percebi que havia muitos amigos, amigos avançados, que vos estavam a lançar as suas vibrações.»

O marido, na Etéria, de uma das assistentes falou um dia a uma senhora presente. Falava-nos muitas vezes, e desta vez disse:

«Vejo que tens uma clara perceção do que o outro lado da vida te abrirá. A tua vida tem sido muito limpa e perfeita. Não falo de forma lisonjeira, sabes. Consigo ver essa visão na aura que te rodeia.»

Quando um Etérico foi um dia convidado a explicar o que queria dizer quando se referia a um "resplandecente", respondeu:

«Um espírito avançado que, tendo cumprido a Vontade do Mestre, adquiriu um grau de perfeição para ajudar outros no caminho ascendente. É um guia, por assim dizer, e a sua aura é de brilho extraordinário. Toda a gente tem aura, e

alguns têm auras tão brilhantes que é quase impossível para alguns de nós fitá-las.»

«E que tipo de aura tem um Etérico que não avançou muito?», perguntou-se certa vez, ao que foi dada a seguinte resposta:

«A aura de quem não progrediu muito não é tão límpida e brilhante como as outras, mas as auras mudam à medida que o avanço espiritual se desenvolve, e os que avançam mudam gradualmente em brilho ao procurarem seguir as pegadas dos espíritos que vão adiante.»

Quando uma das senhoras assistentes estava a ter uma longa conversa com um Etérico, que conhecia e respeitava o seu filho na Etéria, acrescentou o seguinte a outras observações interessantes:

«Esta é uma experiência que aprecio muito, Sr.ª Lang. Estou a observar as várias fases por que estais a passar agora — todos vós, neste pequeno grupo — muito do que me é estranho. Refiro-me às belas auras que vos circundam.»

Os amantes dos animais ficarão satisfeitos por saber que os seus animais de estimação falecidos continuam a viver. Foi isto que me disseram quando perguntei se os animais sobrevivem à morte:

«De forma absolutamente categórica, cães, gatos e outros animais sobrevivem à morte. Nenhuma vida se extingue, mas eles não sobrevivem no mundo espiritual, como nós o designamos. Têm um mundo espiritual feito por eles próprios. Não existem num mundo espiritual como o homem existe. Se, porém — digamos — um cão tem afeto por um ser humano, pode aproximar-se do seu ambiente se ambos tiverem deixado a Terra.»

Este capítulo reúne o que nos foi dito pelos nossos amigos na Etéria acerca do corpo etérico e da aura que ele produz. A nossa mente, além disso, faz imagens de tudo o que vemos e, olhando para ela, eles conseguem ver a imagem de tudo o que vemos. Colocam-se atrás de nós e, para eles, a nossa mente é como para nós é uma película cinematográfica a cores: todos os objetos e cores que vemos são vistos por eles. É assim que conseguem ler o livro que estamos a ler, pois cada página se lhes apresenta em imagem.

De tempos a tempos falaram das diferentes partes dos seus próprios corpos e, reunidas essas observações, verifica-se que se referiram a dezasseis partes distintas, a saber: mãos, dedos, rosto, lábios, boca, língua, garganta, pernas, braços, pés, coração, cabeça, cabelo, olhos, lágrimas e órgãos internos, confirmando assim que o corpo etérico é um duplicado do corpo físico.

No próximo capítulo ficará registado o que tinham a dizer sobre o modo como comunicam connosco.

CAPÍTULO V

COMUNICAÇÃO

Os antropólogos acreditam que o dom que a humanidade tem de conseguir comunicar os seus pensamentos uns aos outros foi uma das razões primordiais do seu grande avanço em inteligência para além dos seus antepassados animais. Os espiritistas acreditam que a abertura de uma comunicação fiável entre os chamados mortos e as pessoas da Terra foi responsável por uma revolução religiosa como nunca antes se experimentara. A comunicação entre os dois mundos é o alicerce sobre o qual o Espiritismo está construído. Com base no que nos foi dito pelos nossos amigos que partiram, os espiritistas produziram uma religião natural, liberta da ignorância e da superstição que envolvem todas as religiões ortodoxas do mundo.

Assim como a fala entre homem e homem na Terra nos elevou intelectualmente muito acima dos animais, do mesmo modo a fala entre os mortos e os vivos elevou intelectualmente os espiritistas acima dos seus contemporâneos que continuam a confiar, para o seu consolo e salvação, na tradição passada, desprovida tanto de verdade como de razão. Esta revolução no pensamento religioso surgiu lenta mas seguramente desde o ano de 1848, ano de nascimento do Espiritismo moderno, como será óbvio para quem compare as crenças religiosas bárbaras e cruéis prevalecentes na Cristandade antes dessa data com as que hoje se pregam. Em 1853, o Dr. F. D. Maurice perdeu a sua cátedra no King's College, em Londres, por ter posto em dúvida que o inferno fosse uma fornalha ardente.

Este é um exemplo das crenças então dominantes, mas, se recuarmos mais, encontramos multidões a serem queimadas, enforcadas, presas e banidas porque as suas crenças religiosas não se conformavam com as proclamadas por uma Igreja todo-poderosa.

O desenvolvimento mental, as descobertas da ciência e o conhecimento que agora temos acerca da nossa vida após a morte tornaram a vida na Terra mais tolerável para todos e relegaram a teologia para os ermos da ignorância e da superstição. Hoje a ciência traz conforto e facilidade a todas as raças avançadas da humanidade, e o Espiritismo diz-nos a verdade sobre o nosso futuro depois da morte e como devemos viver aqui para sermos felizes no além.

A comunicação entre este mundo e o próximo aumenta o nosso desenvolvimento mental, porque os que foram adiante voltam para nos dizer o que é verdadeiro e o que não é verdadeiro no ensino religioso passado. Em vez de sermos treinados desde a infância para acreditar no impossível, somos agora informados pelos nossos amigos na Etéria de que descobriram quão erróneo era o seu ensino religioso na Terra e como devemos evitá-lo para nós e para os nossos filhos.

O que importa é o que somos, e, embora a fé e a crença possam ajudar como muleta ao longo da nossa peregrinação terrena, o lugar a que chegarmos na Etéria será decidido por nós próprios, pelo nosso próprio desenvolvimento mental. Assim, dizem-nos que cada um de nós deve fazer o melhor que puder na Terra, e, se o fizermos, não podemos fazer melhor.

Este capítulo é dedicado aos métodos usados pelos Etéricos para comunicar connosco. Nós fornecemos os médiuns, mas são eles que tornam a comunicação possível, por isso vejamos o que têm para nos dizer. Há quatro maneiras de o fazer: pela voz direta, pelo transe, pela clariaudiência e pela escrita automática. Podem indicar a sua presença de outras formas, mas as anteriores são os seus principais meios de comunicação. O melhor de todos é o que se chama Voz Direta, quando usam as suas próprias vozes e assim excluem a mente do médium, que, consequentemente, não influencia as suas conversas. Preferimos muito mais a fala direta na Terra do que ter tudo o que ouvimos a vir através de um intermediário. Do mesmo modo, ouvir as suas próprias vozes torna a conversa muito mais interessante, fiável e satisfatória, porque a mente do médium não distorce o que dizem, como pode acontecer quando se usam outros métodos.

Todos os excertos de conversas registados neste livro, exceto um, foram proferidos por Etéricos por meio da Voz Direta. A única exceção foi quando o médium estava em transe, facto que é mencionado quando ocorre. Isto torna esta coletânea única e muito mais valiosa do que os registos compostos por enunciados em transe, escrita automática e clariaudiência. Além disso, dizem-nos os métodos que empregam para tornar a comunicação possível e, antes de mais, consideraremos o que têm a dizer sobre a produção da Voz Direta.

Quando comecei a minha investigação, o lugar no espaço de onde vinham as vozes era o que mais me ocupava a mente. Assim, coloquei esta pergunta a um Etérico com quem eu falava:

«Disseste-me que o teu mundo girava com este mundo. Como é que isso acontece e, também, viajais com a Terra em torno do Sol?»

Esta foi a sua resposta:

«As esferas mais próximas da Terra giram porque pertencemos a este planeta. Não conseguimos ver o vosso mundo a girar no espaço, porque giramos convosco. Não conseguimos ver o vosso mundo até assumirmos condições terrenas. Ao fazê-lo, abrandamos as nossas vibrações e passamos de um plano para outro, até aproximarmos mais as nossas vibrações do nível de que o vosso mundo é composto. Todos podemos descer, mas não podemos subir para além do nosso próprio plano até estarmos preparados para a mudança.»

Nesta ocasião eu estava sozinho com o médium, exceto a minha secretária, que se encontrava a uma mesa do outro lado da sala a tomar notas, em taquigrafia, de tudo o que eu dizia e de tudo o que foi dito pelas várias vozes que falaram nessa noite. Tomar notas taquigráficas no escuro é perfeitamente possível para uma estenógrafa perita.

Revistara cuidadosamente a pequena sala onde a sessão teve lugar, certificando-me de que a janela estava bem fechada e a porta trancada, estando a chave no meu bolso. Depois tomei assento em frente do médium e, quando uma voz falou, inclinei-me e aproximei o ouvido da sua boca, mas nada se ouvia senão a sua respiração tranquila e regular, ao passo que as diferentes vozes que falavam se ouviam de todas as partes da sala.

Eram altas e claras e, se o médium estivesse a falar, tê-lo-ia ouvido, mesmo que fosse uma forma de ventriloquia. Um ventríloquo profere as palavras sem aparentemente mover os lábios e, fazendo um boneco mexer os lábios, ilude as pessoas levando-as a pensar que as palavras são proferidas pelo boneco. Este engano só é possível à luz do dia, não no escuro, e ninguém o pode praticar sem usar os próprios órgãos vocais.

O médium permaneceu imóvel na cadeira durante toda a sessão, pois eu tinha o meu pé esquerdo por cima e a tocar no seu pé direito, e o meu pé direito por cima e a tocar no seu pé esquerdo, mas os pés dele mantiveram-se imóveis todo o tempo. A minha mão esquerda segurou a sua mão direita e a minha mão direita segurou a sua mão esquerda durante toda a sessão. Apesar disso, luzes brilhantes flutuavam pela sala. Noutras ocasiões, quando eu tinha as mãos livres, tentei apanhá-las, mas não consegui, pois esquivavam-se sempre, o que provava que eram guiadas por inteligências que conseguiam ver no escuro. Estas luzes foram vistas em todas as sessões registadas neste livro.

Depois de trinta e nove sessões que tive com John Sloan, pelas quais recusou qualquer pagamento, fiquei convencido, após aplicar todas as provas que me ocorreram, de que as vozes não eram as do médium nem as de qualquer outra

pessoa terrena presente. Além disso, os que falavam conseguiam ver no escuro, pois sempre que perguntávamos as horas eram-nos indicadas corretamente. Se alguém tinha um relógio luminoso, era guardado num bolso ou mala quando a sessão começava, para só ser consultado depois de as horas serem ditas. As duas trombetas, com cerca de sessenta centímetros de altura, que estavam no centro do círculo de assistentes quando a sessão começou, flutuavam por toda a sala até ao teto, por vezes a grande velocidade, e podiam ser vistas quando tinham uma faixa de tinta luminosa. As mãos do médium e de cada assistente no círculo foram seguradas do princípio ao fim.

Noutra ocasião pedi uma explicação de como era possível vibrar a nossa atmosfera para nos permitir ouvir as palavras que proferiam, e esta foi a resposta que recebi:

«Falo materializando a minha boca e língua etéricas. Farei o possível por levá-lo a compreender como isto é feito, mas lembre-se de que não pode captar devidamente as dificuldades com que nos deparamos até o senhor próprio vir para o nosso lado. Contudo, explicarei os nossos métodos da forma mais clara que puder. Do médium e dos presentes, um químico do mundo etérico retira certos ingredientes que, na falta de melhor nome, se chamam ectoplasma. A isto o químico acrescenta ingredientes de sua própria feitura. Quando estes são misturados, forma-se uma substância que permite ao químico materializar as mãos. Depois, com as mãos materializadas, ele constrói uma máscara que se assemelha à boca e à língua.

«O espírito que deseja falar coloca o rosto nessa máscara e verifica que ela se lhe prende; ela reúne-se em torno da boca, da língua e da garganta. Ao princípio sente dificuldade em mover este material mais pesado, mas com a prática isso torna-se fácil. Os órgãos etéricos voltaram a revestir-se de matéria semelhante à matéria física e, pela passagem do ar através deles, a vossa atmosfera pode ser vibrada e o senhor ouve a sua voz.»

Isto significa que a substância básica necessária para a produção da Voz Direta é o ectoplasma. Poder-se-ia chamar-lhe a ligação entre o físico e o etérico, pois é a substância fornecida pelo nosso corpo que, quando misturada com ingredientes etéricos, pode ser manuseada pelos Etéricos. É algo a meio caminho entre a substância física e a etérica, e atua como ponte entre os dois mundos. Aqueles raros homens e mulheres, chamados médiuns de Voz Direta, possuem este ectoplasma em muito maior abundância do que o resto de nós — já que todos o temos em menor grau —, e sendo assim a sua presença é necessária antes que a Voz Direta possa ser produzida a partir da Etéria.

Tão intrigado ficou J. Gilbert E. Wright, um químico investigador americano, com esta matéria esquiva, que se dedicou a estudá-la, acabando por enumerar noventa e seis observações diferentes sobre os seus efeitos e comportamento, mas aqui serão mencionadas apenas as mais importantes.

Sob a influência de químicos etéricos, o corpo do médium é usado como base de abastecimento de ectoplasma, e eles retiram o que podem dos assistentes; porém, em condições normais, não pode ser visto nem saboreado e não exala cheiro.

Esta substância parece difundir-se pelos tecidos do corpo como um gás e emerge pelos orifícios, porque passa mais livremente através da mucosa do que através da pele, para se tornar, por tratamento de químicos etéricos, um líquido amorfo (sem forma) e viscoso (pegajoso), que por vezes pode ser visto à luz vermelha. Agora possui algumas propriedades da matéria, pois ocupa espaço e pode ser visto. O seu peso é difícil de determinar, mas, se o médium e os assistentes se sentarem em balanças durante a sessão, o seu peso diminuirá — sobretudo o do médium —, regressando ao normal quando a sessão termina. Isto foi demonstrado por experiência.

Agora, para continuar com as minhas perguntas e as respostas que recebi.

«Ouvi muitas vezes duas, ou por vezes três, vozes a falar ao mesmo tempo. Usam-se outras máscaras nessas circunstâncias?», perguntei, recebendo a seguinte resposta:

«Sim, nessas ocasiões as condições são boas e o químico dispõe de ectoplasma suficiente para construir várias máscaras, que por vezes são todas usadas ao mesmo tempo. Isso explica que o senhor oiça mais de uma voz a falar.»

«“Onde é colocada a máscara?” foi a minha pergunta seguinte, à qual recebi a seguinte resposta:

“Normalmente, a máscara é colocada no centro do círculo. O químico mantém o máximo possível de ectoplasma dentro do círculo, mas, quando a quantidade libertada pelo médium e pelos assistentes é pequena, ela acumula-se junto ao chão, o que explica que, quando as condições são fracas, as vozes pareçam vir do chão. Por outro lado, quando as condições são boas e temos um abastecimento abundante, podemos construir até ao teto, o que explica que, nessas ocasiões, as vozes pareçam vir de cima, no alto da sala.

“A pessoa que deseja falar coloca-se no centro do círculo e pressiona na materialização ectoplásmica e então começa a falar, movendo a boca e a língua tal como vocês fazem quando falam.

“A trombeta é usada não só para amplificar a voz, mas para permitir dirigi-la para a pessoa a quem queremos falar. A trombeta é movida por varas materializadas e é controlada por alguém deste lado a quem chamamos o operador da trombeta.”»

O Etérico que disse isto comentou então que o seu colaborador, de nome Gallacher, iria agora falar. Agradeci-lhe pelo que me dissera e, em seguida, uma nova voz falou comigo com um forte sotaque irlandês. Manifestei o meu prazer em ouvi-lo falar e o meu pesar por não o poder ver.

Depois pedi-lhe que me dissesse o que ele e os outros auxiliares do seu lado faziam para tornar possível que ele e outros me falassem.

Esta foi a sua resposta:

«Quando um espírito deseja falar-lhe, assume condições terrenas a partir do seu ambiente. Nós sabemos sempre quando as vossas reuniões têm lugar. Sou responsável por manipular a trombeta. Estive ao seu lado à espera de falar consigo e alegro-me com a oportunidade de lhe dizer o que puder.

“Quando vai haver uma reunião, o químico com quem trabalho geralmente avisa-me quando vai ocorrer e pede-me que venha à hora marcada. Ele fornece uma substância e também obtém uma certa quantidade do médium e dos outros assistentes. É a combinação desta substância espiritual com o ectoplasma, retirado ao médium e aos assistentes, que nos permite materializar. Se houver o suficiente, permite que o instrumento metálico vá a todas as partes da sala e que as vozes sejam produzidas.

“Quando cheguei aqui esta noite, primeiro procurei ver onde poderia reunir mais ectoplasma. O químico obtém-no de mim e acrescenta os seus ingredientes, e então é conduzido ao local mais adequado. Eu também falo pelos que não o conseguem fazer e também pelos que podem estar a grande distância. Estes últimos enviam-me as suas mensagens como vocês enviam mensagens por radiodifusão; elas são captadas por um recetor e entregues a mim; depois eu transmito-as, dando o nome da pessoa. Limito-me a funcionar como uma Central.

“Quando os espíritos entram no círculo para falar, de facto, durante algum tempo, materializam-se parcialmente; a sua boca e língua ficam revestidas pela substância que fabricamos. Existe um nexo entre a laringe do médium e a boca e língua materializadas do espírito que fala, o que permite que as palavras formadas pelo comunicante sejam ouvidas por si. Então sentimo-nos como nos sentíamos quando estávamos na Terra. Os órgãos da fala assumem uma forma

mais espessa, a nossa língua engrossa e o mesmo sucede com todos os outros órgãos materializados.

"Não podemos ser ouvidos por si até voltarmos a pôr matéria de vibração mais lenta, e só quando encontramos alguém como o médium, que nos pode fornecer este ectoplasma, que nós moldamos conforme as nossas necessidades, é que podemos voltar a fazer-nos ouvir. O ectoplasma, porém, por si só não serviria sem a substância química que fornecemos do nosso lado. Sem ela, não se materializaria."»

«Que substância é essa?», perguntei.

«O químico está ao meu lado e diz-me para lhe dizer que não vale a pena dar-lhe os seus ingredientes, pois nada significariam para vocês na Terra. Diz, no entanto, que o produto final é uma substância pela qual as coisas materiais podem ser movidas. Nada pode ser movido sem ela. Todos os corpos físicos são compostos por muitos ingredientes diferentes, dos quais extraímos a substância a que chamam ectoplasma.»

«Podes dizer-me algo mais sobre a máscara na qual entras quando nos falas?»

«Pode chamá-la máscara ou boneco. Reunimos o ectoplasma dos assistentes dentro do que eu poderia chamar uma urna; não uma urna física. Se esperar um instante, tentarei mostrar-lha. (As mãos e os pés de Sloan continuavam controlados. Esperei, e gradualmente apareceu, bem acima da sua cabeça, um objeto luminoso que tomou a forma de um grande vaso de flores e depois desvaneceu.) Viu-o? (Sim, respondi.) Pois bem, reunimos o ectoplasma aqui e o químico acrescenta os seus ingredientes.

O produto final é matéria suficientemente lenta na vibração para vibrar a vossa atmosfera. A máscara, até ser entrado pelo espírito que deseja falar, é incapaz de falar por si mesma. O espírito tem de desacelerar os seus órgãos da fala e assim estabelece-se o contacto entre estes e a máscara. Quando o poder magnético ou psíquico é suficientemente forte, não há dificuldade em obter coesão suficiente entre os órgãos do comunicante e a máscara. Uma vez estabelecida a coesão, o material ectoplásmico move-se com os órgãos vocais do espírito. É exatamente como se revestíssemos a nossa boca e língua com este material. Ele adere-lhes e move-se com elas.»

«A máscara tem peso? Afetaria uma balança?», perguntei.

«Sim, a máscara tem peso. O ectoplasma retirado aos assistentes tem peso, e o peso dos assistentes é reduzido na proporção da quantidade que é retirada. Se se sentassem numa balança durante a sessão, veriam o vosso peso diminuir. O

ectoplasma é devolvido aos assistentes no fim da sessão e eles voltam ao normal.»

Esta afirmação, como mencionado algumas páginas atrás, foi comprovada como correta por experiência cuidadosa, com os assistentes do círculo sentados em balanças.

Certa vez perguntei o que queriam dizer quando falavam em assumir condições terrenas antes de poderem falar connosco, e foi isto que me disseram:

«Nós baixamos as nossas vibrações quando falamos convosco; é isso que queremos dizer quando dizemos que assumimos condições terrenas.»

Perguntei o que significava a expressão «baixamos as nossas vibrações», ao que veio a resposta:

«É difícil explicar como é que baixamos as nossas vibrações. É um estado em que nos colocamos que nos permite absorver o ectoplasma do médium e dos assistentes e, quando o faço, sinto-me exatamente como me sentia quando vivia na Terra.»

«E isso também explica como nos ouvem?», perguntei, ao que o Etérico respondeu:

«Ouvimos-vos falar baixando suficientemente as nossas vibrações para captar as vibrações atmosféricas da vossa voz.»

Quando terminou de falar, uma nova voz alta e clara disse que responderia a quaisquer outras perguntas que eu tivesse. Então disse: «Continue a falar. Pode dizer algo que eu ainda não tenha ouvido», e isto foi o que ouvi:

«Sinto-me como se tivesse acabado de regressar à Terra. Isto é tão interessante para mim como seria para si vir para o nosso lado e ver como isto funciona. Ficaria fascinado ao ver tudo o que se passa antes de uma voz espiritual poder vibrar a vossa atmosfera. Primeiro, Whitefeather, ou outra pessoa, informa-nos de quando vai ter lugar uma sessão; ele está sempre junto do médium e sabe tudo o que ele faz, e ouve quando ele combina uma sessão.

Depois vimos todos. Whitefeather retira o corpo espiritual do corpo do médium, o químico e os seus assistentes vêm com as suas preparações, e Gallacher vem gerir as trombetas — não que as trombetas sejam sempre necessárias; muitas vezes já nos ouviu falar sem elas. Elas apenas amplificam a voz e permitem-nos projetá-la mais facilmente para a pessoa a quem queremos falar.

“Greentree então assume o comando e diz aos espíritos presentes como e quando falar. É muito interessante ver todos os preparativos feitos deste lado, o

químico a ligar o médium e os assistentes e a extrair deles poder. Até que todos estes preparativos estejam concluídos, nenhuma voz pode ser produzida que vocês consigam ouvir. A extremidade larga do megafone ou trombeta é também usada para colocar dentro dela a boca e língua materializadas, pois dá ao espírito que fala algo onde as apoiar. Depois falamos, apontando a extremidade mais estreita para a pessoa a quem nos dirigimos."»

«Como é que deslocam as trombetas?», perguntei então, recebendo esta resposta:

«Quando o poder é suficientemente forte, a mão do espírito está materializada o suficiente para mover a trombeta e permitir-lhe segurá-la, mas noutras ocasiões ela é movida por varas psíquicas.»

Numa outra sessão, um Etérico teve dificuldade inicialmente em ser ouvido, mas quando a sua voz se tornou forte e clara, ofereceu esta informação:

«Tive dificuldades antes de conseguir a vibração hoje, mas agora já a tenho. Vou falar em termos compreensíveis para todos. Sabem o que é a rádio? Pois bem, se se afastarem só um ligeiríssimo grau da estação, há um zumbido e a mensagem não chega. Estamos a trabalhar com uma teoria semelhante. Temos de conseguir a vibração exata antes de podermos fazer passar uma mensagem.»

No fim de uma sessão, as vozes, regra geral, tornam-se mais fracas, porque o ectoplasma do médium e dos assistentes foi consumido. Uma vez, quando uma longa sessão estava a chegar ao fim, foi dada a seguinte explicação para justificar o enfraquecimento das vozes e o encerramento da sessão:

«O poder que tem estado no vosso ambiente ultimamente dispersou-se bastante e eu não aconselharia a prolongarem demasiado, porque eu não conseguiria controlar tantos, deste lado, que querem vir falar convosco, e poderia ser prematuro deixá-los entrar já. Alegro-me por compreenderem. Encerram do modo habitual e nós diremos a nossa bênção e a nossa bênção sobre vós deste lado, para que vos acompanhe quando vos retirardes. Deus vos abençoe.»

Noutra ocasião foi dada a mesma razão para encerrar a sessão:
«E agora creio que está na hora de parar. Foi retirado muito de vós, meus caros, hoje, sem o saberdes, e há entre vós quem não esteja propriamente na melhor condição para ser drenado. No entanto, deveis julgar por vós mesmos se já foi tempo suficiente. Não nos tomeis em consideração, pois estamos ao vosso serviço para fazer o que pudermos.»

A mesma informação foi-nos dada para o final de outra sessão:
«Agora o dia vai avançado. Não falo por estarmos ansiosos por ir embora, mas

pensámos que talvez já vos tivesse sido extraído o suficiente, porque sabeis que, enquanto estais sentados aqui numa Reunião — não sei como lhe chamais —, em comunhão com as pessoas que amastes na vida terrena e que foram promovidas para o nosso lado da vida, perdeis muita da substância da vossa energia física. Por vezes conseguimos devolvê-la, mas por vezes falhamos. Não é por nossa vontade, mas por incapacidade de completar aquilo que desejaríamos completar, ao restituir-vos o que foi retirado. Nunca, contudo, sereis lesados de forma alguma.»

A mãe de uma senhora presente manteve certa vez uma conversa íntima com a filha, que comentou que a voz da mãe era diferente daquela de que se lembrava. Considerando as difíceis condições em que falam, com os órgãos vocais cobertos por uma máscara de material ectoplásmico, compreende-se esta alteração do timbre da voz. A mãe respondeu à filha nestes termos:
«Janie, é-nos muito difícil conseguir que as nossas vozes fiquem exatamente como as conheceste na vida terrena. Eu continuo ao teu lado, querida.»

Um que disse ter sido um Highlander escocês quando na Terra comentou uma vez esta dificuldade:

«Foram os pensamentos fervorosos de alguns de vós, ansiosos por entes queridos que estão fora do vosso alcance no presente, que me levaram a querer tanto falar, e pensei que, se pudesse trazer apenas um pequeno raio de esperança, um pequeno raio de consolo e uma pequena palavra de amor, estaria a fazer algo ao serviço do Mestre. Deus vos abençoe a todos. Não encontro a minha voz tão clara quanto gostaria, mas, quando nos aproximamos dos ambientes do Plano Terreno, temos de usar as vibrações que nos rodeiam e pode ser impossível sintonizar as nossas vozes no tom que vós considerais inconfundível.»

Isto conclui o que me foi dito acerca dos métodos que usam para comunicar connosco na Terra por meio da Voz Direta, quando nos falam diretamente com os seus próprios órgãos vocais. Outro método é assumirem o controlo do médium. Então separam o seu corpo etérico do corpo físico e, quando isto acontece, dizemos que ele está em transe.

Antes de o estado de transe se instalar, o médium torna-se passivo e silencioso, como acontece antes de adormecer, mas, em vez de dormir tranquilamente, fala com uma voz diferente da sua. Agora está aquilo a que se chama «controlado», pois as características habituais do indivíduo desaparecem: a sua personalidade, os seus tiques, a sua sensação de dor e a sua memória dão lugar a uma

personalidade totalmente nova e invisível, que mantém uma conversa com os assistentes.

No caso de Sloan, antes de a nova personalidade falar ocorria um fenómeno singular. Uma luz azulada atravessava a sala obliquamente e aproximava-se de Sloan. Quando chegava a ele, a sua boca falava, mas não na sua própria voz. O seu controle, Whitefeather, falava e anunciava que estava agora no comando do médium. A forma dessa luz era por vezes redonda, semicircular ou oblonga, com quinze a vinte centímetros de largura, e era vista por todos os presentes — não apenas nas sessões de Sloan.

Ela foi vista noutras sessões e é referida na literatura antiga, sendo as passagens mais conhecidas o relato do Espírito de Deus descendo como uma pomba e pousando sobre Jesus. A outra é a descrição de línguas como de fogo, que pousaram sobre os discípulos quando foram cheios do Espírito Santo na sessão que realizaram no Dia de Pentecostes. (A tradução correcta de Holy Ghost é «Espírito Divino», nome que os primeiros seguidores de Jesus davam ao espírito-controle do médium.) Tal como com Sloan, cada discípulo começou então a falar com voz diferente da sua.

Quando o controle deixava Sloan, a luz azul também o deixava da mesma maneira que viera, flutuando até desaparecer, e era sempre chamada de «luz do Whitefeather».

Quando Sloan estava controlado, usavam um procedimento diferente do adotado para produzir a Voz Direta — que muitas vezes ocorria estando ele normal —, e foi isto que me disseram sobre o modo como utilizavam os órgãos vocais de Sloan quando ele estava em transe:

«Quando controlo o médium, assumo condições terrenas, desacelero as minhas vibrações e fico atrás dele. O ectoplasma encontra-se em todo o corpo humano. Quando fico atrás dele é semelhante a ficar atrás da máscara; só que, neste caso, são os próprios órgãos vocais do médium que eu movo para formar as palavras; eles movem-se em conjunto com os meus, ao passo que, quando falamos diretamente, à parte do médium, entramos na máscara e formamos as palavras com as nossas línguas temporariamente materializadas.»

«Quando controlas o médium e usas os seus órgãos vocais, o que acontece exatamente?», perguntei agora.

«Quando o médium está controlado e desejamos falar pelos seus órgãos vocais, colocamo-lo num estado passivo. Este é o estado em que ele se encontra quando está em transe. O seu espírito deixou o corpo por um período e está no

exterior. Quando ele está nesta condição, conseguimos trabalhar a sua laringe e as cordas vocais, a língua e os músculos da garganta. Não entramos dentro dele, porém; permanecemos atrás dele. Conseguimos colocar-nos num estado — ou sintonizar-nos com o médium — a tal ponto que, quando movemos os nossos órgãos da fala, os do médium se movem do mesmo modo.

«Existe um elo de ligação, etérico ou psíquico — chame-lhe como quiser — que atua sobre os músculos do médium como um diapasão sobre outro diapasão, se ambos estiverem afinados na mesma nota. Assim, os dois conjuntos de órgãos vocais funcionam em harmonia. Não há qualquer questão de as mensagens serem de algum modo influenciadas pela mente do médium, pois a mente dele não entra absolutamente em causa. Não trabalhamos através da mente dele, mas diretamente sobre os seus órgãos vocais. Tudo o que passa é exatamente como se origina na mente do espírito controlador. A mente e o cérebro do médium ficam desligados por esse tempo, e o operador espiritual controla os músculos dos órgãos vocais do médium.»

Numa ocasião, com o médium em transe, perguntei: «Onde tem estado o espírito dele desde que começámos?», e o Etérico com quem eu falava respondeu:

«Quando o estado de transe se instala, significa que o espírito do médium saiu do corpo. O seu espírito está presentemente exatamente à sua direita, não longe do corpo.»

Noutra sessão pedi uma explicação da diferença entre transe e sono, e isto foi o que me foi dito. Foi a única ocasião, que eu saiba, em que se registou algo dito através de Sloan em transe:

«No sono — isto é, o sono natural, o sono de que o corpo físico necessita —, todas as funções do corpo estão em repouso, exceto o coração, que continua a pulsar. Esse é o sono natural, mas o espírito nem sempre abandona o corpo. No transe, colocamos o espírito um pouco de lado, mas um cordão psíquico liga-o ao corpo a partir do seu corpo espiritual. Se esse cordão se partisse, a dissolução ocorreria imediatamente. Antes de podermos falar através dele, precisamos de tirar o espírito de dentro dele, completamente para fora, mas continua ligado ao corpo por este cordão de vida. Ele está agora inconsciente e fora do corpo físico. O seu espírito, neste momento, está exatamente entre o seu corpo e o senhor.

Se nada de imprevisto acontecer, ele pode regressar ao corpo exatamente como dele saiu. Se algo corresse mal na sua condição atual, o invólucro físico sofreria. Nesta ocasião reparará que lhe falo por meio dos órgãos vocais dele. Estou de pé atrás dele, mas em contacto tão estreito com esses órgãos que, tal como eu

movo a minha boca, a boca dele se move. Estou em completo controlo desses órgãos. O médium nada sabe, está totalmente inconsciente de tudo o que faço. Estou a fazer uso temporário do seu corpo, pois o poder ainda não é suficiente para falar consigo por Voz Direta.»

«Como é que o médium ouve clariaudientemente?», perguntei.
«O médium ouve clariaudientemente por nossa ação sobre a sua mente.»

Um senhor presente foi interpelado certa vez pelo seu tio, que deu o nome. No decurso da conversa, o tio comentou:

«Penso que, em tempos, não achavas que houvesse grande coisa nisto. Eu costumava sentir esse teu estado de espírito, mas, palavra de honra, agora sabes bem que é suficientemente verdadeiro. Foi uma bênção para mim e para a tua tia quando perdemos o nosso rapaz. Achei que o mundo tinha acabado quando ele partiu, mas agora estamos felizes — e juntos.»

Noutra sessão, um marido na Etéria manteve uma longa e probatória conversa com a esposa que estava presente. No final, um cavalheiro do círculo perguntou-lhe se muitos na Etéria conheciam este modo de comunicar com os seus amigos na Terra. Esta foi a resposta:

«Sr. Cameron, há miríades aqui que nada sabem deste meio de comunicação. Eu próprio não sabia muito sobre isto, em dado tempo do vosso lado, até perder o meu rapaz — e o meu rapaz, Eleanor (voltando-se para a esposa), sabes o que ele significava para mim —, e naquele dia, em casa da Sr.ª Motion, quando ouvi o meu rapaz falar comigo pela primeira vez, o mundo abriu-se de novo. Por tudo isso devo agradecimentos ao meu querido velho amigo Daddy Sloan.»

Um Etérico, que acabara de dizer à irmã — presente — que o conhecimento de que se voltariam a encontrar tornava a vida digna de ser vivida, voltou-se então para um oficial do exército, que fazia parte do círculo, e disse:

«Capitão Altree, estou certo de que também o compreende. O saber que aqueles a quem amámos na vida terrena podem voltar, tocar-vos e falar-vos é realmente uma grande dádiva, e uma grande bênção, não é?»

Certa vez foi dito o seguinte a uma senhora presente por um familiar do outro lado:

«As vossas mentes estão tão ocupadas com outras coisas que é difícil manter contacto convosco todos, e há agora tantos desgarrados perto do vosso mundo, que procuram desesperadamente entrar em contacto por qualquer canal através do qual possam comunicar com os que amam, para lhes dizer que não

estão mortos. Desejam dizer aos que deixaram para trás que estão vivos — e não mortos —, vivendo uma vida mais livre e mais plena, livres dos grilhões do corpo terreno, vivendo num ar mais puro, numa atmosfera mais pura e em ambientes mais puros. Estamos a fazer o melhor que podemos para trazer de volta connosco um elemento dessa pureza, para fortalecer as vossas almas na luta da vida, na luta que ainda vos espera.»

Não apenas uma, mas muitas vezes nos falaram da ansiedade daqueles que recentemente passaram para o outro lado em voltar e dizer aos seus amigos na Terra que estão vivos e não mortos. Foi isto que nos disse alguém que era um comunicador habitual:

«Muitos estão perto do Plano Terreno, veem as luzes à vossa volta e estão desesperadamente ansiosos por estabelecer contacto. São os pensamentos amáveis que provêm de uma reunião como esta que os trazem. Eles hão de voltar de novo. É uma porta à qual podem vir para tentar entrar em contacto com aqueles que amam na vida terrena.»

O mesmo tema foi abordado noutra sessão, falando o Etérico sobre a comunicação do ponto de vista das pessoas na Terra:

«Isto significa algo na vida, sabem, e significará algo na vida do meu lado quando vierdes para aqui, saber que fostes os recipientes de mensagens dadas a vós de tempos a tempos, que por vossa vez tendes transmitido a outros, e que os ajudarão ao longo da estrada da vida. Há muitos amigos no Plano Terreno que não tiveram as oportunidades que vós e alguns dos outros presentes talvez tivésseis para adquirir conhecimento desta verdade, e a vossa experiência será uma bênção para outros.»

Não perdemos a memória da vida terrena quando partimos, como uma avó disse certa vez à neta que estava presente:

«É uma coisa engraçada, engraçada, as memórias que se nos agarram quando voltamos para junto de pessoas como vós. Traz de volta à nossa lembrança os dias formosos que passaram um pouco para a sombra.»

Não é permitido por aqueles que dirigem a sessão, do outro lado, que nos contem tudo o que sabem sobre nós. É necessário um certo tato, pois eles sabem o que pensamos e que fazemos coisas de que não queremos que se fale. Conseguem ler as imagens que a nossa mente produz e ver as coisas que fazemos. Por isso procuram nada dizer que nos aborreça ou embarace. Dirigindo-se a uma senhora presente, um Etérico disse:

«Deus a abençoe e a proteja agora, neste momento. Penso que sabe o que quero dizer. Claro, minha pequenina, há coisas de que eu não lhe falaria diante de outros, e há coisas que pertencem ao Sr. Cameron, tal como há coisas que lhe pertencem a si — compreende. Destinam-se ao recanto espiritual da própria alma dele, para o ajudar a avançar rumo à meta da alta vocação, que está para além do vale e da sombra de lágrimas.»

O mesmo assunto foi tratado noutra sessão. Em resposta a uma pergunta, recebemos esta réplica:

«Não me é permitido dizer. Hão de encontrar razões curiosas quando vierem para o meu lado, meus amigos. Há uma espécie de censura, se me compreendem, mas somos todos irmãos e irmãs deste lado, dispostos a ajudar-nos mutuamente de todas as maneiras possíveis.»

Um assistente comentou certa vez que um dia a comunicação com o outro lado será dada por adquirida, tal como tantas coisas antes tidas por impossíveis são agora aceites como naturais. A esta opinião respondeu um Etérico:

«Muito bem dito! Está mesmo a chegar a esse ponto. Havemos de aparecer, à noite, conversar convosco e partir de novo, e tudo será considerado perfeitamente normal. Façam todos o melhor que puderem para espalhar esta verdade, por mais difícil que seja: uma palavra bondosa, um pensamento bondoso, uma boa aspiração ou boas ações. Tudo isso ajuda.»

Perguntei uma vez se guardavam registos, do lado deles, do que ocorria nas nossas sessões, ao que recebi a resposta:

«Sim, claro que guardamos registos do que acontece. Não somos enciclopédicos.»

Durante estas sessões, os Etéricos davam a conhecer a sua presença por outras formas para além da fala. As duas trombetas moviam-se pela sala durante grande parte do tempo, por vezes batendo no teto. Quando não eram usadas para falar, tocavam por vezes em diferentes assistentes e afagavam-lhes as mãos ou o rosto. Como já disse, luzes brilhantes do tamanho de meia coroa moviam-se pela sala, mas nunca podiam ser apanhadas.

Dedos e mãos materializados afagavam as mãos e os rostos dos assistentes, ou sentiam-se no cabelo de alguém, mas nunca incomodaram ninguém.

Várias vezes pensei em algo e perguntei o que estava a pensar. Imediatamente uma voz me falou e disse-mo corretamente. Foi-me dito que, quando pensamos, a nossa mente faz imagens às quais damos o nome de «pensamentos». Os

nossos pensamentos são as imagens mentais produzidas por essa substância altamente plástica chamada «substância mental», a uma elevada frequência de vibração, muito mais alta do que a frequência do nosso corpo etérico. A nossa mente molda-se constantemente em imagens e, quando dormimos, apercebemo-nos delas, chamando-lhes sonhos. No sono, não são controladas como o são quando estamos acordados, mas, controladas ou não, compõem a nossa vida e, como a nossa mente imagina, assim somos, assim é o nosso carácter, o nosso desenvolvimento mental e a nossa felicidade.

Estas sessões duravam de duas a três horas. Nenhum de nós foi de alguma forma afetado fisicamente de modo adverso por elas, mas os que eram mediúnicos sentiam-se exaustos. Sloan recuperava depressa as forças, mas um homem que eu conhecia levava por vezes uma hora ou mais até recuperar o vigor normal. Ele perdia sempre uma quantidade considerável de ectoplasma durante a sessão e parecia recuperá-lo mais lentamente do que o médium e o resto de nós.

Este capítulo conclui a primeira parte deste livro e destina-se a ser uma introdução à Parte Dois. Lemos que é necessário um médium para podermos ouvir as vozes, porque é ele que fornece a maior parte do ectoplasma de que os Etéricos necessitam para materializar os órgãos vocais. Lemos sobre as duas estenógrafas que tomaram notas exatas de tudo o que foi dito nas sessões. Aprendemos acerca do nosso corpo etérico. Este é um conhecimento vital, pois sem esta compreensão não podemos perceber como podemos sobreviver sem o nosso corpo físico. Nem podemos entender como é possível haver comunicação entre os dois mundos. Sem um corpo, a fala é impossível.

Neste capítulo aprendemos como a fala entre o mundo visível e o invisível não só é possível como de facto acontece e, agora, deixaremos este mundo da matéria física e aprenderemos o que se passa quando morremos. Depois leremos sobre o mundo que algum dia habitaremos, como são os seus habitantes e o que pensam.

Os excertos apresentados neste livro são colhidos de conversas que tiveram um âmbito limitado, porque aconteceram entre pessoas separadas em lugar e em pensamento — os Etéricos num tipo de existência e nós noutro. Exceto pelas suas memórias da vida terrena, e pelo interesse e afeto por aqueles que conheciam e que ainda estavam na Terra, os assuntos deste mundo ficaram para sempre para trás. Além disso, no que respeita à vida presente deles, como não a experimentámos, só podiam falar dela em termos gerais e em linguagem que pudéssemos entender.

É muito importante lembrarmo-nos da razão do âmbito limitado do seu poder de conversar connosco, mas, se o tivermos sempre em mente, podemos agora passar à fase seguinte da nossa investigação sobre o Grande Mundo, um lugar muito real para os seus habitantes, embora irreal para nós enquanto estamos no corpo físico.

PARTE DOIS
CAPÍTULO VI
A PASSAGEM

O pequeno grupo de homens e mulheres, cerca de dez ao todo, estava sentado em círculo, com duas trombetas de alumínio, cada uma com um pouco mais de sessenta centímetros de altura, colocadas no centro. Estávamos na escuridão; a conversa fora geral, sendo seguida por um hino para criar maior harmonia e vibrar a atmosfera. Isso ajudava os que estavam presentes do outro lado a recolher o ectoplasma do médium e dos assistentes, sem o qual nenhuma voz poderia ser ouvida.

Depois de cantado o hino, fez-se silêncio. Todos aguardavam expectantes. A relatora estava preparada, com o bloco e o lápis, para registar as vozes quando falassem. Então, do silêncio, surgiu a voz de um homem que se dirigiu a alguém presente, recebendo resposta tal como fazemos na conversa comum. A voz deu o nome do orador, que tratou pelo nome a pessoa na Terra a quem se dirigia e, quando terminou, outra voz falou com outra pessoa, que de igual modo respondeu. Foram dados pormenores íntimos e probatórios para tornar possível o reconhecimento. Assim prosseguiram as estranhas conversas: homens, mulheres e crianças do outro mundo, que materializaram os seus órgãos vocais para poder vibrar a nossa atmosfera, conversando com os seus amigos que se haviam reunido numa pequena sala de uma casa em Glasgow.

Mais uma vez sobreveio um breve silêncio, quebrado pela voz de uma mulher que todos reconheceram. Tinha partido alguns anos antes e já falara muitas vezes, com clareza e facilidade, porque conhecia as condições, tendo sido membro regular do círculo antes de se separar de nós. Tratava sempre o marido por «Papá» e, estando ele presente, foi isto que todos a ouvimos dizer-lhe: «Querido Papá, quando levaste os meus pobres e acabados despojos ao cemitério, eu gostava que não tivesses ido, porque eu não estava lá de todo. Claro que tu sabias disso.»

Não, ela não estava lá, mas é tão natural tomarmos o corpo físico pela pessoa, porque é apenas essa parte de nós que apela aos nossos sentidos físicos. A parte

que não influencia os sentidos, a parte invisível, não a apreciamos. A parte invisível de nós abandona o corpo físico na morte para iniciar uma nova vida num ambiente diferente, que vibra a uma frequência em harmonia com o corpo etérico duplicado.

Consequentemente, o indivíduo que se separou do seu corpo físico encontra-se num corpo semelhante ao que acabou de deixar e num mundo que pode apreciar. A sua mente pode agora responder às vibrações mais elevadas, porque tem um veículo em harmonia com o novo ambiente, tal como nós, no corpo físico, respondemos ao nosso ambiente físico durante a vida terrena. Assim, exceto por um corpo novo, somos os mesmos em aparência e carácter que éramos na Terra, nem melhores nem piores.

Ora, esta mulher regressou para dizer ao marido enlutado e aos amigos que, embora ausente da vista, era a mesma pessoa que fora antes de deixar o corpo terreno.

Noutra ocasião, quando um assistente se referiu a uma jovem que havia passado, uma voz — dando o nome e afirmando corretamente ser a do seu ministro quando na Terra — exclamou em alta voz:
«Sim, mas tu não viste a bela alma que deixou o esquife corporal, uma alma cheia de pureza e amor. Ela volta e fala contigo por vezes.»

O que muito aflige os nossos amigos que partiram é o facto de tantos, na Terra, pensarem neles como estando deitados nas suas campas. Aqueles do outro lado que sabem que é possível comunicar com a Terra — e são poucos — tentam, logo que possível após a chegada, dizer aos seus amigos na Terra que não estão mortos, mas muito vivos. Sendo assim, podemos compreender os pensamentos que mais ocupavam a mente de um rapaz que um dia voltou para falar com a mãe, que estava presente. Deu o seu nome e disse o seguinte acerca de si e do pai, que também tinha partido:

«Alegra-te por nós por estarmos deste lado — não estamos mortos, sabes.»
«Eu sei disso, querido Bobby», respondeu a mãe, e ele continuou:
«Sim, mas nunca penses em nós como deitados lá em West Kilbride, por detrás daquele dique. Eu nunca estive lá, querida Mãe. Vivo no teu coração e na tua memória e, quando as sombras tiverem partido e os nevoeiros se tiverem dissipado, então havemos de saudar-te aqui. Tenho tanto para te mostrar, tanto para te contar, querida Mãe.»

Noutra ocasião foi dada a seguinte certeza:

«É apenas um passo até aqui e não terás dificuldade em encontrar a porta. Estaremos a vigiar, e mãos amorosas te darão as boas-vindas na margem. Sabes que te amamos e que estaremos sempre ao teu lado.»

Este, então, é o primeiro passo que todos temos de dar na nossa viagem através das esferas. Descartamos o corpo velho, que cumpriu a sua função, e continuamos a viver no nosso corpo duplicado etérico, que sempre interpenetrou o nosso corpo físico e foi a estrutura sobre a qual a matéria cresceu e se desenvolveu.

O corpo etérico não é apenas uma inferência ou uma hipótese, pois foi visto por clarividentes, de tempos a tempos, ao deixar o corpo na morte. Eis como o célebre médium Hudson Tuttle testemunhou clarividentemente um falecimento. Nas suas próprias palavras, ele conta-nos:

«Lentamente, a forma espiritual (corpo espiritual) retirou-se das extremidades e concentrou-se no cérebro. Ao fazê-lo, ergueu-se um halo do topo da cabeça que gradualmente aumentou. Em breve se tornou claro e distinto e observei que tinha a exata semelhança da forma que deixara. Subiu, subiu cada vez mais, até que o belo espírito se ergueu diante de nós e o corpo morto ficou reclinado em baixo. Um fio subtil ligava ambos e, diminuindo gradualmente, foi, em poucos minutos, absorvido — e o espírito abandonara para sempre o seu templo terreno.»

Sob a orientação da nossa mente, que controla o novo corpo como controlava o antigo, saímos do corpo terreno pelo topo da cabeça para, quando se quebra o pequeno cordão entre os dois corpos, chegarmos a um novo ambiente. Os nossos velhos arredores passaram, deixámos de os sentir, e uma vida nova abre-se diante de nós. O que isso significará para nós será dito no capítulo seguinte. Esta experiência sucedeu a todos os que viveram na Terra; sucederá a todos os que agora vivem na Terra e a todos os que aqui viverão nos anos vindouros.

Sabemo-lo porque a voz de alguém que fizera a mudança disse um dia aos presentes:

«A morte não é o fim, mas o princípio. Creio que é uma marcha triunfal quando deixais o físico — se a vossa vida foi passada como deveria ter sido. Se for assim, é uma marcha triunfal para o lado espiritual da vida, que é um caminho de glória do princípio ao fim. Estou a falar por vós e por mim tal como fui até aqui. Quando, antes de partirdes, percebeis que tendes o vosso dever a cumprir na vida terrena e, desde que o cumprais, passareis para uma forma de vida mais luminosa e gloriosa. Foi assim que eu fiz a marcha triunfal através da fronteira. Espero que essa seja a vossa sorte quando chegar a vossa hora. Sabem que aqui

não há acerto de contas? Ficam todos acertados antes de chegardes, e também o caminho fica claramente traçado — o caminho por onde viestes e também o caminho por onde deveríeis ter vindo. Lamento dizer que nem sempre trilhei o caminho certo.»

A voz que proferiu estas palavras dizia vir de um homem que fora, no seu tempo, um banqueiro bem conhecido em Glasgow e alguém tido em grande estima. Deu o nome e a morada terrena a um cavalheiro presente, que conhecera bem na Terra, e falou-lhe de coisas que haviam feito juntos. As suas palavras surgiram claras e precisas, sem hesitação — tal como as de muitos homens, mulheres e crianças cujas palavras se registam neste livro.

Certa vez fez-se ouvir a voz de alguém que disse ter sido clérigo na Terra. Deu o nome e a morada terrestre, e disse o seguinte:
«Para aqueles que perderam, ou pensam ter perdido, entes queridos, que possam adquirir um saber como o vosso — o de saber que os seus queridos apenas transpuseram a fronteira da vida e foram para um mundo muito mais feliz. Deus vos abençoe, e que agora a paz e a bênção, a comunhão e o convívio dos que estão na vida espiritual possam vir e misturar-se com os que estão na Terra, animando-os e sustentando-os no caminho da vida, até que também eles avancem para coisas melhores.»

Quando se perguntou um dia pela localização do mundo etérico, foi dada a seguinte resposta lapidar:

«Não se apoquente em saber onde fica o Mundo do Espírito — lá estará, e bem, quando chegar o momento, todos vós. O que eu gostaria de vos dizer é que vos prepareis do vosso lado da vida, para que, quando vierdes, possais ocupar um lugar razoável e assumir uma responsabilidade razoável do lado espiritual.»

A ênfase recai sempre sobre a nossa responsabilidade pessoal e sobre o facto de, na Terra, estarmos a preparar o nosso lugar no além. É agora que estamos a fazer as nossas condições futuras.

«Lembramo-nos da nossa vida terrena?», perguntou alguém, recebendo esta resposta:

«Até certo ponto, lembramo-nos de tudo quando passamos, mas as coisas que sucederam no corpo e que não vos beneficiam do lado espiritual vão-se esbatendo gradualmente.»

Qual será, então, a nossa última experiência na Terra? Isto foi dito a uma senhora, noutra ocasião, pelo avô — embora ele não dissesse que acontecia a toda a gente:

«Todas as belas cenas do passado que esqueceste — cenas da tua vida terrena — hão de passar ante ti como uma visão panorâmica e trazer tudo de volta. É algo que muitas vezes se revela aos que estão mesmo a partir, no último instante. Tenho a certeza de que já ouvistes, por quem vos rodeia, que alguém prestes a morrer estava a falar de velhas cenas mesmo antes de expirar. Era apenas a visão panorâmica a passar-lhe diante. Deus te abençoe, minha querida.»

Depois de passar para o outro lado, toda a dor e doença ficam para trás. A mágoa vem da separação daqueles que ficam na Terra, mas o recém-chegado é recebido por amigos que já fizeram a mudança. Para eles, o que teve lugar é motivo de júbilo, porque o que causa tristeza na Terra dá prazer na Etéria.

Eis o que foi dito certa vez a uma senhora presente:

«Não há linha divisória entre os corações que batem em harmonia e amor, e a passagem de um do lado físico para o lado espiritual da vida não os separa. Sim, não há linha divisória alguma. Aqueles a quem mais amaste, minha pequenina, os que estão mais perto do teu coração — quero dizer, do coração da tua vida terrena — serão os que virão para muito perto de ti quando passares, e tu reconhecê-los-ás, por muito tempo que tenham estado deste lado.»

A morte — ou a chegada ao mundo etérico — não é a travessia de vastos espaços, pois sempre estivemos nesse mundo, embora não o soubéssemos. A morte é uma mudança na apreciação das vibrações em que vivemos. É como mudar de um programa de rádio para outro. O nosso corpo etérico responde a uma frequência mais elevada das vibrações que nos rodeiam e, por conseguinte, quando partimos, a princípio estamos no mesmo lugar onde nos encontrávamos quando vivíamos na Terra.

Depois, com a consciência e a saúde recuperadas, elevamo-nos ao plano para o qual estamos preparados; mas, ao princípio, os nossos arredores são tão semelhantes aos da Terra que alguns têm dificuldade em perceber que deixaram a Terra — até encontrarem os amigos que haviam feito a mudança antes deles. Assim, acabam por compreender que a morte é uma experiência que ninguém precisa temer, pois é indolor e semelhante a adormecer — para despertar num corpo novo, num país belo, onde os amigos esperam para nos dar as boas-vindas. Todos nós teremos um dia uma experiência maravilhosa, mas apenas poucos o sabem.

Até compreendermos o que é a morte, não podemos compreender o que é a vida — e esta reflexão profunda será apreciada à medida que prosseguirmos a leitura.

CAPÍTULO VII
A CHEGADA

O viajante, feita a jornada, é geralmente recebido, à chegada, por familiares ou amigos. A passagem em si foi pacífica e sem esforço — como adormecer num lugar e acordar noutro. Tudo o que fora estimado na Terra ficou para trás e tornou-se memória.

Por um momento, está nu num mundo novo, sendo o corpo etérico — semelhante ao corpo terreno — a única coisa visível que pode chamar sua. Sente-se nu e pensa em roupa — que imediatamente lhe surge no corpo. Ali, a ideia é criadora e, consequentemente, a roupa aparece em torno dessa substância nua e, quando os amigos vêm saudá-lo, o seu amor-próprio regressou. Já não se envergonha da nudez.

Eis como alguém que viveu esta experiência no-la descreveu:

«Há tantas coisas deste lado da vida que ainda não podeis compreender. Pois claro que não — eu próprio não as compreendia quando cheguei primeiro. É um desdobramento gradual. Enquanto estava na vida terrena, eu costumava interrogar-me sobre que espécie de vida seria esta e que roupas teria do lado espiritual da vida. Na verdade, perguntava a mim mesmo se existia, de facto, um lado espiritual; esperava que sim, mas não tinha certeza. No dia em que saí do corpo senti-me muito só. Sabia que estava fora do corpo e tinha medo. Olhei para mim e vi que estava nu — e então uma voz, saída da névoa, disse-me: "Vem, meu irmão, e não temas." Aproximei-me da luz e, mal me aproximei da luz, fiquei imediatamente trajado.»

O pensamento na Etéria é uma realidade muito maior do que nos parece na Terra. Os objetos lá — existentes em subtileza etérica — são tão reais para os Etéricos como os objetos são para nós na Terra; mas a criação pode dar-se pelo pensamento, no que se poderia chamar substância-pensamento. Na Terra, primeiro idealizamos a nossa criação e depois desenvolvemo-la com as mãos, quando ela se torna real para nós e para outras criaturas pensantes; lá, porém, a imaginação parece poder criar ou moldar essa substância subtil sem necessidade de mãos.

Assim, moldam as suas roupas, as suas casas e os temas que lhes são mais caros pelos seus pensamentos — que, deste modo, se tornam reais para eles e para os outros. Por vontade coletiva podem criar o que desejam e desfazer o que desejam. Como pensam, assim são — e é por isso que insistem tanto no nosso desenvolvimento mental na Terra. Esta diferença entre os dois mundos é difícil

de apreender e é uma das muitas surpresas que experimentaremos quando chegarmos ao outro mundo.

A surpresa parece ser o sentimento predominante dos recém-chegados. Foi isto que nos disseram acerca da sua primeira condição emocional:

«O mais surpreendente para muitos é descobrirem que estão exatamente na mesma e que não estão no Céu nem no Inferno. Estão apenas onde o bom Deus entendeu que deviam estar por enquanto. É um mundo belo. Aqueles que deixaram para trás são a sua principal preocupação, e o seu maior desejo é conseguirem entrar em contacto com eles e fazê-los saber que continuam vivos. Esse desejo será atendido a seu tempo, quando tiverem um pouco de descanso e se tiverem recuperado da travessia.»

A doutrina cristã tem induzido as pessoas em erro quanto ao Céu e ao Inferno, e a parábola do rico e de Lázaro é, sem dúvida, largamente responsável pelo dogma de que Céu e Inferno são lugares separados e de que há entre ambos um grande abismo fixo que nenhum dos lados pode transpor. Isto, dizem-nos agora do outro lado, é completamente falso. O Céu esbate-se no Inferno e o Inferno esbate-se no Céu por inumeráveis gradações impercetíveis. Cada plano está adiantado relativamente ao plano inferior e, consequentemente, dos planos mais baixos para os mais altos há um sistema graduado de progresso. Cada passo em frente implica uma capacidade acrescida e um aumento no poder de fruir a paisagem bela e o clima perfeito.

Muitas vezes nos falaram dos amigos que estarão à nossa espera quando chegar a nossa vez de fazer a mudança chamada morte. Eis o que um deles disse:
«Estão todos à espera no Portão Dourado e, quando o sol brilhar sobre ele, a Terra esvanecer-se-á. Uso o nome "Portão Dourado" como expressão, simbólica da entrada do lado físico para o lado espiritual da vida, onde todos vos tornareis a encontrar e não há separação. Aqui todos os mal-entendidos se desfazem, e as pequenas picadas já não picam, e cada fio embaraçado fica para sempre alisado. Aqui somos todos irmãos e irmãs, ajudando-nos e animando-nos mutuamente na nossa jornada eterna pela vida.»

Um familiar, na Etéria, de uma senhora presente disse um dia:
«Terás muitas belas surpresas quando vieres para aqui, e uma delas será quando encontrares a tua Mãe. Foi a melhor senhorinha que alguma vez conheci na vida terrena.»

Um escocês disse-o desta maneira:
«Eu não estou morto, sabes — nenhum de nós está morto. Limitámo-nos a

alcançar a terra da luz suprema, que refulge tão brilhante ao longe. Chegámos ao nosso lar eterno. Encontrámos os nossos amados lá.»

Ajuda, orientação e conselho amigo estão sempre disponíveis para o recém-chegado. Isto foi dito durante a Segunda Guerra Mundial, quando tantos estavam a passar muito jovens:

«Ninguém fica sozinho ao chegar aqui; nem um só passa a fronteira sem que alguém ministrante o receba, e têm mais sorte os que encontram os seus próprios amigos. Muitos dos que estão a chegar neste momento não têm consciência da sua passagem. Pouco ou nada pensaram no lado espiritual da vida enquanto no Plano Terreno e estão muito confusos. Não foram ensinados no caminho de vida em que vós, meus amigos, fostes. Vocês sabem, em linhas gerais, o que esperar, mas eles não tinham esse conhecimento.»

Noutra ocasião, recebemos esta descrição gráfica do que a passagem significou para alguém que tinha esperança, mas carecia de conhecimento:
«É apenas uma voz da outra margem, para onde todos vós estais a viajar, mas sois mais afortunados do que alguns de nós. Fizemos a jornada, em tempos idos, sem o vosso saber e entendimento. Quase todos vós tendes algum entendimento da vida deste lado. Não me refiro aos presentes, mas às pessoas em geral, que sabem mais positivamente que há algo para além do terminal.

Para mim era um problema. Não descria, mas não conseguia apreender plenamente. Ó alegria das alegrias, quando chegou o momento em que atingi o fim da estrada! Já não tive dúvidas, nem incertezas, acerca do outro lado da vida. A luz refulgente que me saudou ao sair do velho casebre de barro dissipou todas as dúvidas, e aquele rosto querido, que eu amara há tanto, tanto tempo, foi o primeiro a sorrir-me. Eu via a luz da outra margem enquanto ainda no corpo. Esperava por ela, mas não tinha certeza. Esperava — e ousei pensar que as minhas esperanças se realizariam — e, ó alegria das alegrias, justamente quem eu mais queria foi o rosto querido que, através das brumas, baixou até mim.»

Outro exprimiu-o assim:

«Há muitas formas luminosas no outro lado da vida à espera de vos saudar quando vierdes, todas vos amando como eu amo aqueles que deixei na vida terrena. Não poderíeis deixar de amar quando tendes alguém como eu tenho para amar.»

Os que estão tristes e cansados na Terra podem receber este conforto:
«Não há uma alma cansada do nosso lado da vida. Se há cansados quando chegam primeiro, há sempre quem os ajude e lhes mostre o caminho.»

Para que possamos reconhecer os amigos que nos precederam, quando chegar a hora de os saudar de novo, eles fazem-se ver como os conhecemos na Terra: «Aqueles que vos amam do vosso lado da vida e que chegam aqui antes de vós manter-se-ão junto do vosso plano e tentarão "apanhar-vos" exatamente como vos deixaram nos velhos tempos, e então todos progredireis juntos. Nada se perde. É apenas um caso de "foi adiante" por um bocadinho. Nada se esquece. Não há boa ação, nem pequena bondade mostrada, nem pequeno bom pensamento no fundo do vosso coração que não seja tido em conta — e que não vá aperfeiçoar e embelezar essa vossa alma emancipada quando ela sai do físico para o lado espiritual da vida.»

A ênfase recaía sempre sobre conduta e carácter. Conforme semeamos, assim colheremos; como formos aqui, assim seremos lá.

«Cabe a cada um de vós ter uma bela morada do lado espiritual da vida, um lar belo. Estais a assentar-lhe as fundações enquanto percorreis a Terra, cada um de vós. Conservai a clara luz resplandecente do Pai diante de vós enquanto percorreis os caminhos tortuosos da vida terrena, até que, no Seu bom tempo, Ele diga: "Vem; e assume os teus novos deveres do lado espiritual da vida." Então encontrareis os adornos do vosso labor plasmados na morada que está preparada para vós. Deus vos abençoe e vos ajude a construir um lar belo.»

Cada um de nós ocupará o lugar para o qual está apto, porque a mente de cada um determina exatamente o nosso destino.

«Tendes um corpo tal como agora tendes. O amor é a "força propulsora". A pessoa que mais amais há de atrair-vos como um íman quando chegardes aqui. Ela está a preparar-vos agora uma casa. O lugar onde ides "dar à costa" depende da vida que haveis levado no corpo. Não vos exalteis convosco próprios, nem concentreis o pensamento no que podeis fazer por vós, mas confiai no grande Deus Pai para vos guiar pelo caminho reto.

"Disse-se: 'Na casa de meu Pai há muitas moradas.' Estas são 'estados', não aquilo que muitos pensam que a palavra implica — e não podeis adquirir esses estados sem vos afinardes, ainda no lado da vida onde estais agora, e depois de chegardes para aqui, pois lembrai-vos: há progresso mesmo na vida terrena."»

Um homem, bem conhecido nos meios empresariais de Glasgow antes de partir, vinha muitas vezes falar com a esposa, que era assistente habitual. Foi isto que nos disse certa vez:

«Do turbilhão da vida alcancei a terra que eu, de forma vaga, sabia existir. Acreditava nela — mas vagamente. Não percebia a sua realidade com a exatidão

com que a minha amada companheira percebia, e como ela gostaria que eu tivesse percebido. Não tinha o conhecimento claro que ela tinha, mas agora sei que isto é o que está certo. Encontrei aqueles que tanto amei. Há algo intrinsecamente correto e supremamente precioso em cumprir o próprio dever na vida terrena — sabeis o que quero dizer. Cada pequeno dever fiel, cumprido, que pesava na consciência ou no pensamento, será tido em conta. Reconheço, ao passar, quanto perdi daquilo de que vós, queridos amigos, de tempos a tempos fostes imbuídos — o conhecimento do contacto com o lado espiritual da vida.»

Alguém, no círculo, perguntou um dia a um Etérico em que plano se encontraria; recebeu esta resposta direta:

«Bem, isso depende da vida que tenhas vivido na Terra. Irás exatamente para o plano mais ajustado ao ambiente da vida que levaste. Compreendes, espero, o que quero dizer.

«Depende primeiro da vida que tenhas vivido na Terra e, do lado espiritual, da atitude da mente no teu corpo espiritual quando chegas aqui — em que condição chegarás. Isso depende inteiramente de ti, das próprias pessoas — sabes o que quero dizer. Depende da vida que tenhas vivido no corpo e do que tenhas feito para ajudar os outros e servir a causa do Grande Mestre, sem qualquer pensamento em ti mesmo, mas para a grande glória de Deus e para a expansão do Seu Reino.»

Do que antecede, reparamos no efeito da mente sobre o corpo etérico. A mente determina as vibrações do corpo etérico e as vibrações determinam o plano em que viveremos.

Noutra ocasião disseram-nos:

«A vossa receção — e o lugar que ocupais imediatamente quando chegais a este lado da vida — corresponderá à condição que haveis construído na Terra. Depois, não há limite para a vossa expansão, mas eu gosto de estar perto do Plano Terreno, porque sinto que posso ajudar os que estão a chegar. Elevo as minhas súplicas ao Grande Regente de todos os mundos — Aquele que os fez a todos — para que esta velha Terra que eu costumava habitar encontre em breve a paz. Unamos as nossas orações; uma cadeia de oração é uma coisa boa, uma coisa poderosa — se tendes fé para acreditar nisso. Vou despedir-me agora. Todos vós pareceis "couthy" (bondosos) e "canty" (bem-dispostos) e simpáticos. Deus vos abençoe.»

Todos os que levam uma vida decente, altruísta e boa na Terra, e pensam nos outros bem como em si mesmos, hão de descobrir que tudo está bem quando fizerem a mudança. A fé religiosa é um auxílio e um consolo para muitos na Terra, mas ninguém deve confiar em crenças de credo para garantir um lugar no além. Este será determinado pela nossa vida, pelos nossos pensamentos, pelas nossas aspirações e pelas nossas obras. Assim nos foi dito:

«Quando deixardes o corpo, descobrireis — se a vossa vida não tiver sido um serviço unilateral apenas para vós, mas serviço a Deus e ao homem, não de boca, mas num esforço consciencioso para ajudar os outros — que tudo estará bem convosco quando fizerdes a travessia. São estas as coisas que contam.»

Durante a Segunda Guerra Mundial falou-se muito das inúmeras vidas que estavam a ser sacrificadas na Terra e da sua chegada a um mundo novo. Uma vez ouvimos isto:

«Não tendes noção da multidão de espíritos que está a chegar ao outro lado da vida neste momento, e é uma tarefa enorme tentar ajudar a todos.»

Ir ao encontro deles e ajudá-los ocupava-os tanto que, de tempos a tempos, davam isso como razão da sua ausência em sessões anteriores. Quando, certa vez, se perguntou por um amigo do outro lado, os assistentes foram informados por uma Etérica — mãe de uma senhora presente — de que:

«Não o vejo neste momento. Estamos todos tão ocupados. Ora bem, Sr. Hart, o senhor é o matemático. Saberá quantos milhares e milhares de queridos rapazes estão a chegar, e é difícil entrar em contacto com o certo. Tentamos ajudá-los tanto quanto podemos. Estamos todos a caminho de casa. Falo para todos vós. As pessoas que normalmente vêm ter convosco, em casa da Sr.ª Lang, não podem vir facilmente agora. Estão ocupadas com outras coisas. Já não me esqueço das coisas, Crissie. Tenho a certeza de que devo ter sido uma tremenda maçada para ti, querida, mas agora tenho a memória de volta.»

Por vezes, encontravam as condições difíceis durante a guerra:

«Estamos todos, cada um de nós deste lado, encantados por vir, mas é difícil conseguir passar nas condições atuais. Se não conseguirmos falar convosco devidamente neste momento, tentaremos voltar noutra altura.»

O que se segue será um conforto para quem perdeu familiares e amigos durante a guerra:

«Que vos console saber que, embora estejam a chegar agora milhares e milhares, há multidões de espíritos ministrantes a trabalhar para ajudá-los a

entrar na senda da paz. Emani os vossos pensamentos e o vosso amor, e faremos tudo o que pudermos para ajudar.»

A mudança de um tipo de vida para outro foi tão súbita para tantos que a maioria destes sinistrados de guerra ficou confusa e teve dificuldade em perceber o que acontecera. Dirigindo-se a um cavalheiro presente, um comunicante do outro lado disse-lhe:

«Sr. Cameron, penso que, por vezes, se pudesse apenas espreitar para além do véu neste momento e ver o caos entre os dois mundos, isso fá-lo-ia refletir — e o grande impulso de todos estes rapazes que estão a ser atirados para aqui agora é encontrar alguém, alguma forma, de dizer aos seus amigos que não estão mortos. É um mundo muito real, amigos — muito real — e não aquilo que me levaram a esperar, um céu onde só havia cânticos e orações. É um mundo movimentado neste momento, e estou a trabalhar arduamente nele.»

Um assistente não percebeu por que razão o orador usou a palavra «caos» em referência ao outro mundo e assim o disse. A resposta foi que não é o outro mundo que está em caos, mas a mente de tantos recém-chegados. Estas foram as suas palavras:

«Falo do caos e da confusão de milhares de almas que estão a chegar ao lado espiritual da vida, atiradas para cá antes do tempo. Compreendem o que quero dizer. É tão antinatural para nós — e para mim, pessoalmente. Considero uma tragédia esta matança, matança, a fazer desembarcar na margem eterna da vida milhares de pessoas que não estão preparadas para a jornada, ficando a cargo de humildes servidores, como eu, tentar indicar o caminho. Há um ponto belo nisto agora — se é que pode haver um ponto belo — e é o facto de que eles depressa se apercebem de que já não estão no corpo e de que estão deste lado.»

Esta dor por a vida terrena ser interrompida para tantos foi assim expressa noutra ocasião:

«O que tanto nos entristece aqui é ver os jovens, os nobres e os bons introduzidos neste lado da vida justamente quando teriam sido de tanta ajuda para a humanidade. Sabem o que quero dizer. Hão de, contudo, continuar a reagir e a influenciar-vos deste lado quando chegarem. Vou-me agora. Bom dia.»

E novamente nos disseram:

«É uma tragédia. Vai para além de todas as palavras, e não é a Vontade do Grande Pai. São os pensamentos do homem e a inumanidade que isto causaram. Não é desejo dos Grandes do meu lado da vida, mas os pensamentos confusos

que estão no coração das pessoas no mundo de hoje é que trouxeram esta tragédia. Se tivessem conhecido esta Verdade, os que provocaram esta catástrofe nunca o teriam feito. Deus vos abençoe, amigos.»

Noutra altura, alguém presente disse a um Etérico do outro lado que a guerra é causada pela ânsia de poder e de lucro, e provocada pela falta de entendimento.

«Essa é a causa real — falta de entendimento. Há muitos, no vosso mundo de hoje, com pés de barro, mas eles também um dia compreenderão. O amor de Deus supera tudo.»

Ignorante de como viver na retidão na Terra, e ignorante do que o espera quando morre, o homem desperdiçou os seus bens na guerra e na superstição. Assim, a maioria chega ao outro lado perplexa, até que a façam compreender a verdade e o que realmente lhe aconteceu. Quando um de nós disse supor que muitos dos recém-chegados não saberiam onde estavam, foi dada esta resposta:

«É isso mesmo: fazê-los compreender, pois alguns estão a chegar com ideias tão confusas acerca do outro lado da vida que é difícil ajudá-los.»

Uma criança no outro mundo comentou um dia:

«Ficaríeis surpreendidos se soubésseis que exército de pequeninos está a ajudar nesta obra, pois eles chegam à nossa bela terra sem qualquer conhecimento do que os espera. Vêem-nos felizes e querem juntar-se e ser felizes também.»

Foi-nos dito que ninguém precisa de estar ansioso pelos que sacrificaram a vida durante a guerra:

«Não precisais de vos preocupar com os que estão a passar. Não há zona de batalha, em todo o vosso plano — seja em terra ou no mar —, que não tenha milhares de Anjos Ministrantes para ajudar os que sofrem. Mesmo os que ficam muito destroçados não sentem dor. São levados com muita suavidade para o outro lado por aqueles que se dedicam a este trabalho misericordioso. Não serão deixados a sofrer ou a entristecer-se. Lamentamos, isso sim, os que ficam para os chorar — sobretudo os que não têm a esperança luminosa e o conhecimento que tendes aqui, os que sabem que os queridos que partiram estão fora de todos os cuidados e tribulações, que as suas lutas terminaram e que estão, afinal, em casa entre amigos.»

Disseram-nos noutra sessão:

«É bom saber que, depois do turbilhão e das tribulações da vida, podemos chegar a este porto de descanso, esta morada de paz, e que ainda podemos fazer o que quisermos para ajudar-nos uns aos outros no caminho da vida. Estou

a tomar conta de alguns dos queridos rapazes que estão a chegar agora, e que têm mães na vida terrena tristes por eles, a interrogar-se sobre como poderá ser vontade de Deus que tenham sido levados. Procuramos incutir-lhes que os seus rapazes podem continuar muito perto delas — mas o meu dever não termina aí.

"Eu encontro esses rapazes e procuro confortá-los com o conhecimento de que terminaram agora com a vida terrena e entraram numa vida nova e mais plena."» Outro disse:

«É muito difícil sintonizar com as vossas condições agora. As vibrações à vossa volta são tão difíceis de gerir e retira-se mais energia das nossas reservas para tentar facilitar o caminho, mostrar a luz, abrir a via aos que estão a fazer a travessia por causa desta Guerra — e isso é um belo dever: sentir que podemos trazer consolo a alguém, convencê-lo de que já não é inquilino do seu corpo terreno.»

E, certa vez, foram expressas estas palavras de simpatia:

«Deus vos abençoe a todos, e que o Grande Mestre de tudo tenha piedade do velho mundo de hoje e dos corações tristes nele, dos que sofrem e de todos os que sofrem com eles — e que esta contenda seja depressa levada a um fim. Ámen. Ámen.»

Agora, uma última citação sobre os que passaram por causa da guerra e dos seus efeitos:

«Estamos a fazer o melhor que podemos por vós. Não é fácil orientar o curso das coisas no mundo de hoje — nem do nosso lado, nem do vosso. É difícil entrar em contacto com os que estão a passar e depois ir tentar consolar os que perderam, por algum tempo, os seus entes queridos — pois nem todos têm o belo conhecimento e o belo entendimento que tendes aqui, de que, no corpo, não temos cidade permanente e de que todos passaremos, no bom tempo de Deus, para A Grande Realidade.

"Há uma tal massa de humanidade a entrar no lado espiritual da vida neste momento que vai para além da compreensão das vossas mentes — e nós não o conseguimos pôr em palavras —, mas talvez o diga assim: 'É difícil pô-los em ordem.' Creio que entendereis o que quero dizer. Alguns estão dispostos a ouvir e outros são simplesmente obstinados e relutantes em ser conduzidos pelo caminho que sobe e avança. Digo que permanece possível para vós, na vida terrena, que compreendeis, projetar a vossa simpatia e o vosso amor para os que passaram por esta guerra e deixar que os vossos pensamentos bondosos se dirijam a eles como camaradas e amigos — porque é admirável como, deste lado

da vida, eles rapidamente se apercebem da coisa tão, tão tola que foi andarem a matar-se e a odiar-se uns aos outros, e o sentimento de inimizade depressa se esquece.

"Os vossos pensamentos amorosos e orações podem ajudá-los a chegar mais depressa a esta conclusão. Se pudessem apenas compreender a condição de caos em que eles chegam, enviariam todo o amor possível; mas são imediatamente entregues às mãos dos mais aptos para os ajudar. Cada pensamento amoroso que nós damos ajuda-os — e cada pensamento amoroso que vem dos que estão do lado terreno da vida é imediatamente dirigido para aqueles que mais precisam dele."»

Seguem-se agora algumas observações gerais. Eis o que disseram os amigos na Etéria aos seus amigos na Terra, presentes nestes pequenos encontros. Durante uma conversa, o avô de uma senhora presente comentou:

«Hão de ficar surpreendidos com a quantidade de pessoas que encontrarão quando vierem para junto de nós — pessoas que praticamente saíram da vossa lembrança.»

Noutra ocasião, o filho, na Etéria, de uma das assistentes disse a todos os presentes:

Quando vens para aqui há uma grande alegria e satisfação em reencontrar amigos que conheceste no pedregoso caminho da vida, que tropeçaram talvez e caíram um pouco, mas que sempre se reergueram e tentaram marchar firmemente em frente até que o velho invólucro de barro fique para trás, e o espírito, o verdadeiro homem e a verdadeira mulher, surjam para viver uma vida mais nobre, mais elevada e mais perfeita.

Outro exprimiu a esperança de que

"Um dia o véu será afastado, e espero que seja afastado de uma forma bela, que vos introduza na terra do espírito junto daqueles que amais. Que a Paz, a Alegria, que vêm do grande 'Eu Sou', estejam nos vossos corações, mentes e almas hoje, e guardem os vossos passos ao longo de toda a vossa jornada na vida, preparando o caminho para o vosso belo lar, fazendo com que os que estão deste lado se alegrem com os vossos esforços e sucessos, e vos deem uma entrada jubilosa na vossa vida deste lado."

Quando um participante idoso comentou que já não tinha muito por que viver, um homem em Etéria encorajou-o com estas palavras:

"O mundo está apenas a começar para ti, meu caro velho amigo. Um mundo belo está apenas a começar. Embora os teus amigos estejam fora da vista, eles estão apenas a recomeçar numa nova e gloriosa experiência de vida. Todos tereis essa experiência a seu tempo. Não te preocupes, não desfaleças pelo caminho. Pega em todas as pequenas cruzes que encontrares na tua jornada. Carrega-as nobremente. Elas são os degraus para o dia mais luminoso e para o mundo mais brilhante além, quando, cumprido o dever e terminado o labor, regressares enfim a casa. Deus te abençoe."

Outro espírito lamentou-se ao chegar à nova vida. Disse à esposa, que estava presente, estas palavras:

"Gostaria de ter compreendido melhor isto quando estava convosco. Percebo agora que perdi muito. Se tivesse aproveitado a oportunidade de conviver com esses bons amigos teus quando estava na vida terrena, teria compreendido mais quando cheguei deste lado."

Um orador frequente enviou esta mensagem à sua noiva. Foi-lhe transmitida:

"Diz à Mary, num bilhete, alguém transcrevê-lo-á por ti e enviar-lho-á, diz-lhe que estou à espera no Portal Dourado até que amanheça, a tempo certo de Deus, quando a sua pequena peregrinação terminar. Estarei lá de braços abertos para receber a minha Mary. Deus te abençoe, Mary, do teu John Hardman."

O Sr. Sloan, o médium, perguntou então a alguém no círculo há quanto tempo o Sr. Hardman tinha morrido, sendo logo respondido pelo próprio Hardman:

"Não morto, John Sloan, mas vivo, e estive por muito tempo na terra do assombro. Explicar-to-ei, e espero que me perdoes por tomar tanto do teu tempo. Vês, eu não acreditava na vida depois da morte, e quando cheguei aqui fiquei atónito com o espanto do conhecimento de que tudo era verdade. Não merecia a bondade que me foi dispensada por aqueles que vieram ajudar-me. Soube então que tinha cometido um erro. Está tudo acabado agora, e tentarei ajudar-vos, a todos os que vierem aqui, se a oportunidade surgir, de tempos a tempos. Sei o que é sentir solidão. Foi assim que me senti quando cheguei, até que alguns amigos me tomaram pela mão e me guiaram bondosamente. Obrigado pela vossa bondade e consideração em escutar-me. Não vos interromperei mais agora. Quando digo 'Deus vos abençoe', não é apenas uma fórmula. Digo-o com toda a sinceridade."

Noutra ocasião Hardman disse:

"É uma longa distância deste lado até ao vosso, mas chamo-vos agora e agradeço-vos, a muitos de vós nos belos arredores desta casa, o conforto que

me destes desde que vim para este lado da vida. Eu era uma das almas desalentadas da vida terrena que tinha uma perspetiva muito pobre para o fim da vida. Parti em trevas e medo, mas fui trazido à luz deste lado da vida pela instrumentalidade dos amigos que encontrei no vosso meio (os espíritos que vinham às sessões).

"Gosto das auras que vejo em torno de vós, porque sei pelas cores que não há aqui presente quem não ajudasse onde fosse necessário, e digo-vos que nunca há palavra ou pensamento amoroso que se dirija a alguém do nosso lado que não chegue imediatamente à alma a quem se destina, se enviado da forma correta. Podeis pensar que não ouvem, mas recebem-no de imediato.

Eu não acreditava que houvesse vida, vida consciente, após a morte física, mas encontrei um lar eterno, e agora aguardo o tempo do Grande Mestre para avançar ao Seu serviço. Rezo para me seja permitido ajudar todos os que deixei ainda no corpo e que não conhecem esta verdade, para que não sigam o caminho que eu trilhei, mas que os seus passos sejam conduzidos para o caminho que lhes mostrará a via, como vós neste pequeno Encontro a compreendeis. Então passarão para este lado da vida com confiança e alegria, e não com medo. Eu sou John Hardman."

Noutra altura Hardman disse:

"Deus vos abençoe a todos, e por cada pequena palavra e pensamento que me enviastes durante o meu tempo de teimosia após a passagem, e que sei que muitos de vós me enviastes, os que me conheceram nesse tempo, digo obrigado. Serão um adorno nos lares que o Grande Pai preparou para vós no lado espiritual da vida, e pelo amor e auxílio que haveis dado à minha Mary agradeço-vos a todos."

Todos chegam ao outro mundo após a morte, tanto crentes como descrentes. Contudo, quanto mais se sabe sobre ele, menos estranho e surpreendente se sente à chegada. Durante uma conversa, isto foi dito por um amigo falecido de um dos presentes:

"Pela forma clara como retratas os meus pensamentos, agradeço-te muito, muito, e pela bondade de suportar-me, todos vós, um descrente vacilante. Oh, o que hei de chamar-me, não sei bem. Não sei como dizer, mas eu não acreditava numa vida depois da morte. Não acreditava, mas não conseguia afastar o pensamento de que poderia haver algo. Rapidamente descobri que havia algo, e algo muito mais real do que alguma vez experienciei na minha vida terrena."

Outro disse-nos uma vez algo muito semelhante:

"Não pensava muito no outro mundo durante a vida terrena. Quase não pensava na vida depois da morte."

A ignorância não é pecado, e quando o novo mundo se abre ao recém-chegado é isto o que acontece. Um amigo que falava do outro lado foi convidado a esclarecer melhor algo que já tinha dito:

"Falo daqueles que encontro no dia a dia, quando percebem que aquilo a que chamavam 'morte' é apenas o portal para a verdadeira vida, que a passagem do corpo significa a entrada numa vida mais plena, com a esperança e a certeza de uma elevação gradual para uma vida mais nobre e uma condição mais elevada. Mesmo o pouco que sabem é como uma alavanca a tentar levantar uma grande pedra. Dá-lhes um arranque, aliviando o fardo, para que possam ganhar impulso para subir mais alto. Agora que passaram a barreira, percebem rapidamente que entraram numa vida mais plena, mais nobre e mais elevada, e que têm a oportunidade de progredir sem nada mais a temer."

Um dos índios (na Terra chamamo-los Índios Vermelhos, embora já não sejam vermelhos no outro mundo) que ajudavam os oradores a materializar os seus órgãos vocais disse uma vez:

"Quando regressardes ao lar, para o lado espiritual da vida, teremos uma reunião. Quero dizer todos aqueles com quem convivemos intimamente. Estamos preparados para esperar, e todos aqueles que connosco comungaram em tempos idos, e ajudaram os chefes índios, como nos chamáveis então, a encontrar o nosso caminho para o círculo interior da vida espiritual, recompensar-vos-emos pelos vossos labores, e dar-vos-emos uma receção régia ao lado espiritual da vida quando todos nos encontrarmos de novo."

Noutra ocasião ouviu-se a voz de um índio altamente culto, que assistia regularmente às nossas sessões para ajudar os nossos amigos do outro lado a falar:

"Deus vos abençoe a todos, e que vós, quando a jornada terminar, e as sombras do entardecer vos envolvam, como envolveram também o Greentree na sua vida terrena, encontreis os belos arredores do Mundo Espiritual tão encantadores para vós como o foram para o Chefe Índio quando ele atravessou. Fala-vos Greentree."

Uma vez foi-nos dado este encorajamento e útil conselho ao final de uma palestra sobre poesia:

"Esperai até chegardes ao meu lado, e compreendereis o que realmente significa a poesia. Não fazeis ideia da beleza do país onde habitamos. Aceitai os lugares

ásperos juntamente com os suaves, Senhoras e Senhores, e fazei a vossa pequena parte enquanto estais no corpo. Servi a Deus e ajudai os vossos semelhantes, homens e mulheres, e tudo estará bem convosco quando chegar a hora da partida. Pensai apenas nos amigos que conhecestes em dias idos, os amados, os especialmente queridos que estarão à espera para vos dizer 'meu querido, vem para casa'."

Os de nós já avançados em anos encontrarão ajuda e conforto nas seguintes palavras, ditas por alguém que comunicava regularmente. Foi em resposta a um participante que se referira às limitações da velhice:

"Eu próprio cheguei ao mesmo tempo na minha viagem terrena, e todos vós chegareis ao tempo em que encontrareis as dificuldades da vida muito próximas de vós, até no andar, e no falar — transmitir os vossos pensamentos da forma concisa que gostariam de o fazer. Parece que perdeis esses dons por algum tempo, mas todos eles são-vos devolvidos deste lado da vida."

A ausência uns dos outros com o tempo faz com que o amor se torne menos intenso, mas não morre, e renascerá quando nos reencontrarmos.

"Receio que 'Tudo em harmonia' seja uma fase que não pode ser adquirida completamente no vosso lado da vida. Aqui temos a harmonia completa, que não conhece barreiras; esse amor que nunca morre. Isso é algo que Deus coloca no vosso coração na vida terrena, e, se for amor verdadeiro, nunca morrerá. Pode esmorecer um pouco, ou cintilar como uma estrela, mas no fim do caminho, quando vos reencontrardes, será mais uma vez iluminado e brilhante, quando os entraves do barro forem deixados de lado, e fordes recebidos radiantes e belos nesta terra gloriosa."

Uma vez, quando uma sessão estava prestes a encerrar, ouvimos o seguinte:

"Esperamos ter-vos podido trazer um pouco mais de conhecimento da vida do nosso lado e também uma pequena bênção para vós próprios. Não estamos em posição de vos dar tudo o que desejaríamos, mas estamos em posição de vos abrir um pouco o caminho adiante. O nosso desejo é que em cada dia da vossa vida terrena possais progredir no conhecimento da verdade — o conhecimento de que, para além destas cenas passageiras, existe a Realidade Eterna. Porque, como todos vós sabeis, chegareis à passagem, à linha de demarcação, quando direis adeus às coisas terrenas e passareis às coisas mais belas, duradouras e permanentes do mundo que está além, onde todos aqueles que amais e por quem sonhais estarão no fim do caminho."

Penso frequentemente naquela que se supõe ser uma canção de comediante; é uma das mais belas expressões que ouvi. Claro que não foi o amigo que a canta quem a compôs. Foi escrita para ele, e o sentido que transmite exprime um pensamento belíssimo. O caminho pode ser áspero, duro e pedregoso, mas no final — todos aqueles que amaste e que te amam estarão "lá no fim do caminho". Eu estarei lá. Eu estarei lá.

Noutra ocasião veio o nome e a voz de uma senhora, esposa do médium, uma amiga muito querida de alguns dos participantes, que já tinha partido há alguns anos.

"Deus a abençoe, Sra. Lang, só quero vir falar-lhe eu mesma. Sou a Nanna (Sra. Sloan). Lembro-me das muitas horas felizes que costumávamos passar nos velhos tempos. A senhora está a subir a encosta agora, Sra. Lang, e no tempo certo de Deus — não quero que venha demasiado cedo — eu estarei lá para a receber com todos os outros, e rejubilaremos, e o seu querido marido e o seu querido filho também estarão lá. É simplesmente maravilhoso ter todos os seus entes queridos à sua volta. Eu tenho muitos dos meus ao meu lado, e, claro, continuo a ter o meu querido velho rabugento do seu lado, mas ele não o faz por mal."

Uma vez, quando o seu "querido velho rabugento" expressou o desejo de se libertar para sempre das provações e tristezas terrenas e estar com ela, ela respondeu:

"Sim, eu sei, querido. Penso que a maioria das pessoas, quando chega à sua idade e aqueles que ama já partiram antes, sente vontade de partir também, mas tem de esperar pelo tempo de Deus, querido, e então encontrar-nos-emos e seremos um para o outro o mesmo que fomos na vida terrena."

Finalmente, aqui ficam três breves observações aplicáveis a este capítulo:
"Cabe a cada um de vós, firmes e valentes, espalhar a semente da verdade e assegurar que ela caia em boa terra. Fazei o mundo saber que não existe morte no grande jardim do amor de Deus."

Uma senhora em Ethéria, amiga de um dos participantes, depois de se identificar, enviou mensagens a toda a família, nomeando corretamente cada um, e terminou dizendo:

"Chegará o tempo em que todos nos reencontraremos nesta terra tão luminosa e livre de dor."

Uma vez, quando uma sessão chegou ao fim, foi o filho do médium, em Ethéria, quem proferiu as últimas palavras, e elas são um desfecho apropriado para este

capítulo, que reúne o que nos foi dito poderemos esperar quando chegarmos à outra margem.

"Fala-vos Dougal Sloan. Boa noite, pai. Adeus a todos. Voltarei, e voltarei a encontrar-vos deste lado. Sejam radiantes, sejam felizes e alegres."

No próximo capítulo falar-nos-ão do mundo a que o recém-chegado chega e de como é estar lá.

CAPÍTULO VIII

O OUTRO MUNDO

Outro mundo rodeia e interpenetra este em que vivemos. É real para os que lá vivem, mas irreal para nós na Terra. É invisível para nós, mas visível e tangível para os seus habitantes. Um dia viveremos lá e, sendo assim, tudo o que possamos aprender sobre ele é de vital interesse para todos. Contudo, a maioria das pessoas percorre a vida com pouca ou nenhuma consciência do facto de que um mundo invisível, mas muito real, nos rodeia.

Compreender como pode existir outro mundo e, no entanto, não ser visto nem sentido por nós só é possível para aqueles que possuem algum conhecimento de física, a ciência que abarca as vibrações percebidas e não percebidas que compõem o universo. A nossa visão, a nossa audição, o nosso tato, o nosso olfato — de facto, toda a nossa consciência da existência — é o resultado de vibrações, porque a matéria física e todo o universo físico são constituídos por vibrações que afetam os nossos sentidos e nos tornam conscientes da vida.

Sentimos estas vibrações, e assim são reais para nós, mas há outras que não sentimos. Consequentemente, são irreais para nós, mas, quando morremos e usamos como veículo de perceção e expressão o corpo etérico, que na Terra interpenetra o nosso corpo físico, o que agora é real tornar-se-á irreal, e o irreal tornar-se-á real. O invisível tornar-se-á visível e o visível tornar-se-á invisível.

Esta questão das vibrações é amplamente considerada no meu livro *À Beira do Etérico*, e nos dois que se lhe seguiram, *A Rocha da Verdade* e *O Universo em Expansão*, mas aqui preocupamo-nos com o que os etéricos têm para nos dizer a partir do seu mundo invisível de frequência vibracional mais elevada.

Quando fiquei convencido de que as vozes que me falavam nas sessões de Sloan eram as de homens e mulheres vivos, habitantes de uma ordem da natureza diferente daquela a que estamos habituados, empenhei-me em descobrir tudo o que pudesse sobre este novo mundo. Aqui apresento agora a informação que

obtive em diferentes ocasiões ao longo de trinta e cinco anos acerca da constituição deste mundo invisível.

Certa vez, quando estava sozinho com o médium, exceto pela minha secretária que registava em estenografia tudo o que era dito de ambos os lados do véu naquela pequena reunião, coloquei uma questão. Sentei-me com o ouvido junto à boca do médium, segurando-lhe as mãos, e a resposta veio numa voz masculina culta, clara e distinta, vinda do vazio e não do médium. Estava certo disso. A questão que fiz foi: "O que contém aquilo a que chamamos espaço?" e isto foi o que ouvi:

"Interpenetrando o vosso mundo existe outro mundo de substância, num estado de vibração mais elevado do que aquele que percebem. O universo é um todo imenso, mas só valorizais o que vedes, ouvis e sentis. Acreditem em mim, existem outros mundos de substância, mais subtis do que a matéria física, nos quais existe vida e que vós na Terra não conseguis conceber. Ligado à vossa Terra está este mundo para o qual vim depois do que chamais morte.

Circundando o vosso mundo existem planos de diferentes densidades, e estes movem-se em rotação com a rotação da Terra."

Perguntei então se o seu mundo era um mundo material como o nosso ou um mundo mental semelhante a um sonho, ao que ele respondeu:

"O nosso mundo não é material, mas é real na mesma, é tangível, composto de substância num estado de vibração muito mais elevado do que a matéria que compõe o vosso mundo. As nossas mentes podem, portanto, atuar sobre ele de modo diferente da forma como as vossas atuam sobre a matéria do vosso mundo. Tal como é a nossa mente, assim é o nosso estado. Para os bons, os seus arredores são belos; para os maus, o contrário."

Mais tarde, nessa mesma noite, a mesma voz confirmou o que acabara de ser dito com estas palavras:

"Nós não vivemos num mundo de sonho. Como já disse, vivemos num mundo real e tangível, embora os átomos que o compõem sejam diferentes dos átomos que constituem o vosso mundo. As nossas mentes podem agir sobre esta substância tangível de uma forma que as vossas não conseguem no vosso mundo. Vós viveis num mundo de vibrações mais lentas."

"Então não vivem num mundo próprio", disse eu, ao que o meu interlocutor respondeu:

“Todos vivem num mundo próprio, vós também e eu igualmente, mas se a sua pergunta significa se todos podemos ver e sentir as mesmas coisas, respondo: sim. Todos no mesmo plano podem perceber as mesmas coisas. Temos o mesmo mundo que vós tendes, mas num estado mais subtil.”

“E têm todas as sensações que nós temos na Terra?”, perguntei.
“Sim, podemos tocar e sentir, e desfrutar de todas as sensações que vós desfrutais.”

Seguiu-se então uma longa e mais detalhada declaração que revela quão real é a vida para os habitantes do Etérico. Com palavras claras e ponderadas, o meu interlocutor traçou-me um quadro vívido da vida no seu mundo. Eis o que disse:
“Todos no mesmo plano podem ver e tocar as mesmas coisas. Se olharmos para um campo, ele é um campo para todos os que o contemplam. Tudo é igual para aqueles que se encontram no mesmo estado de desenvolvimento mental. Não é um sonho. Tudo é real para nós.

Podemos sentar-nos juntos e gozar da companhia uns dos outros, tal como vós fazeis na Terra. Temos livros e podemos lê-los. Temos os mesmos sentimentos que vós tendes. Podemos fazer longos passeios pelo campo e encontrar um amigo que não víamos há muito tempo. Todos sentimos o mesmo aroma das flores e dos campos, como vós. Colhemos as flores como vós. Tudo é tangível, mas num grau de beleza superior a qualquer coisa da Terra. Aqui não existe decadência nas flores ou nos campos, como acontece convosco. A vida vegetal simplesmente deixa de crescer e desaparece. Desmaterializa-se.

“Há aqui uma semelhança com aquilo a que chamais morte. Nós chamamos-lhe transição. Com o tempo, à medida que nos desenvolvemos suficientemente, passamos a outro plano de onde já não é tão fácil regressar à Terra. A isto chamamos a segunda morte. Aqueles que passaram pela segunda morte podem regressar e visitar-nos no nosso plano, mas nós não podemos ir até eles até também a atravessarmos. É a isto que a vossa Bíblia chama a segunda morte. Os que já a atravessaram raramente vêm falar convosco na Terra diretamente materializando-se, como estou a fazer agora; mas podem transmitir as suas mensagens a mim, ou a alguém do meu plano, e nós transmitimo-las a vós.”

O Etérico é semelhante à Terra, mas de substância diferente. Assim, quando perguntei o que aconteceria ao seu mundo se a nossa Terra fosse destruída, a resposta foi:

“Não faria diferença se a vossa Terra colidisse com outra estrela ou planeta e fosse destruída. O nosso mundo é totalmente independente da matéria física.”

Quando passamos a compreender que o universo é feito de vibrações de frequências intensas e rápidas, do que postulamos como o éter do espaço, o que foi dito acima já não é tão difícil de entender. Tudo o que vemos e sentimos é o universo físico em frequências de 34.000 a 64.000 ondas por polegada, ou 400 biliões a 750 biliões de ondas por segundo. Estas produzem as cores que formam o arco-íris. Isto situa-se entre o infravermelho e o ultravioleta, que compõem o espetro visível (ver gráfico no final do livro). Para além disto existem frequências que não percebemos e que são mundos em si mesmos, ou melhor, constituem mundos diferentes chamados esferas, cujas superfícies são chamadas planos. O desenvolvimento mental controla as frequências que constituem os corpos etéricos dos etéricos. Consequentemente, tal como pensam, assim são. E tal como são, assim é o plano que habitam, pois as suas frequências correspondem às frequências do corpo etérico.

Vamos então ler o que foi dito noutras sessões acerca deste importante tema das vibrações:

"A nossa substância, como a vossa, é apenas vibração, e assim é a nossa luz. A nossa substância é composta pelo equivalente aos vossos eletrões e protões. É apenas uma questão de grau entre nós. A nossa substância vibra mais rapidamente do que a vossa. Cada superfície reflete as vibrações do sol etérico com o qual está em harmonia. O nosso progresso de planos inferiores para superiores é simplesmente uma experiência de abertura do mundo, resultante da expansão das nossas mentes."

Quando perguntei acerca da diferença entre o nosso mundo e o deles, disseram-me que para eles:

"As vibrações são mais rápidas e mais subtis. Isto aplica-se a cada plano; ou seja, quanto mais elevado, mais rápidas e subtis são as vibrações."

E quando querem regressar às frequências vibracionais mais lentas da Terra, disseram-me:

"Árvores, casas, colinas e vales existem em todos os planos a partir do plano físico para cima. Quando baixamos as nossas vibrações até ao plano físico, experimentamos o que existe na superfície da vossa Terra. As flores e as árvores são mais luminosas nas nossas colinas do que nos vales; é uma questão de luz."

Assim, podem deixar os seus arredores, que são semelhantes aos nossos, atravessar a sua superfície, ou perder contacto com as suas vibrações etéricas normais e apreciar as vibrações físicas. Desta forma mantêm-se em contacto com o que se passa na Terra. Foi-me dito:

"Baixamos as nossas vibrações e atravessamos a nossa superfície. Ajustamos então as nossas vibrações às da vossa Terra. É mais fácil atravessar alguns lugares do que outros, porque têm sido usados regularmente, e podem ser chamados passagens ou estradas principais do nosso plano para a vossa Terra."

Estas visitas podem ser melhor compreendidas quando se percebe que:
"O primeiro plano está bastante próximo da Terra. Existe uma distância entre cada plano, mas a distância não significa exatamente o mesmo do nosso lado que significa para vós na Terra."

Além disso, estas esferas, das quais os planos são as superfícies, giram com a Terra e, como a nossa atmosfera, estão sempre no mesmo lugar. Isto significa que os nossos amigos e os seus arredores permanecem sempre acima de nós. A não ser que viajem para outras partes do seu mundo, como nós fazemos indo, por exemplo, à China ou à Austrália, habitam um país acima, no espaço, o mesmo que habitaram na Terra. Portanto, não estaremos muito errados se imaginarmos uma grande comunidade invisível britânica no Etérico, que outrora habitou a Grã-Bretanha, estabelecida acima de nós no espaço, e o mesmo acontecendo com os outros países da Terra. Os habitantes permanecem durante algum tempo acima do país onde viveram quando estavam na Terra e, enquanto a memória durar, continuam a interessar-se por ele e pelos seus habitantes. Foi dito:

"Estes planos movem-se com a Terra e fazem parte da sua órbita. O primeiro plano é uma espécie de Estação de Triagem onde as diferentes nações vivem juntas. A vida familiar é muito importante, e os membros aguardam os parentes da sua geração para seguirem juntos para o plano seguinte. No que respeita ao primeiro plano, ele existe acima da superfície da Terra, mas também está em ligação com o plano terreno."

Uma vez perguntei se poderíamos pensar no primeiro plano como sendo a superfície do oceano e a superfície da Terra como o leito do mar, sendo a água imaginária a substância através da qual eles podem viajar de volta à Terra, e nós, quando morremos, os alcançamos. Responderam-me:

"É verdade que os planos etéricos estão acima e ao redor da Terra, mas o primeiro plano está próximo da Terra. A referência ao leito do oceano só pode ser aceite como uma metáfora. Não temos nada que corresponda exatamente à vossa visão terrena do leito do mar, que possamos dar como ilustração do aspeto da vossa superfície quando vindes da Terra até nós."

Como veem eles os seus arredores? Sem luz nada pode ser visto. Dizem-nos que não têm noite, e fazem constantes referências à sua luz. De onde provém,

então? Essa questão intrigou-me, e fiz-lhes muitas perguntas sobre o assunto. Eis as respostas:

"Sim, vivemos mesmo acima de vós e podemos vir até vós instantaneamente. Temos uma luz difusa muito brilhante, muito mais agradável do que a luz do vosso sol, porque não é tão ofuscante."

Outro explicou assim:

"A nossa atmosfera é naturalmente luminosa e estende-se muito mais alto do que a vossa atmosfera. Nos primeiros três planos existem sombras, mas para além destes elas tornam-se cada vez menos definidas, à medida que a atmosfera se torna mais luminosa. Tal como há sombras, também há sombra."

Noutra ocasião disseram-me:

"Aqui não temos noite como vós entendeis a noite."

Uma vez, no final de uma sessão, dissemos: "Boa noite", e ouvimos:
"Não há noite na grande terra do amor de Deus. Bom dia, e uma manhã luminosa para todos vós após o vosso descanso."

Algo semelhante foi dito numa ocasião durante a Guerra:
"Não direi boa noite. Não há noite onde estou, não há apagões aqui."

"Mas se quiserem dormir e descansar, o que acontece então?", perguntei eu uma vez, perto do fim de uma sessão.

"Se sentimos necessidade de descansar, podemos obter luz suave; não tão suave como a entendeis, mas suficiente para nos permitir repousar. Aqui não temos noite como vós entendeis noite. Obtemos a nossa luz da fonte de toda a luz, mas não posso continuar mais esta noite porque a energia terminou, por isso boa noite, e que a Luz que ilumina toda a escuridão vos conduza à luz que procurais tão ardentemente."

Noutra ocasião isto foi confirmado nestas palavras:
"Obtemos luz suave, mas não tão suave como a que vós experimentais."

"Mas de onde vem a vossa luz?", perguntei.

"Temos um sol e uma noção maior do seu poder revigorante do que vós tendes do vosso sol. Sentir-nos-íamos muito sem vida sem ele. Está presente em todos os planos e produz cores mais variadas e belas do que as vossas. Apenas uma parte das vibrações do sol etérico é refletida em cada plano. Estamos conscientes das que estão em harmonia com o plano em que vivemos, tal como vós estais das que são refletidas pelo vosso plano."

Outro etérico descreveu o seu sol nestas palavras:

"Recebemos as nossas emanações de luz do nosso sol etérico, concêntrico com o vosso sol, donde vem uma luz de grande esplendor, refletida aos nossos olhos pela vibração da nossa substância, tal como a vossa luz é refletida pela vibração da substância terrena. A razão de não termos escuridão é que os raios do nosso sol são refletidos pela nossa atmosfera a maior altura do que os raios do vosso sol."

Esta maior luminosidade da sua atmosfera foi confirmada noutras palavras noutra ocasião:

"Temos dia e crepúsculo. A nossa atmosfera pode refletir os raios do nosso sol durante mais tempo do que a vossa, por isso temos crepúsculo em vez de noite. Não precisamos de dormir como vós, por isso não sentimos falta de não haver noite."

Parece que o processo de reflexão da luz do seu sol é muito semelhante ao nosso. Quanto mais elevada a atmosfera, maior a reflexão. Quando essas partes dos planos etéricos estão afastadas do sol etérico, a luminosidade da sua atmosfera dá-lhes luz. Nós, na Terra, recebemos os raios do sol com a mesma frequência que as vibrações da matéria física, e os raios do sol etérico são refletidos nos vários planos por vibrações da mesma frequência. O sol emite vibrações em harmonia com a Terra, com o primeiro plano, com o segundo plano, e assim sucessivamente. A nossa atmosfera não se estende tão alto como a deles, e a sua reflexão não é tão ampla como a sua. Consequentemente, nós temos noite, mas eles têm crepúsculo.

Uma explicação muito mais completa, com diagramas, de como percebemos as cores produzidas pelo nosso sol encontra-se em *O Universo em Expansão*. Tal como o nosso sol emite raios através do éter que são refletidos pela vibração da substância física aos nossos olhos, assim nos dizem que:

"O nosso sol etérico envia raios através do éter e estes são refletidos aos nossos olhos pela substância. Consequentemente, como vós, experimentamos cores, mas mais brilhantes e variadas do que as vossas."

Outro reforçou isto nestas palavras:

"Obtemos a nossa luz da fonte de toda a luz, uma grande força central. O seu brilho depende da distância a que o plano está dessa fonte."

E esta luz foi descrita nestes termos:

"A nossa luz é suave, radiante, brilhante, bela e harmoniosa."

Foi-me dito que a luminosidade do seu sol impede que seja visto, mas a sua luz produz cores para além da nossa imaginação. Consequentemente, o Etérico é um mundo belo, facto repetidamente enfatizado, e, como as suas palavras foram sempre corretamente registadas na altura, lemos o que nos disseram uma vez sobre as belezas do mundo em que vivem:

"Se eu pudesse simplesmente levar-vos junto às águas tranquilas e através dos prados verdes, pelos nossos belos jardins, e mostrar-vos as nossas encostas, as nossas cordilheiras e todas as belezas deste país maravilhoso. Flores que florescem em todas as cores que nunca conhecerão na vida terrena e que nunca murcham nem se deterioram. Os belos pássaros que cantam nas árvores, sem medo. É um país maravilhoso, e adoro o pensamento do Grande Chefe que fez tudo isto; a Terra da Caça Feliz. Descobri, quando cheguei deste lado, queridos amigos, que não era uma terra de caça, a não ser que fosse caça de amigos conhecidos na Terra, que também me procuravam ansiosamente."

O que antecede foi dito por um índio norte-americano, mas um escocês, que vivera e morrera em Glasgow, exprimiu-se assim ao falar para a filha que estava presente:

"Gostava de poder transportar a tua visão para as grandes belezas da Terra do Verão e vo-las mostrar a todos. Não encontro palavras, não consigo pôr isto da maneira que gostaria, que descrevam a beleza e a serena majestosa grandeza das belas terras que visitamos. O nosso é um mundo magnífico, é simplesmente deslumbrante. Os Jardins Botânicos de Glasgow não se comparam com os jardins requintados que temos aqui."

Outra natural de Glasgow, agora nesse belo mundo, disse à irmã que estava presente:

"Ó, Jean, é lindo, e tenho uma casinha tão querida onde ficar, com um belo jardim. Nunca tinha visto um jardim tão encantador, com flores gloriosas de todas as cores, flores que nunca se veem na Terra, e que não murcham. Estão sempre a florir e, quando as colhes, outras parecem surgir no seu lugar. Que perfumes maravilhosos têm e, Jean, há madressilva a crescer de cada lado da minha porta, em profusão. Só queria que o pudesses ver, é tão bonito, mas hás de vê-lo um dia, querida. Eu mostrar-to-ei."

O marido, no Etérico, de uma senhora presente disse um dia estas palavras à esposa:

"Minha querida, gostaria de encontrar palavras adequadas para te descrever o belo país em que, por amor e bondade de Deus, me foi permitido aportar. Do

outro lado da fronteira estou reunido contigo e com aqueles a quem tanto amei na vida terrena. Sê firme e verdadeira, continua a lutar, nunca desanimes. Há um dia luminoso a chegar."

A uma senhora presente foi dito por uma amiga no Etérico:

"Eu bem queria que visses o belo lar onde moro, muito superior a tudo o que conheci na vida terrena. Eu estava numa posição humilde na vida terrena, mas o Bom Pai, como me foi dito, preparou este lugar para mim, ao qual cheguei em pouco tempo. Ouvi pacientemente tudo o que os grandes mestres tinham para dizer no Auditório, e encontrei o caminho, a vereda que conduzia ao meu belo lar no lado espiritual da vida. É exatamente o lugar que eu teria desejado se o tivesse escolhido para mim."

Quando perguntei certa vez acerca da vegetação, recebi a resposta:

"A nossa vegetação é algo semelhante à vossa, mas muito mais bela."

Um professor presente ouviu dizer diante de si, durante uma longa conversa com um amigo do outro lado:

"Nem todos podemos usufruir a mesma apreciação das belezas à nossa volta. Algumas coisas parecem mais belas para uns do que para outros, e trazemos esse sentimento para aqui até avançarmos mais nesta terra maravilhosa rumo à perfeição."

O desenvolvimento mental no Etérico determina, mais do que aqui, a atitude deles perante o seu ambiente. Conforme pensam, assim são, e as pessoas pouco desenvolvidas estão em planos mais baixos do que as mais desenvolvidas. Para alcançar a vida superior, cada mente tem de desabrochar, como descobriu este etérico:

"Bem, foi uma desilusão para mim quando cheguei, porque estive muito tempo do lado espiritual da vida antes de perceber que, de facto, estava fora do corpo. Os arredores eram tão semelhantes aos terrestres, e eu não fora ensinado a esperar isso. Depois, pensei que estaria com os meus velhos amigos de quem eu tanto gostara, e não estava. O mais notável foi que havia algumas pessoas de quem eu não gostara muito na vida terrena que eram os meus melhores amigos deste lado. Sabes, eu queria ir ter com a minha querida Mãe, mas descobri que tinha um longo caminho a percorrer antes de poder fazê-lo. Ela veio falar comigo. Foi a primeira a saudar-me quando aqui cheguei, mas eu não podia ir com ela."

Um dos participantes observou então que pensava que, uma vez passada a fronteira, não haveria separação daqueles que amamos, ao que ouviu por resposta:

"Estou a contar-vos, claro, as minhas primeiras experiências deste lado da vida. Progredi muito desde então e agora estou muitas vezes com a minha Mãe, embora ainda não tenha avançado o suficiente para estar sempre com ela. Estou muito com o meu Pai também. É um país maravilhoso em que agora vivo."

O Universo desdobra-se à medida que a nossa mente se desenvolve. À medida que se desenvolve, avançamos de plano em plano. Assim, quando um de nós comentou que parecia não haver limite para o nosso progresso, o amigo do outro lado que falava exclamou:

"Acertou na chave, senhor; pelo que estou a aprender deste lado, não há limite para os nossos arredores. Claro que ainda não avancei muito e não tenho grande experiência."

Noutra ocasião, um amigo falecido de um dos presentes confessou:

"Eu não compreendia esta Verdade na vida terrena — sabe do que falo — e agora ela oprime a minha alma com uma alegria e júbilo esmagadores. Estou a rebentar de vontade de vos falar das belezas desta terra cuja existência eu não acreditava."

Repetiu esta confissão do seu esclarecimento quando nos falou noutra sessão:

"Sabem que eu atravessei cheio de dúvidas, mas aportei a um lar tão, tão lindo, muito para além do que merecia."

Aqui chegamos ao fim do que os nossos amigos etéricos nos tinham para dizer acerca do mundo em que vivem. Lá, com mentes mais poderosas e, ainda assim, mais sensíveis do que as nossas na Terra, podem controlar e apreciar os seus arredores de um modo que nos é impossível compreender. Para os bons, estes são belos; para os maus, o contrário.

Ser capaz de determinar os seus arredores pelo pensamento, e ainda ter uma mente tão sensível que os nossos pensamentos na Terra possam ser captados se assim o desejarem, revela um estado de ser mais elevado do que o existente na Terra. Aqui, a mente está grandemente sujeita ao corpo; lá, o corpo está sujeito à mente. Aqui, a mente está tão subjugada à substância que o pensamento não tem o mesmo poder e influência que tem lá, onde pensar é ser. Tal como é a mente, assim é o estado de ser. Não obstante, a sua substância, embora não

material, é real e tangível a uma frequência, ou estado de vibração, muito mais elevada do que a substância física, e as suas mentes podem, por isso, atuar sobre ela, moldá-la e usá-la de uma forma que nós não conseguimos com a matéria na Terra.

Esta informação só a podemos aceitar o melhor que pudermos, e um dia a iluminação chegará para todos. Entretanto, prossigamos e leiamos no próximo capítulo o que tinham para nos contar acerca das condições em que vivem.

CAPÍTULO IX

CONDIÇÕES NO OUTRO MUNDO

Acabámos de ler sobre a natureza do outro mundo. Agora vamos conhecer as condições em que vivem os etéricos. As suas mentes, como descobrimos, controlam as suas vidas, e podem deslocar-se facilmente de um lugar para outro. Os bons não podem viver com os maus, nem os maus com os bons, pois uma barreira mental protege os bons dos maus.

Os etéricos podem moldar os seus arredores pelo pensamento de uma maneira que não conseguimos imaginar, e podem estar onde desejam com tanta facilidade que as condições em que vivem, neste aspeto, diferem muito das nossas na Terra. No entanto, embora seja em grande medida um mundo mental, não é um mundo de sonho, pois todos os que estão no mesmo plano experienciam o mesmo modo de vida. A sua paisagem, o clima, a natureza, as casas e a vegetação são os mesmos para todos os que estão no mesmo plano, e as suas gentes são indivíduos como aqueles com quem contactamos todos os dias na Terra.

Sei-o porque investiguei, e isto foi o que me disseram:

"O nosso mundo é muito real para nós, mas as condições em que nos encontramos dependem do estado da nossa mente. Se o desejarmos, podemos estar rodeados de um belo país. A nossa mente desempenha um grande papel na nossa vida aqui. Tal como vivemos em arredores adequados ao nosso desenvolvimento mental, assim também atraímos a nós mentes do mesmo tipo que a nossa. Semelhante atrai semelhante neste mundo. Assim também semelhante atrai semelhante no que respeita ao vosso mundo e ao nosso. Os de má índole aqui são atraídos pelos de má índole no vosso mundo, e os bons aqui pelos bons convosco. Podemos, à vontade, assumir condições terrenas, baixando as nossas vibrações. Os nossos corpos tornam-se mais pesados e mais

percetíveis ao olho humano, o que explica sermos vistos, por vezes, por aqueles que têm na Terra a faculdade de sentir as nossas vibrações."

Quando perguntei se viviam juntos numa superfície, como nós na Terra, responderam-me:

"A resposta geral é 'Sim'; mas há que lembrar que existem almas presas à Terra que não chegam ao primeiro plano sem ajuda e, nalguns casos, por um tempo muito considerável, no que ao tempo terrestre diz respeito. Existem lugares especiais para criar crianças, bem como estações de cura para os que atravessam, e outras estações de cura para os que vivem no primeiro plano. Mas a palavra 'lugar' não significa exatamente o mesmo que significa no plano terreno."

O que se chamam os planos superiores são alcançados pelo desenvolvimento mental, porque a mente individual adequou o corpo etérico para estar em harmonia com essa forma de vida mais elevada. As vibrações desses planos superiores são mais frequentes do que as dos planos inferiores, e a vida aí é, consequentemente, mais intensa. Assim, ouvimos um dia o seguinte:

"Usamos as nossas próprias vibrações de pensamento para alcançar os planos superiores. Sabe que há planos e planos deste lado da vida a que ainda não evoluí, e aos quais não posso esperar atingir durante muito tempo, mas tenho conversado e estado na companhia dos que vivem nesses planos. Eles conseguem vir até nós, mas nós não podemos ir até eles até evoluirmos um pouco mais."

Os que estão em harmonia com um plano inferior acham o plano imediatamente superior demasiado intenso para serem confortáveis e não conseguem viver nele, mas os que estão nos planos superiores podem regressar aos planos de vibração mais baixa por concentração mental:

"Baixamos as nossas vibrações por esforço mental. É fácil para os que estão num plano superior irem ao inferior, mas os que estão no inferior não podem ir aos que estão no superior. Os que vêm de planos mais elevados trazem consigo as suas vibrações atmosféricas, ou melhor, as suas vibrações etéricas."

O desenvolvimento mental traz consigo uma classificação dos habitantes dos diversos planos que constituem o Etérico. Cada um determina onde viverá. O desejo de harmonia mental reúne aqueles que pensam de modo semelhante, mas o amor é uma força de atração poderosa. Quando, certa vez, discutíamos o poder do amor, alguém perguntou ao etérico que falava se se poderia estar sempre com a pessoa amada. Ele respondeu:

"Sim, se estiverem na mesma vibração espiritualmente, é assim. Caso contrário, podem estar muitas vezes connosco, mas nós não podemos viver no ambiente deles. Há aqui o que chamamos 'classificação'. Estamos entre os amigos de que somos dignos imediatamente. Se tivermos vivido uma vida boa e digna na Terra, entramos de imediato numa condição condizente com a vida que levámos. Não seríamos felizes se estivéssemos numa condição a que não estivéssemos sintonizados. No velho mundo podem mudar para uma casa diferente, conforme os vossos gostos e posição, mas aqui vigora um método diferente, em que só podemos ir para o lugar e a condição que alcançámos espiritualmente."

Esta resposta foi confirmada noutra ocasião com estas palavras:
"Há um lugar, uma parcela, para todas as classes quando 'deitais fora esta mortal bainha'. Cabe a cada um fazer o seu próprio Paraíso deste lado pela vida que vive enquanto no corpo."

Embora haja um lugar para todos, os que vivem em planos diferentes encontram-se, como esclarece a seguinte resposta a uma pergunta:
"Certamente, encontrei o seu pai. Vejo-o frequentemente, embora não vivamos no mesmo país, por assim dizer. Estamos em planos diferentes."

A vida familiar continua muitas vezes, e o amor parece ser aí uma força mais forte do que aqui. O afeto deles pelos entes queridos na Terra é muito notório, e o prazer que sentem em falar com amigos e familiares na Terra percebe-se facilmente pelo tom de voz:

"Somos todos uma família, todos irmãos e irmãs, e adquirimos o conhecimento que o Grande Mestre quer que obtenhamos. Devemos permanecer nos arredores em que nos encontramos até adquirirmos o conhecimento necessário para passar a planos superiores e, tendo capacidade para ascender, obtemos os conselhos dos grandes guias. Há coisas que não podeis saber até chegardes a este lado da vida, por mais instruídos que sejais, como todos vós vos tornastes, e como todos nós nos havemos de tornar com o tempo."

Muitos surpreendem-se ao chegar o Etérico, pois a ignorância do tema na Terra é tão profunda que poucos sabem algo de valor. Credos religiosos podem ajudar o moribundo, mas não ajudam os recém-chegados que foram instruídos na superstição durante a vida terrena e não na verdade. Assim pensou, ao que parece, este etérico:

"Quando aqui cheguei, não era o que eu esperava. Pensei que entraria diretamente no Reino dos Céus, e fiquei desapontado, mas descobri que entrei de imediato no Reino dos Amigos. Estou apenas a falar da minha própria experiência, lembrem-se. Eu era apenas um tipo vulgar na vida terrena e pouco

pensava na vida futura e, quando cheguei aqui, esperava ter sempre ao meu lado todos aqueles que amara, mas isso não aconteceu."

Ele, como tantos, provavelmente confiara num salvador para lhe assegurar um lugar no Reino dos Céus, mal percebendo que nenhum bode expiatório pode sofrer pelos nossos pecados e maldades, e que como vivemos na Terra assim seremos depois. Vamos para o lugar para o qual estamos mentalmente aptos, como alguém do outro lado disse uma vez a um senhor visitante do círculo:

"Há muitos das esferas além que vêm ao meu plano, mas eu não posso ir aos deles, e verá que muitos dos seus entes queridos, que muito o amam, estarão numa esfera diferente da sua e, até que suba a uma condição de espírito igual à deles, não poderá estar em contacto constante com eles, embora os possa ter muitas vezes na sua companhia."

Um parente de um dos participantes deu certa vez esta descrição do Etérico em resposta a uma observação feita por alguém presente:

"Costumamos fazer longos passeios — é um país maravilhoso. Quem me dera poder explicar-vos as cenas para além de cenas que se abrem à nossa vista. Pois bem, senhor, as perspetivas e paisagens deste lado da vida — não lhes posso chamar outra coisa senão mundos diferentes — são tão vastas; mundos e mundos para além de mundos, todos a vibrar a ritmos diferentes de movimento, vibrações cada vez mais elevadas, mas tudo é felicidade e alegria completas. Às vezes irradiamos nos arredores daqueles que conhecemos há muito e que seguiram adiante, e passamos um tempo lindo com eles — tal como faríeis na vida terrena quando ides visitar amigos — e depois voltamos às nossas companhias de novo."

"Passam por uma segunda morte para ter essa experiência?", perguntaram-lhe.

"Estou a falar de visitar esses lugares, mas regressamos sempre. Tudo se faz por radiação, por vibração, e quando vamos de visita não podemos ir sozinhos, não temos esse poder, mas amigos dessas esferas vêm buscar-nos e emprestam, ou desprendem, parte do seu próprio poder para nos permitir atingir esses níveis superiores por um curto período apenas. Não poderíamos ficar até alcançarmos aquele grau de espiritualidade que nos permitiria viver lá sem desconforto. Desfrutamos estas breves visitas. São tão edificantes, tão belas, mas fico sempre contente por voltar aos meus próprios arredores, onde vivo entre amigos mais sintonizados com a minha condição."

Numa conversa com o avô, foi dito a uma senhora presente:

"A maioria das pessoas que vem para o lado espiritual da vida espera estar todo o tempo nos mesmos arredores que os que amou na Terra. Isso certamente acontece em muitos casos. Tudo depende do quão espiritualmente aparentados são, mas muitas vezes aqueles que amámos muito estão demasiado avançados para que os alcancemos. Podem estar connosco, sem dúvida, mas não nos podem levar com eles. Temos apenas de esperar um pouco até atingirmos a condição que nos permita viajar e compreender os arredores para onde vamos. Deus a abençoe."

Trocaram-se um dia observações, entre os presentes, sobre as nossas dificuldades de viajantes em tempo de guerra, quando uma voz etérica forte interrompeu e disse:

"Do nosso lado conseguimos deslocar-nos com muito menos transtorno. Nós, por assim dizer, anulamos o espaço deste lado — refiro-me aos que progrediram em alguma medida. Se estivermos a cumprir o nosso dever e a fazer a Vontade do Mestre, com um único pensamento podemos transportar-nos do lado espiritual da vida diretamente para as vossas próprias casas. Isso acontece principalmente por cumprirmos a vontade dos espíritos avançados que nos estão a ajudar. Só conseguimos vir até certo ponto e depois eles retomam o fio e dão-nos a energia necessária."

A expressão "Vontade do Mestre" pode entender-se como permanecer dentro da lei, pois a lei e a ordem existem lá como aqui. A lei natural prevalece e, quando a aprenderam a compreender, viajar é fácil. Foi isto que a esposa do médium disse um dia ao marido durante uma longa conversa com ele:

"Se eu te pudesse descrever os passeios maravilhosos que às vezes fazemos. Nunca nos cansamos. Para atravessar os belos lagos, podemos ir numa coisa semelhante a um barco, ou simplesmente ser levados. E os frutos e as flores, e a beleza do verdor do país, a sensação magnífica de bem-estar que se tem. Quem me dera que o pudesses sentir. Não há desperdício nem decadência. As flores simplesmente esbatem-se. Nunca as vês apodrecer, e depois surgem outras no seu lugar, não em plena floração, mas a começar da raiz."

Uma senhora participante perguntou certa vez à irmã, que lhe falava do outro lado, se uma certa parente que nomeou estava com ela, recebendo esta resposta, que também confirma o que foi dito acima:

"Hoje não, mas vejo-a de vez em quando. Muitas vezes vamos — é difícil dizer-te — eu ia dizer longos passeios na bela Terra do Verão. Ambas gostávamos de caminhar, como sabes, e não esquecemos, querida. Quando sentimos que temos uma colina para subir, basta pensarmos em estar no topo, e isso leva-nos

imediatamente para cima, onde podemos contemplar as belezas da terra do espírito. Partimos do ponto que mais nos convém e, até agora, não vimos o Grande Mestre, mas os que cá estão há muito, muito tempo falam-nos das belezas e dos esplendores que ainda havemos de contemplar."

Um homem que, na Terra, fora um destacado espiritualista em Glasgow e participante regular nos primeiros tempos do círculo de Sloan, regressava de tempos a tempos e, certa vez, comentou sobre os muitos que se afligiam pelos que perderam através da morte. Concluiu com estas palavras:

"Ser-lhes-ia um consolo se soubessem o que vós sabeis sobre o lado espiritual da vida — a vida de paz, de segurança — como eu a encontrei. Sou livre para vaguear pelos vastos e amplos espaços da terra do espírito na medida em que a minha progressão permite, esta terra bela e maravilhosa, aparecendo de quando em quando para vos deixar uma pequena mensagem de amor no plano terreno. Deus vos abençoe."

A esposa do médium, membro regular do círculo quando estava na Terra, expressou um dia o grande prazer que sentia em regressar à Terra e reencontrar os velhos amigos:

"Gosto tanto como quando estava na Terra. Consigo sintonizar-me convosco tão bem e ouvir o som familiar das vossas belas vozes, que eram tão doces para mim nos velhos tempos."

Depois, dirigindo-se pelo nome a uma das senhoras presentes, comentou:
"A tua querida Mãe agora não se esquece das coisas, sabes, e faço muitos passeios agradáveis com ela."

Na mesma sessão, essa mãe outrora esquecida disse à filha:

"Não penses que agora estou vacilante e fraca, mas eu apenas assumo as vibrações do modo como me sentia antes de deixar o corpo. Eu mostrar-te-ei os meus lugares preferidos. Venho muitas vezes buscar-te e levo-te no sono, e gostava que pudesses trazer alguma memória das belezas do país em que estou.

"Temos jardins por todo o lado, sabes. O Pai está muito, muito ocupado. Sabes que ele é um homem que nunca estaria em repouso a menos que estivesse a fazer algo por alguém, e continua assim. Neste momento tem, como sabes, muitas oportunidades de trabalhar pelos que estão do nosso lado. O lado espiritual fervilha de pessoas que andam a vaguear. Quase não sei como dizer isto, mas estão a chegar tão depressa por causa desta terrível luta, e precisam de orientação, e o Pai está a ajudar aí."

O relevo que dão à sua bela paisagem e vegetação é digno de nota. O Etérico deve ser um paraíso para os amantes das flores, e os jardineiros ardentes da Terra têm muito a que ansiar. Uma senhora muito estimada, agora no Etérico, ainda considerada amiga pela maioria dos participantes, comentou uma vez: "Há crescimento perpétuo, e não há morte, apenas um esbatimento, e outra surge, apenas um fac-símile da anterior, ou por vezes mais bela, tal como no corpo humano. Quando 'deixais esta prisão mortal' e assumis a imortalidade, é então que vos expandis e avançais para a paz, as belezas da terra, o Verão de Deus."

A mãe de um dos participantes disse uma vez:
"Sou eu mesma, e é maravilhoso falar contigo através da linha de fronteira. As tuas flores são simplesmente belas, minha querida, mas não são nada comparadas com o que temos do nosso lado. Podem superá-las completamente. Deus te abençoe, minha querida May."

Uma observação muito simples foi feita a uma senhora presente pelo seu tio-avô, David Johnston, acerca de si próprio e da mãe da senhora no Etérico:

"Estou tão feliz, tão feliz quanto poderias desejar que eu fosse, e isso já é dizer muito, e agora, minha querida, querida Crissie, bem que gostaria que me pudesses ver a mim e à tua mãe — Davie e a Sra. Colquhoun — a irmos dar um passeio. Do que é que te ris? Temos uma paisagem muito mais bela do que alguma vez vês no teu lado da vida. É semelhante, mas muito mais formosa. As cores são magníficas, e não há decadência. Apenas parece desaparecer. Vês o crescimento desde a base, tal como fazes na vida terrena, e quando chega à plena maturidade simplesmente desvanece."

Quando uma participante falava com vários familiares que agora se encontram no outro mundo, perguntou ao seu bisavô se via muito o seu pai. Ele respondeu: "Certamente", mas não viviam no mesmo plano. Cada um estava no que poderia ser designado como um país diferente. E continuou:

"Posso estar mais avançado agora, mas comecei de um ponto mais recuado do que ele. Estamos ambos em belíssimos ambientes, mas diferentes. Tenho muito a agradecer a Deus, sobretudo àqueles que me ajudaram quando aqui cheguei pela primeira vez, porque não sabia, amigos, senhoras e senhores, para onde ia. É uma terra maravilhosa onde vivo."

Uma vez, uma senhora presente recebeu esta mensagem pessoal de uma amiga no Etérico. Chamando-a pelo seu verdadeiro diminutivo, disse-lhe:

"Estou com a tua mãe e tive um passeio maravilhoso com ela antes de virmos para aqui, através de uma parte muito bela do Paraíso. Sabes de que falávamos? A tua mãe disse-me: 'Se a Crissie soubesse como estou feliz, tenho a certeza de que o seu coração se alegraria e não se preocuparia comigo.'"

Uma senhora no Etérico, durante uma conversa, falou sobre alguém conhecido de uma das participantes. Nomeou-o corretamente e prosseguiu:

"Estive com ele antes de vir para aqui. Levou-me a dar um lindo passeio no meu país, que ele me disse nunca ter acreditado existir antes de vir para este lado da vida. Quando chegou ao nosso lado da vida encontrou um mundo cuja existência desconhecia, e eu contei-lhe tudo. Então ele disse: 'Bem, serás a minha guia e levas-me a passear alguns dias, e agora acredito neste lado da vida.'"

Uma senhora no Etérico deu primeiro o seu nome e falou com a irmã que estava presente. Após referir as conversas que tiveram sobre o outro mundo quando ainda estava na Terra, continuou com estas palavras:

"Sim, mas não creio que o tivesse compreendido bem. Penso que tu, Janie, tinhas uma noção melhor do que eu, mas, quando entrei na realidade, no belo lar deste lado da vida, então soube que era real."

No decurso de uma conversa, um amigo do outro lado concluiu:
"Tu farás isso, eu sei, e encontrarás um lar tão belo e maravilhoso que a minha língua não consegue descrever. Estava a cantar contigo esta noite quando entoaste aquele pequeno e belo hino que acabaste de cantar."

Uma voz muito digna falou uma vez, afirmando ser a de um homem que fora um chefe índio na Terra. Vinha frequentemente, e era sempre reconhecido pelo tom da sua voz culta. A esposa de um dos participantes tinha falecido, e o índio dirigiu-se-lhe nestas palavras:
"Sei muito bem como te sentes. Eu próprio já me sentei na solitária tenda, e sei o que é quando aqueles que amas se foram, mas não tardou até que o meu bem-amado viesse até mim."

"Então já sabias sobre a sobrevivência quando vivias na Terra?" veio a resposta do cavalheiro a quem se dirigia.

"Sempre soube que iria para o Verão Eterno, e que um dia voltaria a encontrar a minha esposa. Descobri que era assim. É um pensamento belo, senhoras e senhores, saber que ireis reencontrar os vossos entes queridos do outro lado da vida e, oh, gostaria de vos falar das belezas do país.

"Faltam-me as palavras para descrever as maravilhosas glórias desta terra esplêndida para a qual estais a caminho. Deus vos abençoe, meus amigos. Correreis e não vos cansareis. Caminhareis e não desfalecereis. Bebereis das águas cristalinas que correm ao longo do caminho. Comereis frutos, ainda mais gloriosos do que o fruto da vide da Terra. Uma profusão de frutos e flores que não vos poderia descrever."

Uma senhora presente perguntou: "Mas vocês não os comem, pois não?"

"Claro que os comemos. Não da maneira como os comeis aqui no corpo, mas desfrutamo-los."
O que está de acordo com a resposta que uma vez recebi noutra sessão à mesma pergunta:

"Sim, comemos e bebemos, mas não no sentido que dais a comer e beber. Para nós é um estado mental. Desfrutamo-lo mentalmente, não corporalmente como vós."

Uma vez, ao discutirmos as casas em que vivem, alguém perguntou se as belas flores de que tantas vezes falavam podiam ser colhidas e usadas para decorar as suas casas. Eis o que nos foi dito:

"Oh, certamente, podeis decorar os vossos lares, as vossas casas onde viveis, com o que quiserdes, e, se ao passar por algum lugar virdes uma flor em particular e pensardes 'Gostaria de ter essa flor no meu jardim', quando regressardes a casa encontrá-la-eis lá. O Espírito Guardião das várias plantas e flores trará a mesma planta para crescer no vosso jardim, sem que vos preocupeis com isso."

"Onde colocais as flores que levais para as vossas casas?", perguntou um curioso prático.

"Colocamo-las num vaso, tal como na vossa casa, e não precisais de vos preocupar com partir os vasos, porque não os podeis partir."

"E as flores precisam de água?" perguntou a mesma pessoa.

"Temos um líquido, mas não é exatamente água. Temos o equivalente de muitas coisas materiais aqui. Não seria uma vida doméstica real se não tivésseis as mesmas coisas que tínheis na vida terrena. Vedes aqui as flores a crescer, tão belas, e a esbaterem-se quando chegam à plena maturidade. Não há desperdício nem decadência."

A minha cunhada contou-me uma vez isto sobre o que chamaríamos água:
"O nosso mundo é muito parecido com o vosso. Quando cheguei pela primeira

vez vi uma pequena e bela cascata e fui colocar a mão debaixo da água. Quando retirei a mão estava completamente seca, e não senti a água. Quando nos banhamos no nosso mar temos todo o prazer e a excitação do banho, mas nunca nos molhamos, e saímos da água completamente secos."

Quando perguntei se regressavam à Terra através da sua própria superfície, respondeu:

"Voltamos à Terra através da nossa própria superfície, mas trata-se apenas de sintonizar as vibrações dos diferentes níveis de superfície. Sim, temos cidades e aldeias e tudo é muito belo, e nunca temos escuridão."

Que o Éter é muito semelhante ao nosso mundo em aparência foi confirmado noutra ocasião, quando um amigo de um dos participantes nos contou isto sobre o mundo em que vive:

"É tal como o vosso mundo, e nunca desejei progredir mais até ter alguns dos meus aqui comigo. Foi um consolo para mim ter alguns dos meus a receber-me, embora não tenham ficado comigo, e eu não possa ir onde eles estão, mas estou bastante contente, por agora, onde estou. É um lugar belo, e faço o meu pequeno esforço para ajudar os rapazes que estão a chegar, para lhes mostrar o melhor caminho para ultrapassarem as suas dificuldades."

Uma senhora participante comentou uma vez sobre setenta longos anos, ao falar com o avô. Ele riu-se e disse:

"Estou a rir-me de ti, minha querida, ao ouvir-te falar de setenta longos anos. Não passa de um instante; apenas um piscar de olhos deste lado. Parece que não passou tempo desde que eras uma pequena traquina de saias curtas a correr por aí. Sinto-me muito feliz por ter conseguido obter as condições que aqui estão presentes esta noite."

O tempo é diferente para eles do que para nós. Assim, quando uma senhora presente disse uma vez que já tinham passado muitos anos desde que falara ao espírito que se lhe dirigia, ele respondeu:

"Parece-me um intervalo tão pequeno aqui. Contudo, deve ser longo para ti, e alguns desses anos foram pesados e tristes; mas ouviu-se algo esta noite enquanto eu estava perto de ti. Escutei a minha querida amiguinha repetir estas palavras: 'Então, ah então, compreenderás.'"

Um participante, um homem idoso, foi uma vez informado numa conversa:

"Anos e anos parecem-te muito tempo, mas estás a chegar à altura em que anos e anos nada significarão."

E novamente a questão do tempo no Etérico foi resumida nestas poucas palavras:

"O tempo não conta para nós aqui."

Este capítulo contém o que nos foi dito sobre as condições no outro mundo, mas não passa de um vislumbre da realidade. A nossa linguagem é inadequada para que eles expressem tudo o que poderiam transmitir. As palavras não conseguem transmitir-nos o que um dia só aprenderemos pela experiência. Como um editor conhecido, autor de um famoso livro sobre Espiritismo, confessou uma vez à sua neta que estava presente:

"Pensava que sabia muito antes de vir para aqui, mas ainda tenho muito para aprender."

Assim também todos teremos muito para aprender quando chegarmos ao outro lado e, entretanto, resta-nos subscrever as palavras de um homem que falou certa noite a todos os presentes numa reunião do círculo de Sloan:

"Temos todos muito a agradecer, muito mais do que possais imaginar, tanto no plano físico como quando aqui chegardes. Reconhecereis então que tudo o que digo é verdade."

Concluo este capítulo dando uma descrição viva de um dos aspetos da vida no outro mundo. O espírito que falou era a esposa do médium, e ela falou com fluência e animação. O que disse, como sempre, foi ouvido por todos, mas dirigia-se a uma senhora presente que conhecera bem quando estava na Terra. As suas observações diziam respeito ao acolhimento que os membros do círculo receberiam quando chegassem ao Etérico:

"Sentar-vos-eis a uma mesa do meu lado da vida, e teremos para vós uma bela refeição, a que mais apreciais. Aqui não encontrareis velhos, costas curvadas, olhos baços ou rostos cansados, mas sim um grupo de entes queridos, plenos de amor santo e de gloriosa juventude, a dar-vos as boas-vindas ao nosso lado da vida, quando chegar o tempo certo de Deus. Isso é para todos vós, Deus vos abençoe. Compreendereis quando aqui chegardes e encontrardes aqueles a quem amais — pais, mães, tios e tias, irmãs e irmãos, alguns já em idade avançada quando deixaram o corpo. Vereis uma breve imagem deles tal como os conhecestes por último, e depois virão até vós na plenitude da sua juventude, como agora estão. Virão com a estatura e o viço da masculinidade, a beleza da feminilidade."

Com esta perspetiva esperançosa diante de nós, passemos agora ao próximo capítulo e aprendamos sobre o seu modo de vida.

CAPÍTULO X

O SEU MODO DE VIDA

A forma como vivem os nossos amigos que partiram é para nós assunto de grande interesse, sobretudo porque um dia também viveremos assim, quando chegar a nossa hora de nos juntarmos a eles. A vida deles parece decorrer de modo muito semelhante à terrena, embora tenham muitas vantagens que não possuímos. Tal como connosco, a vida social e familiar ocupa um lugar de destaque, e aqueles que desejam adquirir conhecimento têm todas as oportunidades para o fazer. As artes, como a pintura e a música, desempenham um papel importante nas suas vidas, mas vejamos o que eles próprios têm a dizer sobre o modo como vivem.

Quando uma senhora presente perguntou ao seu pai o que fazia, recebeu a resposta:

"Estou a aprender imenso aqui. Na verdade, frequento aquilo a que se poderia chamar uma Universidade, a mesma onde está o filho desta senhora."

E dirigindo-se então à senhora mencionada acrescentou:

"Frequento o Colégio onde o seu filho dá aulas."

Na Terra, o seu filho fora um estudioso notável e, não tivesse morrido na Primeira Guerra Mundial, a carreira de professor universitário teria sido certamente a sua escolha.

"E o que está a aprender, Pai?", perguntou a filha, ao que ele respondeu:

"Estou a aprender o Caminho da Vida," palavras que abrangem quase tudo.

Devemos, contudo, compreender a dificuldade deles em nos fazer perceber a vida numa ordem de existência diferente da nossa. Para começar, falam em condições difíceis, já que os seus órgãos vocais são materializados e, consequentemente, usados de forma não natural.

Quando um participante comentou que parecia ter muito que aprender, recebeu esta resposta certeira:

"E ainda estudarás muitos anos antes de compreenderes plenamente. Nunca começarás a compreender devidamente até vires tu próprio para este lado."

Noutra ocasião, um amigo etérico de alguém do círculo dirigiu-se a um professor presente, dizendo:

"Acrescentei muito ao meu conhecimento do lado espiritual da vida através do valioso ensino que recebi de Arthur Lang. Vou muitas vezes ouvi-lo falar quando está a dar palestras. Estou a ser claro? Não sei como teria compreendido tão bem se não tivesse escutado alguém como ele a explicar-me as coisas quando cheguei cá. E, Deus sabe, todos vós precisareis de ajuda quando aqui chegardes, embora, com o conhecimento que já tendes, o entendereis muito melhor do que eu."

Esse Arthur Lang era o mesmo estudioso referido no início deste capítulo.

E em certa conversa ouviu-se este comentário:

"Pois bem, sabeis, a lei natural foi-me ensinada deste lado da vida. Não acreditava nem pensava muito numa vida depois da morte quando estava na Terra, mas os bons amigos cedo me mostraram o caminho que devia seguir para progredir aqui."

Noutra ocasião, um professor presente foi-lhe dito que a Terra é uma escola e que:

"Cumpris aquilo a que chamais currículo, para a vida mais ampla e, se passardes razoavelmente bem, tanto melhor será para vós quando chegardes a este lado da vida. A paz do Grande Pai esteja convosco agora e no tempo vindouro, e que o Grande Mestre guie os vossos pensamentos, a cada um de vós, para que vos alegreis de ter seguido o caminho do dever e trabalhado pelo bem não apenas vosso, mas de todos — os vossos irmãos e irmãs na jornada."

Um participante comentou uma vez que gostaria de conhecer a solução da vida, recebendo esta resposta:

"Sim, compreendo — mas ela existe — aquilo a que chamais 'Solução'. Há momentos em que os viajantes no Caminho da Vida encontram más estradas, estradas tortuosas, que dificultam o avanço, mas há uma Luz, uma Luz brilhante, chamada 'O Deus do Amor' — a Luz da Vida que nunca morre, mas arde cada vez mais intensamente, para que vejais melhor à medida que vos aproximais deste lado, e ides ao encontro daqueles que vos iluminam e vos amam. Quando aqui chegardes tereis olhos espirituais que vos permitirão ver tão bem na escuridão como na luz. Estais todos perfeitamente visíveis para mim neste momento."

Depois, a mãe no Etérico de uma senhora presente comentou:

"É algo peculiar — a teia da vida; diferente para cada um, e ainda assim deve ser tecida corretamente. Estais todos a tecer a teia da vida para vós próprios. Estais todos a tecer personalidade e caráter na Terra. Estais a viver uma vida que vos

acompanhará quando passardes a barreira e vos ajustará à condição deste lado que preparastes para vós na Terra."

Uma conversa interessante, que os participantes levavam a cabo entre si, foi interrompida por uma senhora do outro lado que observou, com acerto:

"Uma mente aberta é um degrau na direção certa, se a continuardes a manter aberta. É bom ter uma mente aberta quando algo novo e estranho vos é apresentado. Assim tereis tempo de refletir e não rejeitar sem a devida consideração. Quem tem uma mente aberta pode levar as coisas à avizandum (consideração privada) com vantagem. Creio que compreendeis o que quero dizer."

Um participante comentou uma vez o seu desejo de obter mais conhecimento sobre a vida após a morte, recebendo esta resposta do espírito com quem falava:

"Também nós temos desejos deste lado, sabeis, mas posso dizer-vos que nem todos os desejos que aqui tenho são satisfeitos ou concedidos. Longe disso, e não tenho dúvidas de que o mesmo se passará convosco. Ainda assim, recebi mais do que merecia. Se tivesse recebido apenas o que me era devido, Deus sabe onde estaria hoje."

O mesmo participante, noutra ocasião, perguntou a um amigo com quem conversava se este estava satisfeito com o trabalho que fazia lá, tendo recebido esta resposta fervorosa:

"Satisfeito, Sr. Cameron, não é palavra adequada para o expressar. O meu trabalho é para mim uma alegria indizível, a glória do serviço enche-me de uma felicidade que dificilmente consigo explicar. Deus esteja convosco até nos voltarmos a encontrar, e que o Grande Espírito vos envolva e proteja a todos do mal. Boa noite, e que Deus vos abençoe."

A felicidade na vida foi tema de várias intervenções de espíritos, e aqui ficam algumas citações das suas palavras. Um marido, referindo-se a si e à esposa que estava com ele, disse a um familiar no círculo:

"Continuamos felizes. É apenas a continuação da vida que tivemos na Terra, prolongada para o outro lado da vida também para nós."

Noutra ocasião, uma senhora no Etérico disse à irmã que estava presente:

"Não te preocupes connosco. Estamos tão felizes, tão, tão felizes. Claro que sentimos a vossa falta e dos bons momentos que costumávamos ter."

Um marido e uma esposa estão novamente juntos e muito felizes. Uma parente, chamada Lillian, que estava presente, ouviu isto:

"Lil, sou a Gladys. Se ao menos todos pudessem saber como o meu Jim e eu estamos felizes. (Depois, falando para todos nós, disse): Ele foi meu marido na vida terrena, e estamos juntos aqui. Au revoir por um tempo."

Outro marido e mulher estão igualmente juntos novamente:

"Estamos ambos juntos, o teu Pai e eu, mas não o tempo todo. Eu não desejaria isso, pois não conseguiria participar de todas as ocupações de que o Pai gosta e em que toma parte, mas encontrei aqui muitos amigos, pessoas que eu não conhecia na vida terrena, mas que reivindicam parentesco comigo. Somos todos mais íntimos uns dos outros deste lado."

Isto leva-nos naturalmente a pensar na sua vida doméstica. Onde e como vivem? Falam das suas casas, dos seus lares e dos seus filhos, mas os filhos referidos são aqueles que tiveram na Terra. Nunca ouvi dizer que nasçam crianças no Etérico, mas disseram-me que crianças terrenas são adotadas — se posso usar esta palavra — por espíritos que gostam de crianças. Deste modo, as crianças que morrem na Terra encontram lares, e algumas juntam-se aos pais quando estes, por sua vez, deixam esta Terra para o outro mundo.

Por isso, uma vez perguntei acerca das casas em que vivem.

"As nossas casas são tal como desejamos fazê-las. As vossas casas terrenas primeiro foram concebidas na vossa mente e depois a matéria física foi reunida para as tornar como a vossa mente as viu inicialmente. Aqui temos o poder de moldar a matéria etérica conforme pensamos. Assim, as nossas casas são também produtos da nossa mente. Pensamos e construímos. É uma questão de vibrações do pensamento e, enquanto mantivermos essas vibrações, podemos suster o objeto, que, durante esse tempo, é objetivo para os nossos sentidos."

Que as suas casas são para eles tão reais como as nossas o são para nós, fica evidente pela resposta que uma mãe no Etérico deu à filha na Terra. "Tens uma casa bonita?", perguntou-lhe a filha.

"Tenho, mas não tenho visto muito a minha própria casa recentemente. Tenho andado numa ronda de visitas — a ficar com pessoas diferentes — por vezes durante tanto tempo que espero não abusar da hospitalidade."

"Tenho a certeza de que nunca farias isso", observou a filha, e esta foi a resposta:

"Não me parece, pois todos ficam tão contentes por me ver. Encontrei aqui muitas pessoas que conheci há muito tempo e de quem quase me tinha esquecido, mas todos me reconheceram e estão ansiosíssimos por que eu fique com eles. Tenho agora um corpo maravilhoso, Jeanie. Já não sou idosa, sabes, e posso desfrutar de andar por aí."

Numa ocasião, esta notícia muito caseira foi transmitida a uma senhora presente, pelo seu avô:

"Sou o William Johnston. É o William Johnston a falar para a Crissie Colquhoun. Olá, estava mesmo a falar com a tua Mãe e a dizer: 'Oh, se a Crissie nos pudesse ver a todos sentados aqui neste dia lindo, cá fora neste relvado maravilhoso, como ela gostaria de conviver connosco.' Foi apenas uma reunião para comemorar algo de que o teu Avô gosta de se lembrar hoje, como lhe chamaríeis hoje. As nossas lembranças dirigem-se a ti neste momento, e a Mãe quer que eu tente projetar os meus pensamentos até ti para que possas perceber e compreender o que está a acontecer."

Como é tudo tão natural! Chegamos o Etérico de modo natural, sem qualquer passaporte que nos permita a entrada e, quando lá chegamos, vivemos o tipo de vida que vivíamos na Terra. Voltamos a encontrar os amigos que conhecemos na Terra e nós próprios determinamos exatamente onde e como havemos de viver.

Não obstante, sobre este facto natural, edificaram-se todas as religiões sobrenaturais do mundo, com os seus salvadores, os seus sacerdotes, teólogos, igrejas, templos, mesquitas, sinagogas, pagodes e outros lugares santos. Em torno de um acontecimento natural teceram-se ideias que se denominam sagradas ou santas, e acumulou-se uma atmosfera mística, que produziu livros santos, literatura sagrada, música sacra, dias santos, misticismo, colégios teológicos, conventos e mosteiros, além de multidões de monges e freiras que vivem apartados do resto da humanidade na esperança de uma vida mais próxima de Deus no além.

Sobre este acontecimento natural, a saber, a morte, volveu-se grande parte da história, sendo a religião a causa de metade da história do género humano, além de motivo da miséria, da intolerância e do massacre de milhões incontáveis de homens, mulheres e animais. Quem poderá sondar o número de mortes, o sofrimento e o desperdício causados por guerras religiosas, perseguições e sacrifícios, tudo fruto da ignorância humana acerca do que acontece depois da morte?

Conforme semeamos, assim colhemos; conforme é a nossa mente, assim vivemos. Isto foi-nos explicado uma vez nestas palavras:

“Sim, estou a tentar explicar-vos como construímos o nosso lar por atos praticados no corpo. Qualquer pequeno bem que eu tivesse feito na vida terrena, que me tivesse representado algum sacrifício, tornava a minha casa, a minha bela casa, mais bela; e qualquer pensamento gentil que eu tivesse, qualquer ação bondosa que praticasse, tudo contribuía para o embelezamento do meu Paraíso de Paz, o meu lar, o meu jardim, em toda a sua beleza, e as flores que adoro tratar, tal como costumava fazer na vida terrena. Elas crescem de pequenas plantas até à plena frutificação de toda a sua beleza e fragrância e depois simplesmente desaparecem e outras crescem no seu lugar. Não há decadência; não há labuta na jardinagem. Tenho um lar tão maravilhoso e vim apenas contar-vos acerca da minha casa e do meu jardim.”

Outra pessoa exprimiu-o assim:

“Não podeis imaginar, não podeis compreender — espero não estar a interromper agora — mas cada palavrinha que transmitis ao mundo hoje, dos vossos pensamentos e das vossas ideias sobre o lado espiritual da vida, se as transmitirdes àqueles que viajam pela jornada da vida, àqueles que não conhecem esta verdade, isso ajudá-los-á a compreender quando os dias escuros surgirem no seu caminho. Eles não têm o conhecimento que vós tendes, e será mais uma gema brilhante na estrutura da casa onde ireis residir no lado espiritual da vida.

‘Pensamento’ é uma palavra estupenda. Os vossos pensamentos alcançam tão longe, e os tentáculos desses pensamentos não alcançam apenas o Norte, o Sul, o Este e o Oeste, mas chegam a toda a parte. Tende pensamentos bondosos, Senhoras e Senhores, tende pensamentos amorosos e, acima de tudo, tende pensamentos puros. Deus vos abençoe e vos guie sempre por essa estrada luminosa onde nada de mau caminha, e para a clara luz, a luz do amor que culmina no repouso do dia eterno.”

A mesma ideia foi de novo expressa por um homem no outro mundo, quando agradeceu a um participante por transmitir à sua noiva uma mensagem que lhe enviara numa sessão anterior:

“Obrigado pelo conforto e a alegria que trouxeste à minha Mary. Será uma pedra preciosa, uma joia no belo lar que te aguarda no lado espiritual da vida. Todos os belos pensamentos que enviaste serão um ornamento desse lar. Não vai tão longe o tempo em que eu julgava que tal coisa seria impossível. Pensava que não havia vida após a morte, mas oh, estou aqui, e é de uma beleza para além de toda a imaginação.”

Um índio americano disse um dia estas palavras:

"Há um doce lar onde maravilhosas belezas vos aguardam. Esse lar é agora a minha porção. Já avancei para além disto; perdoai-me dizê-lo, mas significa ter de voltar para entrar nos vossos ambientes.

Há braços protetores estendidos para vos resguardar e guardar a vós e aos que vos são queridos, sustentando-vos com súplica e oração, e faremos o melhor que pudermos por vós ao longo de todo o caminho. É um dos Chefes índios que vos traz esta mensagem. Sabeis algo do poder do que chamais oração, mas ela tem um poder muito mais maravilhoso do que imaginais, por isso sabeis o que fazer."

O poder da mente para o bem cria o nosso conforto e felicidade no além, como um amigo escocês disse certa vez:

"O 'gowd' cintilante (ouro) não serve para nada aqui, mas o 'gowd' cintilante do coração — deveres cumpridos na vida terrena — esses ficam convosco. Mesmo os menores atos de bondade contam. Uma palmada nas costas, umas palavras de ânimo a um viajante cansado pelo caminho — isso nada custa, mas significa tanto. Deus te abençoe. Sou apenas um veterano do lado espiritual da vida, à procura dos vagabundos cansados no plano da Terra, onde eu próprio fiz alguns vagabundagens cansativas nos tempos idos, desejando dar-lhes uma palmada nas costas de vez em quando e, ao fazê-lo, recebo eu próprio uma bênção. Aye, aye."

A um banqueiro presente dirigiram-se um dia estas palavras:

"É também para mim uma coroa de regozijo, meu amigo das trocas de dinheiro. Não sei o teu nome, mas sei que trabalhas com dinheiro. É necessário do vosso lado. Não poderíeis passar pela vida sem ele, mas, quando vieres para o meu lado, não precisarás de comprar nada. Terás justiça conforme o que fizeste na vida e fizeste por amor, conforme o que Deus desejaria que fizesses. Adeus, adeus."

A mesma ideia foi expressa noutra ocasião, quando o mesmo banqueiro foi interpelado por um amigo nestes termos:

"Não há balanços deste lado; o tilintar do dinheiro não te comprará nada aqui. É curioso pensar como alguns se agarram a ele por tanto tempo, e isso até os preocupa deste lado porque não conseguem usá-lo como desejariam."

Certa vez, durante uma conversa, perguntei se aqueles com títulos terrenos os mantêm no Etérico, e recebi esta resposta:

"Os títulos terrenos nada significam para nós. Assim que os que os ostentam aqui chegam, esses prefixos são abandonados; são destituídos de sentido para nós."

Uma senhora presente perguntou uma vez ao marido, no outro mundo, se ele e o filho deles estavam juntos. A resposta dele abrangeu também outro tema:

"Muito frequentemente, mas, claro, não estamos sempre juntos. Verás que a minha voz está agora bem diferente do que costumava ser nos tempos antigos. Verás, quando chegares a este lado da vida e puderes estar com os belos amigos que encontrei, que adotarás outros acentos. Estás a marchar por um mundo cansado que está a passar por uma época terrível, e é teu dever, na medida do possível, viver como sabes que Deus desejaria que vivesses." (Esta observação refere-se à Segunda Guerra Mundial.)

Este tema da voz humana foi levantado noutra ocasião, quando uma senhora presente perguntou a um amigo no Etérico se alguém com uma bela voz na Terra a teria no outro mundo. Esta foi a resposta:

"Quem tem uma bela voz continuará a ter uma bela voz no lado espiritual, mas uma bela voz pode ser cultivada aqui, mesmo que não a tivesses no corpo e, com uma bela voz, qualquer pessoa pode cantar, e cantar belamente, e adquires tudo isso muito rapidamente."

Falou-se então de música. Uma senhora presente perguntou se havia música no mundo de onde o seu amigo falava:

"Todo o tipo de música que desejas, podes ouvir. Há muitos coros que cantam aqui, tal como vocês cantam no Plano Terreno."

Uma jovem presente numa noite ouviu o seu nome pronunciado por uma voz que dizia ser a de um tio do outro lado. As suas observações sublinham o modo amistoso e natural como eles convivem:

"Encontrei um velho amigo teu — um amigo muito querido; tu conheces (know) o Jimmie. Tornei-me seu conhecido e ele está muito bem e pensa sempre em ti. Aliás, quando o percurso estiver terminado para todos vós, então ireis reencontrar todos os vossos velhos amigos que conhecestes noutros tempos, e todas as faltas, todas as loucuras e esquecimentos serão apagados, e sereis felizes juntos. Agora, boa noite, e sê feliz, minha querida."

Outro vislumbre do seu modo de vida chega-nos pela observação que uma senhora no outro mundo fez a uma amiga presente na reunião:

"Não só vi o teu querido marido como falei com ele muitas vezes."

Uma vez contaram-nos uma forma de fazerem novos amigos, e não era a primeira vez que ouvia falar disso. Tal como acontece na Terra, quando as pessoas fazem novos amigos nestas pequenas reuniões espiritistas, assim fazem igualmente no Etérico quando as pessoas se reúnem para conversar connosco na Terra. Fazem-se muitas novas relações desta maneira. O que se segue foi dito a uma senhora presente pela sua mãe do outro lado, depois de a mãe ter feito alguns comentários francos sobre uma pessoa de que estavam a falar:

"Sempre fui franca e dizia o que pensava das coisas, e continuo a ser a mesma. Também fiz aqui muitos amigos que nunca encontrei até chegar — como a Sra. McRobbie, e outros que conheci através do contacto com eles nestas Reuniões. Mas, oh, querida, sinto muito a tua falta."

A Sra. McRobbie é a mãe no Etérico de uma das senhoras participantes.

A uma senhora presente disse o seu tio-avô, que já lhe tinha falado muitas vezes:

"Fala agora o David de novo. Quero que compreendas que a tua Mãe está 'ótima'. Desculpa a expressão, mas por que não haveria de dizer 'ótima? E espero que tu também estejas."

Alguém que era conhecido pelo seu humor na Terra deu esta resposta a uma pergunta feita por um cavalheiro presente:

"Obrigado, senhor. Sim, tinha — e ainda tenho — um bom sentido de humor."

Mal isto foi dito, um irlandês no Etérico, parente de uma das senhoras presentes, exclamou no sotaque irlandês:

"Faith, e não era metade tão bom como o meu, sabeis. Fala o Brian."

Noutra ocasião o Brian regressou e, depois de dizer algo, riu-se. Uma senhora disse que era bom ouvir a sua risada jovial. Ao que ele respondeu:

"Claro que rio. Por que não haveria de rir? O mundo está cheio de tristeza, mas por que não hão de sorrir aqueles que sentem vontade de rir? Lembrai-vos sempre de que um vosso sorriso pode diminuir a tristeza de alguma alma cansada."

Uma observação humorística, feita em tempos por outro irlandês, levou todos os presentes a rir de bom grado, e então ouviu-se dizer:

"É verdadeiramente animador ouvir as vossas gargalhadas. Gosto de vos ouvir rir assim."

O avô do marido de uma senhora presente, no decurso de uma conversa, fez esta observação algo lisonjeira sobre si mesmo. Evidentemente não era puritano na sua visão da vida:

"Não o conheceste na vida terrena, e terias uma grande surpresa se o pudesses ver agora e compará-lo com aquela velha fotografia de que falavas. Ele é agora um homem muito mais bonito. Estás a rir-te da minha vaidade? Gosto de dizer coisas alegres e fazer-vos rir. Se eu não pudesse ser feliz e jovial quando volto às condições terrenas, nem viria de todo. Alegria limpa e prazer limpo fazem parte do próprio Deus. Se tivesses estado, durante todo o tempo — o que chamais anos — deste lado em que eu tenho estado, e recebido tanta ajuda daqueles que progrediram mais, também estarias feliz e contente. Nunca fui rezingão e, na medida em que cumprimos a Vontade do Mestre (mantendo-nos dentro da lei), podemos viajar e fazer o que quisermos."

O tema da diversão, do humor e do prazer no outro lado foi uma vez resumido nestas poucas palavras por um espírito, depois de ter feito uma observação divertida a uma senhora presente:

"Somos bastante naturais deste lado da vida, como vais descobrir quando vieres para aqui. Eu, pelo menos, acho que sim."

Alguém que deu o seu nome e afirmou ser o autor desse nome, figura de grande fama na última parte do século XIX, disse um dia estas palavras:

"Se não puderdes tornar mais luminoso o caminho trilhado na vida terrena para aqueles que vos seguem, muito haveis falhado no vosso dever. Todos tendes algo a dar, e estou certo de que procurareis dar o vosso melhor para que aqueles que vierem depois possam dizer: 'Ela fê-lo bem', ou 'Ele fê-lo bem'. Fazei-o, meus amigos. Fazei-o, meus caríssimos amigos. Que registo para levar convosco. Deus vos abençoe."

Noutra ocasião, a um cavalheiro presente, que fizera muito bem à humanidade, foi dito:

"As tuas vestes brilharão com um fulgor maior e colocar-te-ão na 'Guarda Avançada', cingido com a armadura da retidão, por tudo o que fizeste para ajudar os retardatários pelo caminho, ao longo da vida. Esses registos não podem ficar ocultos quando vieres para este lado. Levarás a marca das tuas ações na vida terrena, e as que forem boas ajudar-te-ão tanto melhor quando vieres para este lado da vida, a cada um de vós. Vede, pois, que façais todo o bem que puderdes, enquanto puderdes. A vida é real e interminável. É apenas uma mudança de cena, de uma fase para outra."

E, com a mudança, cessam as preocupações terrenas, como nos foi dito:

"Deus vos abençoe. Será um dia feliz quando todas as preocupações terrenas terminarem e todos se encontrarem de novo do outro lado da vida. Não pretendo apressar nenhum de vós, mas cada um de vós sintonizar-se-á com o lado espiritual da vida quando vier para aqui, e renovará as amizades com aqueles com quem costumava conviver no ambiente terreno."

Pelo que dizem, parece que a preocupação, o cuidado e a ansiedade, que associamos à vida, lhes estão ausentes. Sem dúvida que têm os seus próprios problemas, dos quais nada sabemos, mas foi isto que nos disseram:

"Estou certo de que, no caminho que todos tendes de trilhar, cada um de vós tem as suas diversas preocupações e ansiedades, mas confiai naqueles que foram antes. Eles ajudar-vos-ão e cuidarão daqueles que amais e que estão longe de vós. O caminho que tendes de percorrer na Terra, fazei-o com passos firmes, seguros e verdadeiros; um exemplo para aqueles que vacilam pelo caminho, lembrando sempre que pode haver um irmão mais fraco a tomar exemplo de vós, para que não vos desvieis da senda direita que conduz à luz. Mantende a luz adiante, e o rumo direito, e o objetivo surgirá à vista quando todos os que amais tão intensamente estiverem convosco, e a paz eterna."

Esta cessação de preocupações, como as que todos experimentam na vida terrena, foi de novo sublinhada noutra ocasião com estas palavras:

"Encontrareis uma diferença quando vierdes para o nosso lado. Todos os novelos emaranhados serão desenredados, e não tereis mais preocupações com nada."

A uma senhora presente disse um dia o seu avô:

"Sei como as pequenas preocupações por vezes apertam. Há preocupações que se encontram na estrada da vida que são 'gie' (muito) difíceis de enfrentar, mas lembra-te de que a esquina não está longe. Toma isto de mim: não consegues ver para lá, e é caso de contemplar o que está para lá da esquina. O que está para lá da esquina será muito luminoso para ti, minha menina. Tenho de velar por ti com o maior cuidado, mas receio estar a ocupar demasiado tempo. A atmosfera desta casa, esta noite, é-me muito aprazível."

As preocupações terrenas cessarão, mas, apesar disso, eles têm os seus remorsos por erros passados. Foi isto que um pai no Etérico disse um dia à sua filha:

“Lamento todos os meus erros. Fomos cometendo muitos ao longo da vida. Todos cometemos disparates, mas encontro-me aqui numa condição muito feliz. Só estou ansioso pelos que deixei para trás.”

Muitos dos nossos remorsos, preocupações e ansiedades na Terra provêm da nossa própria insensatez e estupidez. Eis a mensagem de alguém do outro lado, dando-nos conselhos aprendidos com a sua própria experiência:

“Perdoai-me, mas creio ter ouvido um de vós falar do privilégio de ter os próprios ideais e ideias. Pois bem, gostaria apenas de dizer que também é bom escutar as opiniões e ideias dos outros, à medida que se caminha pela senda da vida. Procurai ver claramente pelos óculos do vosso irmão, e então o mundo poderá parecer-vos um pouco diferente. Não falo a ninguém em particular, mas a todos vós — e a mim também.

“Quando estava no corpo não tinha senão a minha opinião, e eu tinha razão, claro. Como isso me parece tolo agora. Falo da minha vida terrena, naturalmente, mas agora isso passou. Lamento estar a incomodar-vos, mas entrei e gosto de olhar para as vossas faces. Consigo ver-vos a todos perfeitamente e, quando me aproximo, vejo-vos melhor. Vejo a escuridão da sombra à volta de alguns de vós e a luz brilhante em torno de outros, mas sei que a sombra que paira sobre alguns de vós (Segunda Guerra Mundial), e que parece bastante opressiva, é causada pela preocupação com aqueles que amais. Não vos preocupeis em demasia.”

Para concluir este tema das preocupações e dos remorsos, deixai-me transcrever a observação de alguém que dizia ser um velho amigo de um dos presentes: “Deixai que a luz brilhe nas vossas almas, e vereis a beleza de todas as belezas que vos rodeiam. Todos cometemos erros, mas os nossos erros por vezes purificam-nos, pelo menos purificam a nossa perspetiva. Espero não estar a intrometer-me ao apresentar-vos os meus pensamentos.”

Que os seus pensamentos produzem as suas roupas parece evidente pelo que um espírito nos disse certa vez. Este poder que a mente tem sobre a matéria no Etérico é difícil para nós apreendermos. Dizem-nos que têm o poder de moldar a matéria etérica conforme pensam. Consequentemente, as suas casas são produtos da sua mente. À medida que pensam, constroem. Isto foi-me dito claramente em mais do que uma ocasião. Assim, quando nos dizem o que se segue sobre as suas roupas, pode ser difícil de entender, mas tudo se coaduna com o que nos disseram em diferentes momentos acerca dos seus métodos de produção e construção.

Temos a mesma mente no Etérico que temos na Terra, ou, para sermos mais exatos, somos a mesma mente lá que aqui e, quando pensamos no que a nossa mente faz aqui, podemos acreditar que é possível que tenha ainda mais poder no outro mundo. Antes de a nossa mente consciente assumir o controlo, a nossa mente subconsciente já tinha moldado tubos para conduzir o nosso sangue, uma bomba a que chamamos coração, para o impulsionar continuamente pelas artérias e veias todos os dias, durante cerca de sessenta e oito anos da vida média de um indivíduo civilizado. Antes de a mente consciente do homem descobrir como fazer bombas de metal, tubos, alavancas, etc., a mente subconsciente já dirigira a sua construção em carne e osso no corpo humano; que não será ela capaz de fazer num mundo de matéria mais subtil, onde o seu controlo é muito maior?

Procuro comparar a mente humana a uma árvore. Vemos e sentimos as folhas e os ramos, que podem ser comparados à mente consciente. A mente inconsciente pode ser comparada às raízes: a parte invisível e vivificadora da árvore, de onde lhe vêm a forma e a vitalidade. O que é visível agrada-nos, mas não o invisível; e assim sucede com a nossa mente: a parte consciente é como a árvore visível, mas a mente inconsciente — muito real — é como as raízes vitais que alimentam a árvore. Depois da morte, a mente subconsciente terrena parece tornar-se mais proeminente, elevar-se e dar expressão visível de um modo que não o faz na Terra. É aí, no subconsciente, que reside o poder da mente e, quando a sua potência é libertada para se tornar mais visível após a morte, muito nos será possível fazer que não podemos fazer na Terra.

Foi isto que um espírito nos disse, certa vez, ao terminar uma longa conversa: "Progredi desde então e agora sou capaz de voltar aos ambientes da vida terrena e vestir roupas semelhantes às que usava. As roupas mudam. Não vos sei dizer como, mas, à medida que nos aproximamos do físico, as roupas mudam, disso não há dúvida. Talvez não vos tenha explicado muito claramente, mas, quando me aproximo do Plano Terreno, dou por mim a estar nos mesmos ambientes em que costumava estar, com vestes semelhantes às que usava na vida terrena, e as túnicas que visto do outro lado da vida — o lado do Verão Eterno — mudam, impercetivelmente para mim, quando atravesso a fronteira através da névoa. Claro que há outros que podem vir, mais avançados do que eu, e esses vêm sempre com as suas vestes espirituais. Quem me dera que os pudésseis ver — são muito belos."

As suas mentes não têm apenas um poder supranormal sobre a substância: parecem também ter o poder de transferir pensamentos de mente para mente sem recurso à fala. Usam a palavra falada tal como nós, mas dispõem de um dom

telepático que é muito raro e excecional na Terra. Foi isto que me disseram, uma vez, em resposta a uma pergunta que fiz sobre as diferentes línguas faladas no Etérico:
"Falam-se aqui as várias línguas terrenas, como o inglês, o francês e o alemão, mas são transmitidas de mente a mente, mentalmente. A comunicação faz-se mentalmente de uns para outros, não apenas pela palavra falada como na Terra. É como se dissesse que a mente do espírito entra em contacto telepático com a mente com que está a comunicar."

Uma senhora presente perguntou à sua mãe, no Etérico, se tinha encontrado a tia Agnes, recebendo esta resposta:
"Não, mas falei com ela, tal como falarias com alguém ao telefone. Não é a mesma coisa, mas é a única maneira de o descrever. Quando obtenho a condição, consigo falar com ela. Ela está para além de mim. Terás muitas surpresas com o que aqui acontece."

Um homem no Etérico, que disse não estar muito avançado — na verdade, que era antes atrasado — confirmou esta forma telepática de comunicação, que todos entendem, independentemente da língua que tinham na Terra, porque as imagens formadas numa mente são transmitidas à mente com que está em comunicação. Eis o que disse:
"Não quero ir muito longe no meu caminho até ter comigo os membros da minha própria família. Entretanto, compreendo que, uma vez ultrapassadas estas esferas em que tenho estado há muito tempo, adquiriremos de imediato o conhecimento de uma língua que todos conhecem."

Esta maior liberdade de expressão, a sua maior facilidade de deslocação e o imenso poder mental sobre a matéria podem ser a razão da maior harmonia que lá prevalece. Tal observação foi feita, certa vez, no decurso de uma longa conversa entre os participantes e um ativo amigo e auxiliar do outro lado:
"Não haverá unificação dos povos do mundo até que todos alcancem este plano de vida, onde nenhuma inimizade, nenhum ciúme ou ódio por quem quer que seja pode intervir. Era a isso que me referia com unificação — e então tudo estará bem para todos; mas, até lá, erguei-vos e agi, com pensamentos orantes e atos de bondade, para ajudar a levar conforto e ânimo aos solitários."

Ao ler o próximo capítulo, ficará evidente que, em geral, se sentem deliciados por voltarem a entrar em contacto com os amigos na Terra. Apesar das dificuldades que experimentam em comunicar connosco, enfrentam-nas com vontade e determinação porque, como um dos nossos amigos de lá nos disse um dia:

"É uma grande satisfação para nós saber que os pequenos pensamentos — parcelas do nosso conhecimento da vida aqui — que conseguimos transmitir vos são aceitáveis. Muito obrigado. Quando vierdes para o meu lado, verificareis que havia tanto que poderíeis ter feito na vida terrena se apenas tivésseis aberto o coração. Não estou a falar convosco pessoalmente, sabeis; estou apenas a dar voz aos pensamentos que estão na minha alma, a partir da minha própria experiência."

Passemos, então, a outra fase deste tema abrangente.

CAPÍTULO XI

O SEU CONTACTO CONNOSCO

As provas que recebemos do interesse e do afeto que os espíritos têm por nós, na Terra, não surgiram de uma série de perguntas e respostas, mas das observações que faziam de tempos a tempos, muitas vezes no decurso da conversa. Reunidas, torna-se evidente que, em muitos casos, as suas memórias da vida terrena são tão vívidas como eram quando aqui viviam, e que o interesse pelos amigos, e o afeto pelos familiares ainda na Terra, continuam tão fortes como sempre foram.

Além do que diziam, o tom das suas vozes transmitia, tanto quanto as palavras, o prazer que sentiam por poder falar connosco na Terra. Poderem dizer-nos que continuam a viver e a amar, que são felizes e aguardam com impaciência o momento em que os seus familiares se lhes juntarão, proporcionava-lhes intenso contentamento.

Leiamos, pois, as suas diversas observações sobre o contacto connosco, tema deste capítulo.

Um jovem que teve uma morte trágica falou, certa vez, a um amigo entre os participantes. Depois de dar o nome, disse estas palavras no decurso de uma conversa geral:

"É tão agradável estar ao pé de ti. Não é todos os dias que tenho oportunidade de enviar uma mensagem. Estou a pensar na minha querida amiga, Mary Stope. Deus a abençoe pela sua amizade para comigo. Tudo me parece fresco quando volto e vos olho a todos. Percorri o caminho por onde todos passam. Vós estais a passar os marcos miliários, meus amigos, senhoras e senhores. Eu fui para o outro lado antes de ter passado muitos marcos. Cheguei a um país maravilhoso e tenho um trabalho extraordinário a fazer."

Uma senhora presente ouviu, um dia, a voz da irmã. Primeiro, a irmã disse o seu nome e, em seguida, respondeu desta forma ao voto expresso de que agora fosse feliz depois de todas as suas tristezas terrenas:
"As minhas tristezas terrenas nada são para mim agora. Alegro-me de estar longe de tudo isso. Sou tão feliz aqui. Amo-te, querida, e farei tudo o que puder para te ajudar e fazer-te companhia, pois por vezes sentes-te só.
"E agora vou ajudar-te, querida, em tudo o que puder. Não é ótimo podermos falar uma com a outra, e que tenhas ficado a saber disto?"

Uma mãe no Etérico disse um dia isto à filha, em resposta a uma pergunta sobre se estava, ou não, feliz na sua nova vida:
"Queria apenas que estivesses metade tão bem e tão feliz como eu; toda a minha preocupação é ver-te preocupada e sem ninguém contigo. Eu não voltaria, querida, mas alegro-me tanto por poder vir falar contigo. Prefiro ficar aqui e deixar tudo muito bonito para a tua chegada a casa."

Os que nos falaram referiam frequentemente a sua felicidade, mas esta é por vezes temperada de tristeza pelos amigos e familiares que deixaram, se eles estão infelizes e sós. A felicidade no Etérico é também afetada pela miséria geral na Terra causada pela discórdia e pelo sofrimento. Como um deles expressou, em certa ocasião, durante a Segunda Guerra Mundial:
"Sabes, doce senhora, há hoje tantos em apuros do vosso lado da vida. Por vezes trilho a senda do vosso caminho terreno e o meu coração entristece. Sei que te admiras de eu dizer 'O meu coração entristece', mas assumo os sentimentos de tristeza, desassossego e dor que por aí andam, e só queria poder afastá-los a todos. Apenas desejava que todos no Plano Terreno pudessem entrar em harmonia com o amor divino e deixar para trás as suas preocupações e mágoas."

Outro espírito exprimiu-o assim, certa vez:

"Eu próprio me espanto quando olho para trás, para aqueles que amei e ainda amo, que estão a passar por tempos tão difíceis (Segunda Guerra Mundial), e nada posso fazer senão rezar para que sejais assistidos e sustentados em tudo, embora saiba que sereis compensados por tudo isso. São hoje muito poucos os que não têm a sua preocupação particular. Creio que sabeis o que quero dizer: aquele cuidadozinho e aquela mágoa no coração que não podeis contar a ninguém senão a vós próprios e aos vossos amigos espirituais; e eu, embora não tenha exatamente conquistado o direito de vos chamar meus amigos, estou ansioso e disposto a ajudar-vos em tudo quanto puder. Sei que há outros acima de mim prontos a ajudar-vos."

Durante uma longa conversa com uma senhora presente, um espírito, que afirmava conhecer o filho dela na Etéria, falou uma vez do seguinte modo:

"Tenho atravessado vastíssimos espaços desde que cheguei a este lado da vida, e agradeço ao grande Deus Espírito por me permitir ter essa grande alegria e privilégio. Fui agora nomeado para operar no vosso Plano Terrestre durante algum tempo considerável, tentando aliviar a tristeza e retirar as mágoas daqueles que, no Plano Terrestre, necessitam de ajuda. Procuro ajudar os que choram os seus entes queridos perdidos nesta guerra e incutir-lhes a ideia de que há miríades de almas que vêm aliviar o sofrimento dos que estão a atravessar a guerra para este lado da vida. Fazem-no retirando-lhes a consciência. Vou afastar-me agora, Senhoras e Senhores, por um momento, mas, com a vossa permissão, poderei voltar mais tarde se tiver oportunidade."

Outro ampliou o que fora dito anteriormente noutra sessão, com estas palavras: "Não estamos tristes — bem pelo contrário; só quando vemos e sentimos a infelicidade dos outros, ao contactar com o vosso plano, é que assumimos um sentimento semelhante. Não seríeis humanos se não sentísseis tristeza e pesar pelos outros, de vez em quando. Nós não seríamos irmãos e irmãs uns dos outros se não partilhássemos esta mágoa mútua, e isto aplica-se não apenas aos vossos amigos, mas também a todos aqueles anjos tutelares que velam por vós. Eles têm sentimentos afins convosco, partilham todas as vossas dores e todas as vossas alegrias, e procuram ajudar-vos em todos os momentos."

Numa outra ocasião, uma senhora presente ouviu isto no fim de uma breve conversa com alguém que, em vida terrena, tinha estado apaixonado por ela: "É tão bom ver-te. Tão bom ouvir-te dizer que nos voltaremos a encontrar. Aqui não há ciúmes. Amamo-nos todos uns aos outros e ajudamo-nos mutuamente — tanto aqui como no vosso plano — e eu ajudarei no que puder."

Uma senhora recentemente viúva recebeu uma vez esta mensagem acerca do marido:

"Ele está feliz e bem-disposto e quer que também tentes estar feliz. Há aqui muitos amigos que se interessam por ti, e querem que saibas que, embora não te falem, estão próximos e todos cuidam de ti."

Uma vez, depois de um hino ter sido entoado para aliviar alguma tensão entre os presentes, surgiu claramente o nome e a voz de uma mulher, amiga da maioria dos presentes, que havia falecido alguns meses antes:

"Oh, cantem outra vez, meus queridos! Adoro ouvir-vos cantar e adoro juntar-me a esses hinos. Faz-me recordar os velhos tempos em que tinha corpo."

Sem dúvida, a presença deles nestas sessões despertava-lhes as memórias terrenas. Uma amiga na Etéria disse certa vez a uma senhora:

"Consigo ver-vos a todos. Consigo ver-te exatamente como estás sentada nessa cadeira, e vestida tal como eu tinha roupas em vida terrena. Vejo que o teu cabelo tem um belo ondulado e tens uma boa tez."

Um filho, que voltava frequentemente e falava com a mãe, participante assídua, disse um dia estas palavras. Já antes fora referido como professor numa das universidades deles:

"A minha Mãe, estamos ambos ao teu lado, doce Mãe, o Pai e eu. Estive em silêncio — a escutar as belas palavras sentidas que esse amigo, esse amigo índio, acabou de dizer, e senti o coração rejubilar por o meu trabalho deste lado ter sido de alguma utilidade, porque ele é um dos meus alunos. Oh, se eu pudesse afastar o véu e mostrar-te a bela imagem do que está para vir! Não nos é permitido fazê-lo. Há certas coisas que não te é dado conhecer até que te juntes a nós aqui — é um tempo assombroso este em que vivemos, queridos amigos, neste momento. Minha querida Mãe, estou agora mesmo a olhar para ti."

O pai, na Etéria, de uma senhora presente, conversou um dia com a filha, terminando com estas palavras:

"A Mãe e eu esperamos que tenhas um tempo muito feliz no que resta da tua carreira terrena, e estaremos à porta à tua espera quando chegar o tempo de Deus. Deus te abençoe, minha amada menina. Tiveste uma vida atribulada ultimamente, sabemos. Refiro-me a altos e baixos, e sentes muito a nossa falta agora, minha e da Mãe. Cuidaste muito bem da Mãe, e agora tenho-a aqui para cuidar, e creio que compreenderás, minha querida, quando digo que acho que agora a compreendo ainda melhor do que tu."

Quando uma mãe presente perguntou ao filho na Etéria se ele tinha estado com ela quando se ausentara de casa, ele respondeu:

"E estive sim, querida Mãe, e estou contigo agora. Estou contigo muitas vezes sem que tu saibas, quando não pensas em mim. Sei que pensas em mim muitas vezes; mas, muitas vezes, quando não pensas, eu estou ao teu lado, a ajudar-te nas tuas dificuldades, porque tens dificuldades, às vezes, querida, e perguntas-te muitas vezes como é que as coisas acabam por se resolver da forma como se resolvem."

No fim de uma longa conversa entre uma mãe na Etéria e a filha, presente na sessão, a mãe comentou:

"Surpreender-te-ia se me pudesses ver de pé ao teu lado."

Um professor presente ouviu um dia estas palavras numa conversa com uma senhora na Etéria, em cuja casa, quando estava na Terra, ele tivera sessões no vilarejo de West Kilbride, em Ayrshire:

"O mundo é tão pequenino quando pensamos bem nisso. Aqui estou, do outro lado da vida, no novo mundo, e, no entanto, consigo vir, apenas com o pensamento, praticamente de imediato, para te ver, tal como te via nos velhos tempos em West Kilbride."

Durante uma conversa que um rapaz na Etéria mantinha com a mãe, dirigiu-se a todos os presentes com estas palavras, que mostram bem a alegria que sentem os nossos amigos do outro lado por voltarem a contactar aqueles que amam na Terra:

"É uma alegria imensa para mim, amigos, falar assim com a minha Mãe. Quando descobri que podia fazê-lo, foi uma grande alegria, e tenho procurado ajudar outros a terem também a alegria de falar com aqueles que amam no Plano Terrestre. Dá-me muita felicidade falar convosco e procurar ajudar-vos."

Foi isto que a mãe na Etéria disse a uma senhora presente. Depois de dar o seu nome e de se referir à filha pelo nome, prosseguiu:

"É a Mãe que fala, e parece que foi ontem que eras uma pequenita tagarela a correr aos meus pés. Deus te abençoe, minha querida. Estás já a descer a encosta da vida."

As palavras que se seguem confortaram imensamente uma viúva presente; foram ditas pelo marido. Se outras viúvas pudessem ter a certeza que ela tem de que os seus maridos as aguardam, quanto sofrimento e luto desnecessários cessariam na Terra!

"É o Norman que te fala. Minha querida, como estás? Estou do outro lado da sala para poder ampliar um pouco melhor a minha voz para ti. Ainda não está sintonizada como gostaria. O amor que há nas nossas almas, minha querida, continua a arder intensamente, e, à medida que os teus dias vão passando, eu velo por ti. Deus te abençoe. Nunca serei verdadeiramente feliz até nos darmos as mãos e nos abraçarmos quando chegar o tempo de Deus. Entretanto, velarei por ti o melhor que me for permitido, dentro do que os amigos espirituais que me orientam aqui me permitem fazer."

O casamento na Terra pode ser feliz, razoavelmente feliz ou infeliz. O casamento, tal como o entendemos na Terra, não existe na Etéria, mas aqueles

que se amam reencontram-se quando ambos chegam ao outro lado. Os casais razoavelmente felizes geralmente permanecem amigos, e os infelizes veem-se pouco ou nada. Os casais felizes tiveram a sorte de encontrar um par na Terra, mas os menos afortunados encontrarão um dia, na Etéria, um companheiro a seu gosto, se houver harmonia e forem afins entre si. Isto, em resumo, é o que me foi transmitido do outro lado, e parece-me razoável, natural e conforme ao que poderíamos esperar do conhecimento que temos da forma como vivem.

Um cavalheiro, participante assíduo, conversava muitas vezes com a esposa no além. Uma vez, depois de lhe assegurar o seu constante afeto, ela respondeu: "Eu sei, Don. Somos almas gémeas em muitas coisas. Tu sabes o que quero dizer, e o grande mistério da vida é que tive de deixar-te mais cedo do que desejava. Foste tão corajoso, Donald, e foste tão bom para os que ficaram sob os teus cuidados. Houve algumas pequenas coisas que te preocuparam, mas estou sempre a ajudar-te, Donald. Bom dia. No fim do caminho, meu querido, quando o bom Deus Espírito te chamar a casa, a Mary estará à tua espera."

Todos os tipos de homens, mulheres e crianças do outro mundo visitaram o círculo de Sloan ao longo de cerca de quarenta anos, e muitas centenas de visitantes terrenos foram recebidos pelos participantes regulares. Esses visitantes receberam provas abundantes de que aqueles que julgavam mortos estavam realmente vivos e, embora agora invisíveis, os amavam como os amaram quando viviam na Terra. Foram dadas milhares de mensagens evidenciais que provavam a identidade dos que falavam, mas a maioria perdeu-se por nunca ter sido registada por escrito.

É das sessões que foram registadas que se retiram os excertos apresentados neste livro, mas omiti todas as referências à prova de identidade, e mencionei nomes pessoais o menos possível. Este livro tem caráter educativo, e limita-se ao que eles nos dizem sobre o mundo em que vivem e a sua vida lá. A prova de identidade era sempre livremente dada, e encontra-se em alguns dos meus outros livros.

O que as páginas deste livro contêm interessa a todos, enquanto a prova de identidade só pode convencer plenamente o indivíduo que a recebe. Todos os que aqui falam satisfizeram plenamente os seus amigos na Terra, pelas coisas íntimas que disseram, de que não eram outros senão as personalidades que afirmavam ser. Por isso penso que o que mais disseram, para além das provas que deram da sua identidade, também pode ser aceite.

Por outro lado, se rejeitarmos as personalidades por trás das vozes que falaram, como poderemos explicá-las, e a tudo o que nos contaram? Por trás de uma voz

tem de haver um corpo a vibrar a nossa atmosfera, e por trás desse corpo um cérebro controlado por uma mente individual. Tudo o que foi registado é demasiado vasto para ser produto de uma fraude humana, com a intenção de enganar os seus semelhantes.

Tudo é demasiado coerente, demasiado manifestamente genuíno e demasiado impossível para a inteligência comum imaginar como sendo um engano ou fraude premeditada.

Sloan foi posto à prova de todas as formas possíveis, e não era o único médium de voz direta no mundo. Há, e houve, muitos outros, e estas conversas entre os dois mundos, tanto evidenciais como informativas, têm decorrido ao longo dos últimos cem anos em muitas partes do globo. Elas têm lugar sempre que exista alguém capaz de fornecer às pessoas do outro lado o ectoplasma necessário para materializar os seus órgãos vocais. É lamentável que apenas relativamente poucas dessas sessões tenham sido registadas, para serem transmitidas às gerações futuras.

Em todos esses registos há uma coerência no que é dito: as mesmas descrições da Etéria, o mesmo modo de vida relatado, a mesma afirmação de que o que importa é a forma como vivemos e não os credos em que acreditamos. Esta uniformidade, e ao mesmo tempo contrariedade em relação ao ensino religioso ortodoxo aceite pela maioria da humanidade, não pode ser produto de mentes terrenas dispersas pelo mundo.

Além disso, o que eles nos dizem contradiz o ensino ortodoxo materialista da morte e da ressurreição. De facto, as ideias que exprimem revolucionam de tal modo o pensamento religioso ortodoxo em todo o mundo, que teólogos e eclesiásticos nada melhor encontram para apresentar senão que o diabo está por trás de tudo, com o propósito de criar cada vez mais descrentes na religião geralmente aceite.

Depois desta digressão, regressemos agora às nossas conversas, e relatemos o que foi dito a uma enfermeira hospitalar por um médico amigo na Etéria. Depois de lhe dizer que estivera com ela numa operação nesse mesmo dia, num determinado hospital que nomeou corretamente, acrescentou o quanto prazer lhe dava ajudar médicos e enfermeiros terrenos a curar os doentes e sofredores.

A esse esforço, disse, dedicava muito do seu tempo e, depois de agradecer a enfermeira, respondeu-lhe e falou então a todos os presentes no círculo:
“O prazer é meu, Sr.ª Duff. É tão bom, amigos, saber e compreender, quando chegais a este lado da vida — se não o tivestes compreendido antes — que ainda podeis estar em contacto com aquilo que vos interessava na vida terrena,

ao reencontrar e falar com aqueles que conhecestes, deixando-os saber que a vida na Terra não é o fim da vossa viagem. É apenas o começo daquele dia perfeito que encontrais quando vindes para o meu lado. Que Deus vos abençoe, conforte e anime nestes tempos difíceis, que anime aqueles que se cansam e aguardam por entes queridos que nunca mais verão fisicamente; muitos deles sem o vosso conhecimento do futuro luminoso que os aguarda. Cabe a vós, que sabeis e compreendeis, que tendes a Luz, transmiti-la aos outros."

Um espírito falou uma vez a uma senhora presente. Ela perguntou quem falava, e ele respondeu:

"Não me conheceis. Eu conheço muito bem o vosso filho, o Sr. Arthur Lang; não na vida terrena, compreendeis, mas depois de cá ter chegado. Eu já cá estava muitos anos antes do Sr. Lang, mas conheci-o aqui e gosto muito dele."

"Podeis dizer-nos algo sobre vós?", perguntou-lhe ela, ao que ele respondeu: "Posso ficar e observar. Gosto de ouvir outros a falar, tanto os do meu lado como os do vosso lado. Adoro ouvir as vossas vozes a conversar entre si. Não fui um homem instruído em vida terrena — no sentido em que vós dizeis instruído — mas aprendi muito desde que aqui cheguei. Espero que compreendais se usar as minhas próprias palavras para dizer: há muitas esferas diferentes, muitos estágios distintos de existência no lado espiritual da vida."

Noutra ocasião, alguém do outro lado mostrou o mesmo interesse pelo que se passava na sessão:

"Sou apenas um estranho. Vi as luzes. Atraíram-me, e vim ver se podia prestar algum pequeno serviço a qualquer de vós, queridos amigos. Rejubilaria se os meus entes queridos soubessem que me é possível contactá-los e falar-lhes, mas nada sabem disto. Falo-lhes por vezes, mas não me ouvem. Que maravilhoso é que vós me ouçais. Que Deus Pai vos conduza à luz que manterá aberta a porta para que prossigais nesta verdade ao longo do vosso caminho de vida até ao fim da jornada. Fazei o melhor para manter um registo limpo e tereis uma entrada jubilosa na vida espiritual quando chegar a vossa hora."

Depois de um discurso interessante, registado num capítulo anterior, um espírito terminou a sua conversa com um cavalheiro presente com estas palavras:

"E agora, meu amigo, tenho de partir. Estive a tentar explicar, da forma simples que me é possível, o que senti na minha alma no lado espiritual da vida e o progresso de um estágio para outro. Não se conhece tudo num só dia."

"É um processo lento, e os que trabalhamos junto ao Plano Terrestre — não sei bem como o dizer — não quero dizer que nos deterioremos de algum modo,

mas antes que abdicamos, de livre vontade, do nosso avanço por um pouco, para podermos ajudar os irmãos mais frágeis, como nós próprios fomos ajudados no passado. Não permanecemos junto ao Plano Terrestre, mas vimos trabalhar nele. Creio que nenhum de vós se arrependeria de dar um pouco do seu tempo para ajudar um irmão ou irmã em atraso a alcançar um nível de vida mais elevado. Tenho de ir. Sou agora chamado por um emissário de um dos Luminosos a um nível de vida mais alto."

Um ajudante regular do outro lado, que falava clara e frequentemente, por vezes longamente, fez as seguintes observações no decurso de uma longa conversa:

"Gostaria de abrir um caminho claro para vós, Senhoras e Senhores, para percorrer os sinuosos caminhos da vida, que neste momento são muito difíceis. É penoso para o coração humano. Hoje falo de forma mais próxima de vós. Estou a esforçar-me por entrar nas vossas mágoas e nas vossas alegrias, e por ajudar os amigos que amais e que podem estar a seguir apenas um pouco adiante de vós na estrada da vida. Procuro sustentar-vos nos braços do amor, levar-vos para além da sombra até à substância onde eu vivo, e onde um dia sereis co-participantes no labor do amor."

Noutra altura, um Índio, que muitas vezes vinha ajudar os recém-chegados a falar, exprimiu os mesmos sentimentos nestas palavras:

"Procurei, tanto em vida terrena como na vida espiritual, trazer alegria e ânimo a ambos os lados. Sabeis o que quero dizer: confortar e suavizar os que sofrem. A bênção do Chefe Índio vai convosco a todos."

Era natural que aqueles cujas mentes retinham memórias da vida terrena, e que tinham ainda amigos na Terra, fossem os que mais se empenhavam em vir falar connosco. Vivem nos planos mais próximos da Terra. Contudo, há acontecimentos terrenos que lhes escapam, como sucedeu com esta senhora quando a filha, na Terra, lhe perguntou se tinha encontrado um amigo recentemente falecido:

"Oh, querida, não sabia que ele estava aqui. Transmite-lhe o meu amor, por favor. Certifica-te de dizer que veio deste lado. Apenas me foi velado por um tempo breve, mas agora que sei, tentarei entrar em contacto com ele."

Noutra ocasião, as suas limitações foram expressas nestas palavras:
"Qualquer coisa feita por amigos em vida terrena que tenham errado, se viesse a ferir aqueles que os amam e que já partiram antes, é-lhes velada, para que nada saibam. Se contribuir para a sua felicidade, essa informação é-lhes vedada, e não

lhes é permitido estar em ambientes que os entristeçam ou atrasem o seu progresso deste lado da vida."

Outro espírito, que se encontrava próximo, retomou o tema nestas palavras: "Se tivesse vivido uma vida melhor na matéria não teria ficado tão triste quando cheguei aqui pela primeira vez. Esse foi um belo exemplo de como se puxa um véu para que os entes queridos deste lado não saibam sempre o que se passa entre os seus amigos na Terra. Apenas as coisas mais grosseiras lhes são ocultadas. Espero que compreendam. Sou um homem muito simples e apenas transmito os meus próprios pensamentos, fruto da experiência, e que sei, em grande medida, serem verdade deste lado."

Com uma ligeira pausa, prosseguiu a sua fala:

"Só sabemos, até certo ponto, o que se passa no Plano Terrestre. Os que estão nos planos elevados — os Anjos Tutelares e os Luminosos — sabem, no entanto, tudo, e velam certas coisas que estragariam a felicidade dos que estão deste lado. Sem dúvida que esse véu também vos ajuda na vida terrena; no vosso caso, quanto ao futuro. Se tivésseis sabido de antemão as provas que teríeis de atravessar (Segunda Guerra Mundial), não teríeis tido forças para prosseguir. É melhor que também na vida material se erga um véu. Confiai, portanto, em Deus e fazei o bem."

Notou-se outra breve pausa, e então prosseguiu, cada palavra sendo claramente proferida sem a menor hesitação:

"No que toca ao que foi dito acerca de certas coisas serem veladas deste lado: podeis ter aqui, neste lado da vida, um espírito delicado — falo convosco em geral — alguém que amastes muito e que sempre tivera uma vida muito resguardada. Pois bem, não quereríeis que o seu progresso aqui fosse travado por quaisquer erros que tivésseis cometido. Pessoas assim não sabem detalhes de faltas ou tristezas. Contudo, percebem imediatamente quando algo corre mal convosco, e ajudar-vos-ão quanto puderem com os seus pensamentos de amor e as suas orações; porque também aqui recordamos os que amamos, tal como vós. Sabemos instintivamente quando estais em apuros, mesmo sem conhecer detalhes, e nesse momento sois influenciados pelas nossas preces por vós."

Uma senhora presente foi uma vez convidada por um amigo do outro lado a transmitir o seu afeto à esposa que ainda estava na Terra. Dirigindo-se à senhora pelo seu nome carinhoso, disse:

"Diz à Annie que ainda a amo. A minha partida não quebrou o laço entre nós. Oh, minha querida, oh, é maravilhoso. É o James que fala. É maravilhoso podermos

vir aqui, e que eu tenha conseguido. Tive receio de não me conseguir fazer ouvir, e estive ao teu lado com esse propósito. Estou bem e, oh, tão feliz, embora, naturalmente, sinta saudades de alguns que deixei para trás. Sabes do que falo, mas estou a trabalhar tanto quanto posso para que aqueles que deixei encontrem paz e felicidade. É tão difícil (por causa da guerra)."

A tia de uma senhora presente voltou um dia e ficou encantada por poder tocar na sobrinha:

"É tão bom saber que te posso tocar e que sabes que estou aqui. Pensa em mim, às vezes, e farei o melhor que puder por ti, e tomarei conta dos rapazes."

Afirmou, corretamente, que tinha morrido um ano e poucos dias antes de a sobrinha nascer. Seguiu-se então uma conversa entre ambas sobre dois familiares ainda na Terra; a sobrinha sentiu então uma mão a tocá-la, sendo as palavras finais da tia:

"Isto é apenas o toque de uma mão desaparecida; uma mão que nunca conheceste na vida terrena toca-te agora."

A mesma participante, em ocasião anterior, ouviu isto dito pelo avô do seu marido. Respondendo a um comentário que ela fizera, ele continuou:
"Sim, e fico tão contente por ter conseguido esta primeira palavra contigo. Voltarei, querendo Deus. A paz esteja convosco todos, e com todos aqueles que não têm o grande privilégio do conhecimento que vós tendes. Que as palavras sussurradas da verdade penetrem as suas mentes e digam: 'Não estamos mortos, estamos vivos.' Adeus."

Noutra ocasião, a mãe de uma senhora presente (que tinha partido quando a filha era uma criança pequena) disse à filha:

"A Mãe nunca se esquece. Vigiei-te enquanto cresceste, estudei os teus pequenos modos. Eu sou a tua Mãe. Abri os braços e abraço-te. Deus te abençoe, querida. O que eu puder fazer por ti, farei. Tudo será feito por ti ao máximo. Estive presente em um ou dois episódios trágicos da tua vida e mantive-me firme junto de ti, especialmente numa altura em que estavas muito em baixo."

Quando uma participante comentou um dia como isto era maravilhoso, e como os presentes deviam ser felizes por terem os seus amigos do outro mundo a vir falar com eles, alguém desse mundo disse estas palavras:

"Quando amamos alguém, nada é um incómodo; nada é demais e nenhum trabalho demasiado enfadonho para trazer alegria àqueles que amamos. Isto,

contudo, não é trabalho enfadonho, mas uma grande alegria para nós, fazer-vos chegar estas pequenas mensagens."

Quão estreito é o elo do pensamento entre as pessoas dos dois mundos foi uma vez sublinhado durante uma conversa entre um cavalheiro presente e um amigo do outro lado:

"Há uma coisa que te posso dizer — se pensares com carinho em alguém que amaste na vida terrena e que partiu de ti, o pensamento chega aqui e nós recebemo-lo imediatamente."

O espírito fez então um comentário interessante em resposta a uma pergunta: "Esquecer coisas que te disseram, ou ensinaram, é puramente algo físico. Não esqueces nada do que te é ensinado no lado espiritual da vida."

Que o amor une as pessoas dos dois mundos entre si é sublinhado pela observação que nos foi dirigida a todos pelo avô, na Etéria, de uma senhora presente:

"Queria apenas dizer-vos a todos: sois-me muito queridos e também a outros no lado espiritual da vida, porque nos ajudais, quando chegamos à fronteira, a entrar em contacto com aqueles que amamos. Sem a vossa ajuda, aquela portinha ('wee', pequena) ficaria 'steekit' (fechada) e por abrir. 'You ken' (vocês entendem) o que quero dizer. É a fusão dos pensamentos, a simpatia recebida, que levanta o ferrolho e nos permite chegar até vós e fazer-vos saber que ainda vivemos — ainda vos amamos. Deus vos abençoe."

Noutra ocasião, quando este tema foi mencionado, disseram-nos para recordar que:

"O amor é algo marcado a ferro no coração da humanidade e que nunca pode ser erradicado. Vive por toda a eternidade, nunca morre; o amor que está no coração uns pelos outros torna-se cada vez mais luminoso."

Este tema foi aflorado noutra sessão quando uma senhora presente falava com a mãe na Etéria. "Mãe", disse ela, "levarás o meu amor, querida, àquela que tentou ocupar o teu lugar?" A mãe respondeu:

"Fá-lo-ei. É fácil transmitir amor. Já não há lugar para ciúmes. Só amor podemos dar. Não poderíamos transmitir nada que não fosse amor. Não poderia haver mensagem alguma dirigida a alguém deste lado que não fosse uma mensagem de amor. Deus te abençoe."

Mr. Edward Clodd, que expôs a superstição na religião ortodoxa organizada, escreveu em 1917 que "de entre a enorme massa de comunicações que dizem

provir de espíritos desencarnados, não se consegue extrair uma única mensagem elevadora ou de tom elevado; tudo é nauseante, frívolo, malfazejo, patranhice espúria". Era agnóstico, sendo um dos líderes do pensamento materialista no início do século XX, e não duvido de que era isto que acreditava sinceramente, porque desconhecia a verdade. Este ódio e ignorância de tudo o que tem a ver com o Espiritismo era partilhado pela esmagadora maioria dos seus contemporâneos e, ainda hoje, embora em menor grau, continua a ser assim.

Não obstante, uma quantidade considerável de literatura sobre as crenças dos espiritualistas estava disponível no seu tempo, para quem quisesse estudá-la, e desde então cresceu enormemente. Um dia, a barreira do preconceito e da ignorância será varrida, e cessará o clamor monótono de insultos que o Espiritismo tem recebido ao longo dos últimos cem anos, tanto de cristãos como de materialistas.

Se todos possuíssem dons psíquicos, ou se todos tivessem uma experiência psíquica — ou mais do que uma — a dura crosta do materialismo e da antagonização dissolver-se-ia. A visão espiritualista da vida, da morte e da vida após a morte ocuparia o seu lugar. Surgiria uma conceção nova, mais ampla e mais completa do significado da existência, e muito do sofrimento, infelicidade e frustração atuais cessaria. Neste mundo, como no outro, há planos de pensamento, e os menos desenvolvidos mentalmente não conseguem apreender o que aqueles com maior conhecimento são capazes de aceitar. Tudo na vida é uma questão de desenvolvimento mental.

No passado, houve os mais esclarecidos que se elevaram mentalmente acima dos seus semelhantes e rasgaram, em maior ou menor grau, o véu que separa o mundo visível do invisível. Alguns nasceram com essa visão mais ampla, alguns tiveram a sorte de viver experiências negadas a outros, e alguns aprenderam com o que os poucos tiveram para lhes contar. Contudo, o esclarecimento das massas só chegará à medida que a mediunidade e o conhecimento aumentarem e, com relativamente poucos médiuns entre nós, o progresso no conhecimento do que é verdadeiro só pode ser lento.

Entretanto, que aqueles que leem este livro procurem apreender o prodigioso que tudo isto é, e compreendam como este conhecimento revoluciona muito do que fomos ensinados a acreditar ser verdade. A revolução no pensamento que ele traz é tão tremenda como foi a mudança completa, a inversão de perspetiva que teve lugar nos séculos XVI e XVII da nossa era quando, em 1543, Copérnico e, cerca de cem anos depois, Galileu, com a ajuda do recém-descoberto telescópio,

revelaram os céus como algo incomensuravelmente diferente do que nos parecia à visão comum.

Levaram muitos anos até que, mesmo os inteligentes de então, pudessem vislumbrar o significado de tudo aquilo, e, ainda hoje, o nosso misterioso universo não cabe no alcance da inteligência humana. O meio que causou essa revolução no pensamento foi o telescópio, e o meio que está a provocar a mudança na nossa visão religiosa é o ser humano, dotado pela natureza de um corpo capaz de fornecer a seres invisíveis o que necessitam para poderem comunicar connosco e dizer-nos quem são, e como e onde vivem.

Que revelação é esta, mas deixem-me dar-vos as palavras de um espírito que, certa vez, entrou numa conversa que estávamos a ter com um amigo do outro lado, o qual tinha comentado que o Sr. Sloan lhes abrira uma porta para chegarem até nós. Isto foi o que ele disse:

"É um grande dom, Sr. Cameron, poder abrir a porta e permitir que os amigos que vos rodeiam troquem pensamentos e opiniões que vos possam ser benéficos e ao vosso progresso ulterior na vida. Sempre que emitis um pensamento, tentamos ajudar-vos de todas as maneiras que podemos. Sois todos amigos que tenho encontrado aqui de tempos a tempos, e tenho conhecido um bom número de pessoas com diferentes visões da vida, mas estão todas muito dispostas a escutar com atenção tudo o que lhes possamos dizer, e o que dizemos parece ser aceite. Podemos assegurar-vos que é a verdade.

"Apenas vos contamos as nossas próprias experiências, as que tivemos desde que chegámos à vida espiritual, e que vos podem ajudar quando chegar a hora de fazeis a travessia para este lado da vida. Isso é algo que me deixa muito feliz: o pensamento de que os que estão na vida terrena ainda conseguem vir falar connosco e permitir-nos ajudar-vos a todos na difícil senda da vida, a ajudar a carregar o fardo que vos está mais perto do coração e que talvez não queirais contar a ninguém."

Esta abertura de comunicação entre os dois mundos é tão interessante e deliciosa para eles como o é para nós na Terra. Uma senhora presente foi, certa vez, informada disto pelo pai, no outro mundo:
"É o pensamento dessa grande Verdade, e o conhecimento de que tendes uma compreensão perfeita do facto de que ainda vivemos e amamos, que nos ajuda a esperar com paciência pelos que amamos, para que se juntem a nós deste lado. Estamos simplesmente à espera do dia — não a ansiar por ele, porque ansiar por esse tempo poderia encurtar a vida terrena daqueles que amamos e por quem ansiamos — mas à espera do tempo de Deus, até que o dia amanheça e as

sombras fujam, e todos nos encontremos e nos voltemos a dar as mãos. Quando o labor termina, o Jordão é atravessado e a vida na Terra acaba, há Verão e sol e, por fim, um lar de descanso."

Palavras assim devem ser consolo e encorajamento para muitos, mas só os poucos que assistem a sessões com bons médiuns podem ter a satisfação que um orador da Etéria acreditava ser possuída por todos. Ele fora um montanhês escocês na Terra, e em algumas das suas casas nas Terras Altas os chamados mortos e vivos convivem de um modo pouco conhecido pelos mais materialistas das Terras Baixas. Os Celtas das Highlands, em lugares remotos, são muitas vezes altamente desenvolvidos psiquicamente, e foi isto que ele disse:

"Não é minha vontade que não o compreendais, nem meu desejo causar-vos incómodo. Quero apenas que saibais, tal como tenho a certeza de que todos vós na Terra já sabeis, que aqueles dos vossos entes queridos que partiram estão muitas vezes muito perto de vós e, embora não os possais ver, percebeis a sensação da sua presença, o toque da mão, o som da voz, o cuidado amoroso da Mãe e o pensamento benévolo do Pai. Deus vos abençoe, amigos."

O toque da mão desaparecida é muitas vezes sentido pelos participantes, como aconteceu quando, numa ocasião, uma senhora presente nos disse que estava a ser tocada nas mãos e no rosto. E então ouvimos:

"É a Mãe que te toca, e como te tens sentido, minha querida? Espero que não te tenhas magoado muito. (Ela estava a recuperar de uma queda grave.) Não vês o Pai de pé ao teu lado? Ele está mesmo atrás de ti, e eu estou à tua esquerda. Bem queria poder deitar os braços ao teu pescoço e abraçar-te como deve ser. Parece-me uma longa espera agora, não muito longa, bem sabes, mas parece-me longa. Não estou há muito deste lado, mas, ainda assim, anseio por ver a minha filha."

Numa ocasião em que o pai, na Etéria, de uma senhora presente foi reconhecido pela filha, o seu contentamento era evidente:

"Obrigado por me reconheceres, minha amada filha. Diz ao Jim que lhe mando o meu amor, e a todos os outros. Não gosto de os perturbar, sabes, nos seus pensamentos. É a verdade, e é uma verdade sobre a qual eu próprio não entendia muito, e que me surgiu como uma revelação celeste quando descobri que podia voltar e falar contigo outra vez. Nunca, nunca te deixarei até que as sombras fujam e o sol nasça, e nos encontremos de novo na vida mais perfeita e no mundo mais perfeito."

Outro, da Etéria, que falava com voz forte e varonil, expressou um dia sentimentos semelhantes e pareceu satisfeito por os presentes ouvirem o que tinha a dizer:

"Não sinto que esteja suficientemente apto para vos falar, Senhoras e Senhores, do modo como deveríeis ser abordados. Foi para mim uma alegria e uma grande elevação hoje ter sido beneficiário das alegrias e dos prazeres que recebestes neste pequeno Encontro desta noite. Também eu fui elevado, e a minha alma foi refrigerada e fortalecida no labor da obra que está diante de mim, por estar hoje na vossa presença. Como alguém que percorreu o Plano Terrestre muito antes do vosso tempo e que tem percorrido planos e espaços há muitos anos, segundo a vossa contagem do tempo, tenho estado em contacto, repetidamente, com os vossos ambientes, mas nunca consegui articular ou falar convosco até hoje. Hoje sinto-me elevado e alegra-me o pensamento de ter conseguido um contacto, e oro para que o Grande Espírito de Amor me permita manter-me em contacto convosco, para vos fazer um pequeno bem de tempos a tempos. Deus vos abençoe a todos."

Na pausa que se seguiu pedimos-lhe que nos desse o nome e foi isto que disse: "Não seria conhecido por nenhum de vós. Sou demasiado antigo. Quero dizer com isto que, segundo o tempo contado no Plano Terrestre, faz muito que lá caminhei. Não falava a vossa língua, nem conhecia o vosso país. Conheço a vossa língua agora porque fui destacado para trabalhar nos vossos meios e, recentemente, fui encaminhado para esta reunião para cuidar de vós. Fazei o melhor para viver a vossa vida terrena como foi intenção que a vivêsseis, e uma alegria maravilhosa espera-vos. Não há nada no universo de Deus que não tenha uso. Ele é demasiado sábio para haver algo que não seja necessário. Há utilidade para tudo e um propósito para cada um que vem à vida terrena.

"Manter-me-ei em contacto convosco e virei sempre que vir que vos posso ser de alguma utilidade e prestar um pequeno auxílio. É-me sempre tão agradável e tão prazeroso dar-vo-lo. Adeus."

Este desejo de nos ajudar foi também expresso por outro espírito nestes termos: "Ficarei satisfeito por vos ajudar em qualquer altura, a qualquer um de vós e, se não puder responder às perguntas, posso levá-las a alguém que as possa ilustrar e responder por vós, na medida em que esteja de acordo com a Vontade Divina.

Não tenho relação de parentesco com nenhum de vós em qualquer ligação terrena, mas sois meus irmãos e irmãs, e estou aqui para vos ajudar no que puder. Talvez eu não saiba muito, mas coligi algum conhecimento sobre o tema

do progresso eterno da alma humana rumo ao Eterno. Sabeis o que quero dizer."

Noutra sessão, um cavalheiro presente observou que, para ele, o conhecimento do destino humano era o maior interesse da vida, ao que ouviu esta resposta: "Compreendo o que queres dizer, Irmão. Aqui sentes simplesmente que estás perto daqueles que muito amaste na vida terrena. Sentes que praticamente podes ser um com eles."

Seguiu-se então uma conversa longa e íntima entre ele e a sua esposa na Etéria, que terminou com estas palavras de despedida:

"É um pensamento belo saber que a morte não nos separa. Pensa, querida, no tempo em que todos os teus esforços e preocupações cessarem, e eu e todos os teus amigos daqui te acolhermos no belo jardim de paz de Deus."

A Sra. Sloan, esposa do médium, partiu em 1940. Em vida terrena era participante assídua destas sessões e, após a sua partida, cedo regressou para se tornar uma comunicadora frequente. Era uma mulher de natureza doce e amável, o que se percebe pelas coisas que disse desde o seu novo lar na Etéria. O Sr. Sloan nunca foi pago pelas sessões que dava e considerava a sua participação nelas um dever para com os amigos, mas, à medida que envelheceu e se foi tornando mais fraco, eram sem dúvida um peso para as suas forças minguantes.

Estou certo de que teria deixado de as realizar na velhice não fora uma coisa: a Sra. Sloan, ou Mammy, como alguns a chamavam, voltava invariavelmente para falar com ele e com os amigos na Terra. Este facto tornou a vida digna de ser vivida para ele, e aqui ficam alguns excertos do que disse numa ocasião. Em primeiro lugar cantou um hino de que gostava, cada palavra nítida, e guiou os presentes no círculo, que apenas tinham uma ideia vaga das palavras.

Depois disse:

"É a Mammy que vos fala. Como é belo estar de novo no pequeno círculo. Continuo a desfrutar disto como nos tempos idos, quando me encontrava convosco nestes pequenos Encontros, de tempos a tempos. Deus a abençoe, Sra. Bowes, e aos que ama. Que Deus os sustenha no trabalho árduo e nas vias árduas da vida agora, e, ó Pai, se for Tua vontade, põe fim a esta luta e traz os amados de volta a casa. Traz harmonia e paz de novo a este mundo atribulado.

"Esta é a oração da Mammy ao Grande Pai Deus. Que Ele abençoe os seus rapazes, Sra. Bowes, e que os mantenha em segurança, e que a paz e a prosperidade e o amor de Deus estejam consigo em todos os momentos. Sempre foi tão boa amiga do Daddy e minha, e Deus a abençoe, Crissie, minha

querida. Sempre foi tão bondosa e tão boa para comigo e para com o meu querido velho. Quisera eu poder fazer algo para retribuir toda a sua bondade. Agradeço-vos, a cada um, por virdes aqui e por amparardes o meu querido velho.

"Ele não está sozinho. Digo-lhe muitas vezes, quando falo com ele, que nunca estará sozinho enquanto a Nanna (nome da Sra. Sloan) estiver com ele.

"Creio, Sr. Cameron, que a maioria de nós tem uma ou duas pessoas que são o nosso mundo inteiro. Receio ser um nadinha geral no meu modo de pensar, porque havia muitos, na vida terrena, a quem eu amava muito, e são para mim como o mundo inteiro. É para mim um tal deleite poder aproximar-me deles de novo e, meu querido, querido velho, nunca estou longe de ti. Deus te abençoe, Crissie. Deus a abençoe, Miss Dearie, e Deus te abençoe, meu querido velho."

Nessa noite ainda disse muito mais, e as suas palavras encontram-se nos lugares apropriados. Aqui, neste capítulo, consideramos o que os nossos amigos do outro lado tinham a dizer sobre o seu contacto connosco.

Uma professora do ensino básico, que por vezes fazia parte dos presentes, recebeu certa vez a seguinte mensagem da mãe:
"Isobel — é a Mamã que fala. Conheces todos os meus amigos. Lembra-te de todos por mim, Isobel, e todo o meu amor para ti, querida."

Um pastor escocês, cuja igreja uma senhora presente frequentara antes da sua morte, falava de tempos a tempos nestas sessões. Nunca se referia a credos e doutrinas, temas dos seus sermões em vida. Insistia sempre na importância da retidão. Nesta ocasião terminou um longo discurso com estas palavras:
"Muitas vezes, embora não vejam os amigos, eles ajudam-vos dia a dia ao longo do caminho, abençoando-vos e guiando-vos, embora não o saibais."

Alguns dos presentes tinham filhos ou familiares no estrangeiro durante um período da Segunda Guerra Mundial, e certa noite, no decurso de uma conversa entre os dois mundos, foi dito o seguinte:

"Os vossos amigos estão todos a pensar em vós. Sustêm-vos, e aqueles de vós que têm entes queridos longe, eles cuidam deles por vós, e cuidarão de vós em todas as etapas da vida. Refiro-me especialmente aos que estão afastados do ambiente do lar. Há um olhar sempre vigilante que, em harmonia com os vossos pensamentos em oração, atravessa o espaço, levando uma palavra amorosa, uma expressão de pensamento, que lhes traz de volta o sentido de lar e os conforta nos seus tempos de solidão. Deus vos abençoe."

Um Índio do outro lado, bem conhecido da maioria dos presentes, comentou uma vez:

"A memória é uma coisa maravilhosa, uma coisa bela, e é tão bom quando guardastes pensamentos belos e bondosos em que vos podeis demorar mais tarde. Há algum tempo que não venho às vossas Reuniões. Continuo interessado em vós. Conheço todos os que aqui estão, e muitos mais que agora não estão, mas que passaram a outros cenários, e estão a vigiar e a orientar os vossos passos com olhos amorosos até que vos volteis a encontrar."

Este comentário levou a uma conversa geral entre os dois mundos, com a intervenção de outros espíritos. Um era o filho de uma senhora presente, e comentou como era bom segurar a mão quente da mãe. Depois disse que o avô falaria, e foi isto que ele disse:

"É talvez ainda mais maravilhoso para nós obter o toque da vossa mão quente e sentir-nos na presença efetiva daqueles que tão bem amamos."

Mais adiante, na mesma sessão, surgiu outro toque caseiro quando um familiar na Etéria de uma senhora presente respondeu a uma pergunta que ela lhe fez. Foi: "Tiveste uma morte dolorosa, Ikey?"

"Não, estou tão bem agora e tão feliz. Pensa simplesmente em mim como o rapaz feliz, feliz que conheceste há muito. Não perderei uma oportunidade de vir falar contigo outra vez. Esforcei-me muito para conseguir chegar até aqui. Tenho de agradecer ao Bob por me mostrar o caminho. Isaac — nunca gostei do nome Isaac. Gostava mais de Ikey. Tinhas uma maneira tão agradável de o dizer que, de algum modo, lhe tirava a aspereza."

Certa vez, um comunicador habitual do outro lado, filho de um cavalheiro presente, dirigiu-se a uma senhora nestes termos:

"Boa noite, Sr.ª Richardson, já a encontrei antes, mas não muitas vezes. Sei que tem um rapaz no lado espiritual, pois vi-o de pé ao seu lado, embora ele não estivesse a falar esta noite. Creio que passou muito jovem."

E então seguiu-se um acontecimento dramático, quando, do silêncio, surgiu a voz jovial desse jovem que disse à mãe:

"Oh, Mãe, agora sou um grande e robusto rapagão. Consegues ouvir-me, Mãe? É só o Roy — Roy Richardson."

Numa ocasião, o avô, na Etéria, de uma senhora presente acabara de lhe falar quando surgiu uma nova voz. Foi isto que ouvimos:

“Desci perto do vosso plano. Não é o teu Avô que fala agora. Quero apenas dizer que é um tal deleite para todos esses teus amigos de tempos remotos quando conseguem contactar-te. Sou um dos trabalhadores, um dos demonstradores, a fazer o que posso para manter as portas abertas e mostrar-lhes o caminho. Por vezes os teus amigos podem estar a falar contigo e tu não os ouves. Fazemos tudo o que podemos para ajudar, ligando as vibrações.”

Falou uma vez a voz de alguém que, em vida terrena, devia possuir o dom psíquico, embora não parecesse compreender quão raro ele é entre as pessoas da Terra:

“Era no sossego da tarde, quando eu estava no vosso Plano Terrestre, que costumava ir para um recanto isolado ao crepúsculo, deliciando-me com a aragem da tarde e escutando as vibrações daqueles que eu sabia estarem algures perto de mim, embora não tivesse consciência física da sua presença. Tinha a intuição de que seres mais elevados do que eu estavam presentes e que a minha alma imortal estava a ser atraída mais alto, para o Céu, e mensagens de amor, embora não em sentido audível, eram derramadas no meu coração. Esse atributo é vosso, de cada um de vós, por isso reservai um pouco de tempo para comungar com aqueles que amais e que ainda vos amam, embora apenas um pouco adiante de vós na estrada da vida. Vamos todos no mesmo caminho para Casa. Deus vos abençoe.”

A conversa incidiu certa vez sobre a dificuldade que a maioria das pessoas tem em acreditar na comunicação com os que partiram, quando uma voz forte de homem irrompeu e disse:
“Quando estava na vida terrena, não podia dizer que acreditava, mas tinha a consciência, Senhoras e Senhores, na minha alma, de que havia pessoas à minha volta a falar comigo. Parecia sentir a sua presença e até saber como eram, e, quando cheguei a este lado da vida, reconheci-os muito bem quando vieram falar comigo, e não eram parentes, eram amigos. Um amigo é um amigo que permanecerá sempre amigo, se for um verdadeiro amigo. Bem, há muitos ‘amigos’ nessa frase.”

Uma das senhoras presentes disse um dia que lamentava não conseguir lembrar-se dos seus sonhos. Então ouvimos o nome de um espírito, bem conhecido da maioria dos presentes, e foi isto que ele disse a uma senhora presente, a quem se dirigiu pelo nome:

“Creio que posso explicar um pouco. Estás muitas vezes ausente no teu estado de sono e, ao regressares, sabes que encontraste muitas pessoas do outro lado, mas não consegues reter essas memórias ou colocá-las na ordem correta. Isso

ficará mais fácil com o tempo. Não há muitas noites tiveste um sonho muito vívido com aqueles que amas."

Antes que ela pudesse responder, outra voz — a do marido de uma senhora presente — irrompeu e prosseguiu a conversa. A esposa respondeu que esperava poder encontrá-lo no sono, e ele respondeu:

"Não precisas de esperar, minha querida; encontraremos. Encontram-nos muitas vezes durante o vosso sono. Tenho a certeza de que todos vós o sabeis. Muitas vezes trazeis de volta memórias, mas elas ficam tão baralhadas ao acordar que não as conseguis recompor."

Estamos agora a chegar ao fim deste longo capítulo, longo porque eles tinham sempre tanto a dizer sobre o seu contacto connosco. Conseguem ver-nos e ouvir-nos na nossa vida quotidiana, mas nós não os vemos nem ouvimos, exceto em condições invulgares, e desse modo têm uma vantagem sobre nós. Afirmam ser capazes de cuidar de nós, mas nós não podemos cuidar deles, e falam do seu contacto connosco de formas que às vezes nos é difícil compreender ou apreciar. Há mais na Terra e no Céu do que a maioria das filosofias abarca e, com isso, deixo-vos as palavras de quem um dia nos falou neste tom poético:

"O espírito da aragem do entardecer, o espírito cujos ouvidos estão atentos para apanhar as súplicas daqueles que ama responder, para captar o profundo clamor do vosso coração e socorrer-vos, está sempre pronto a atender esse apelo. Nada está oculto, por isso não temais dizer-lhes tudo e, se for possível, eles ajudar-vos-ão. Já trilhámos o caminho antes de vós, conhecemos a sua aspereza, conhecemos a subida penosa, sabemos como a planície — tão límpida e sorridente — pode, de repente, transmutar-se numa montanha difícil de escalar; mas não desanimeis: mãos que vos ajudam, dedos que vos acenam, estão perto para vos guiar e ajudar sempre em frente, sempre em frente."

Este capítulo pode terminar melhor com as palavras de alguém que frequentemente nos falava, e isto foi o que disse quando encerrou uma sessão:

"Meus queridos amigos, gostaria de ter o poder e de poder conduzir-vos a todos ao caminho do descanso, ao caminho da alegria e ao caminho da felicidade, mas, infelizmente, durante a vida terrena em que estais, não podeis sempre trilhar esses caminhos. Tentei mostrar-vos a vereda que conduz dos cuidados e tribulações da vida do mundo ao descanso e à paz, à casa e aos amigos, por fim, para nunca mais nos separarmos. Deus vos abençoe."

Por fim, estas foram as palavras que um marido dirigiu um dia à esposa:
"Não cheguei a despedir-me de ti, mas um dia direi 'Bem-vinda a Casa'."

Ela sentiu o toque da sua mão desaparecida sobre o rosto, e a satisfação que recebeu pode igualmente ser imaginada por aqueles que têm os seus mais próximos e queridos à espera do outro lado, pois o que se aplicou a ela aplica-se a todos.

CAPÍTULO XII
A SUA RELIGIÃO

Os meus muitos amigos do outro lado raramente falavam das suas opiniões religiosas. Para eles, o que chamamos Religião é algo muito diferente do que é para a maioria das pessoas na Terra. Aqui na Terra associamos a religião a salvadores, credos, cerimoniais, rituais, igrejas, mesquitas, templos, sacerdotes e livros sagrados, mas lá é muito diferente. À medida que progredimos na Etéria, esqueceremos a teologia que nos foi ensinada na Terra, porque veremos que tudo é tão diferente daquilo em que a maioria aqui é educada a acreditar.

O que nos foi ensinado como santo e sagrado é natural e comum. Não há nada de sagrado ou santo nas conversas aqui relatadas. Não falávamos com anjos, santos ou demónios, mas com homens, mulheres e crianças que viveram na Terra e cujo caráter é agora muito semelhante ao de então. O facto de virem até nós num corpo mais subtil não os transforma de seres naturais em seres sobrenaturais. Agora sabem que o ensino religioso que receberam na Terra era falso e fruto da imaginação teológica e mística. O que eram manifestações psíquicas comuns foi evoluído e ampliado em acontecimentos santos e sagrados nos quais todos devem acreditar para serem salvos. Consequentemente, as pessoas da Etéria passam por cima dessas coisas que a ortodoxia considera de vital importância para a humanidade, porque descobriram que são falsas, irreais e sem relação com a nova vida que agora vivem.

Enquanto permanecerem o medo e a ignorância do além, a forma ortodoxa de religião continuará a ser aceite por aqueles cujo horizonte religioso está confinado às tradições do passado. No entanto, confiar no passado e procurar consolo e esclarecimento em escritos sagrados antigos, ignorando o conhecimento maior do presente, é insensato. Contudo, a tradição ensinada quando a nossa mente era jovem e maleável é uma corrente de ferro que poucos conseguem quebrar, e a grande maioria apoia-se nela como suporte para obter o seu consolo e satisfação religiosa.

Sem conhecimento da verdade, confiam para a sua salvação em formas e cerimónias, na repetição de fórmulas e credos, em atos de culto, no batismo, nas eucaristias, nos últimos ritos e afins, até que a sua igreja ou templo se torne um

santuário sagrado, e os fornecedores de dogmas e doutrinas sejam tidos por homens santos, separados por Deus do resto da humanidade.

Certa vez estávamos a conversar entre nós, numa das sessões do Sloan, sobre a ignorância do clero relativamente a assuntos psíquicos, quando a voz forte de um velho amigo interrompeu a nossa conversa com estas palavras:
"Vede, estão demasiado presos às suas denominações e à tradição da Igreja.

Estão realmente em cativeiro. Não lhes é permitido ensinar esta verdade, embora possam reconhecê-la nas suas próprias almas. Só por vezes, quando passam para este lado da vida e entram em contacto com o lado espiritual da vida, é que despertam e podem fazer algo que ajude os outros."

Apenas a poucos foi revelado o outro mundo, e para aqueles que não foram favorecidos por uma experiência psíquica, a muleta da religião ortodoxa é frequentemente uma ajuda muito presente. Tudo quanto nos ajude a viver com retidão e a morrer em paz não deve ser condenado. Infelizmente, a ignorância gera intolerância, e isto, no passado, causou tal perseguição e crueldade que a história de muitas religiões, especialmente a muçulmana e a cristã, tem sido tão chocante e revoltante que desacredita por completo as suas pretensões a uma orientação divina. Vinte e cinco milhões de vítimas trucidadas durante a era cristã pela Igreja cristã deveriam pesar fortemente na consciência cristã, mas não pesam por ignorância da história da Igreja.

Quando os fiéis de todas as religiões chegam ao outro lado, é natural que esperem encontrar as coisas como acreditavam na Terra. Consequentemente, como podem fazer com que o ambiente se conforme aos seus pensamentos, alguns acreditam, como um dia me disse um espírito, que realmente entraram no céu ortodoxo. No entanto, à medida que o esclarecimento cresce, essas crenças terrenas esbatem-se e adaptam-se às condições vigentes.

Em vez do que outrora lhes era um mistério sagrado, descobrem-se num corpo semelhante ao corpo terreno, num mundo novo muito parecido com a Terra que deixaram, sendo os seus habitantes homens, mulheres e crianças, ativamente e utilmente ocupados, e não anjos alados a tocar harpas para sempre e a cantar louvores a Deus. Consequentemente, descobrem que, entre os inteligentes e os que estão na Etéria há algum tempo, a religião é encarada de modo diferente do que é na Terra.

Este capítulo tornará claro como aqueles que falaram nas sessões de Sloan encaram a religião, que para nós, na Terra, tem sido uma força tão grande a moldar a história como qualquer outro fator. Pelo menos metade dos acontecimentos históricos foi causada pela religião e, no entanto, quando o

mistério e a intolerância que ela gerou são removidos, tudo se revela natural. Então percebemos quanta dor, confusão e desperdício de riqueza resultaram da ignorância da humanidade acerca do que se segue à morte.

Permitam-me citar a opinião de alguém que nos antecedeu e que sabe mais do que todos os místicos, teólogos e sacerdotes da Terra que, ao longo dos séculos, expressaram as suas opiniões erróneas. Eis o que ele disse:

"Deus nunca quis que a religião fosse um mistério. Foi o homem quem a tornou assim. A Sua obra é suficientemente clara para que todos a compreendam, e a religião nunca foi destinada a ser diferente. O que deveria ser simples foi tornado obscuro. Só tendes de fazer o vosso melhor — ninguém pode fazer melhor — e o futuro desdobrar-se-á gradualmente diante de vós e o vosso dever ficará claro."

Quão mais satisfatória é esta visão racional e mais natural do que a que é ensinada nos credos, doutrinas e dogmas do Cristianismo, ou de qualquer outra religião mundial. As religiões terrenas produziram deuses, anjos, santos e demónios a partir de seres humanos da Terra que partiram, para serem considerados divinos ou malignos quando regressam a comungar com as pessoas deste mundo. Não obstante, este livro prova que são humanos como nós e que muitos estão, como nós, ainda a tentar compreender melhor o mistério de Deus e da existência.

Alguém que fora descrente de qualquer religião quando estava na Terra, o noivo de uma das participantes, falou-nos um dia nestes termos:

"Estou agora a tentar fazer a Vontade de Deus na medida do que posso. Não sei exatamente qual é a Vontade de Deus. Nem do nosso lado a sondamos por inteiro, mas avançamos, etapa após etapa, fazendo a Vontade do Pai tanto quanto a conseguimos apreender, fazendo o nosso melhor para seguir o caminho que nos é indicado pelos Luminosos que estão acima de nós, sabendo que o único caminho para o progresso é fazer a vontade dos Grandes.

"Alguma vez considerastes, meus amigos — naturalmente não posso entrar em pormenores — mas falais da Palavra de Deus. Ao dizê-lo, estais a referir-vos à Bíblia? Se não, receio ter mal-entendido o vosso sentido. A Palavra de Deus existia muito antes dos tempos bíblicos. Não deveis ficar com a vossa própria compreensão da Vontade de Deus. Não falo do que acreditais, falo do que sois. (Disse-o com ênfase.) Permiti que o diga: não é o que o mundo pensa que sois, nem o que os vossos amigos à vossa volta pensam que sois; é o que sois dentro de vós.

"Imediatamente ao passardes para este lado, e quando os amigos vos conseguem verdadeiramente despertar, aterrissais numa condição adequada ao vosso desenvolvimento espiritual, no estágio em que ficastes no Plano Terrestre. Depois, o vosso progresso depende de vós próprios e daqueles que trabalham convosco. Para cada um que passa há entes queridos à espera de o receber, mas não podem levá-lo para uma condição que eles próprios não alcançaram. Só o podem encontrar na 'Porteira' e, então, têm de dizer adeus até que aqueles que acabam de passar atinjam a condição que eles alcançaram. É o serviço a alavanca que nos eleva a todos pelos planos espirituais."

Outro descrente das religiões terrenas quando estava na Terra voltou para nos dizer que o materialismo não é a resposta correta ao problema eterno. Em resposta a uma pergunta que lhe fiz após uma longa conversa, replicou: "Tenho de ir agora, mas, antes de ir, gostaria de lhe dizer, senhor, que fui educado na Fé Católica Romana, mas não vim para aqui como católico romano. Antes de vir para aqui, abandonei todos os credos. Cheguei como livre-pensador, mas errei ao não acreditar na sobrevivência. Vim para aqui sem o meu corpo físico. Quando me mantenho em contacto com o plano terrestre, o meu ambiente fica praticamente ao nível do mundo físico, mas, nos planos superiores, afastamo-nos das condições terrenas.

"Agora, tomei por enquanto as condições terrenas e sou parte do vosso mundo. Vou tocá-lo (senti um toque no braço esquerdo) e estou consciente desse toque. (As mãos e os pés de Sloan estavam sob o meu controlo, e a estenógrafa não me poderia ter alcançado; de facto, o orador mal dissera as palavras e eu já sentira o toque.) Muitos de nós, aqui, no nosso estado normal, tocamos frequentemente os nossos amigos na Terra e, ao princípio, ficamos muito angustiados por não nos darem atenção, esquecendo que, com os nossos corpos mais depurados, não podemos ser vistos nem sentidos. Tenho de ir; adeus!"

Um Espírito que fora ministro presbiteriano escocês em Glasgow regressava por vezes para falar no círculo de Sloan. Nesta ocasião, depois de dizer o seu nome a uma participante que fora membro da sua igreja, disse:

"Que a paz do Grande Pai Amoroso se aproxime de vós, de cada um individualmente, e conceda a cada um, individualmente, o desejo de ver cumprido o anseio que está mais próximo do coração, se for conforme à Tua Vontade, ó Santo, e, se for Tua Vontade, dá-lhe coragem, força e capacidade para espalhar esta Verdade entre os homens, para os ajudar na sua jornada rumo a este lado da vida. Fazei tudo com amor, se assim o posso dizer, e confiai os vossos caminhos à Vontade do Grande Pai, e o que for para vosso benefício, e para benefício de todos na vida terrena, será concedido de acordo com a Sua

Vontade. Deus vos abençoe a todos. Somos todos felizes aqui. Apenas a trabalhar e a fazer o melhor para que os que deixámos para trás saibam que não sentimos tanto a separação porque podemos estar em contacto com eles, embora nem sempre o saibam."

Que mudança em relação à forma como pregava quando estava na Terra. As palavras acima vieram de um homem que morreu cristão ortodoxo e que agora é unitário, deixando para trás como obsoletos o seu trinitarismo, credos e dogmas, e a sua teologia terrena. Tal como os outros que falaram, acredita agora num Deus, não em três, rejeitando assim a opinião maioritária do Concílio de Niceia, que produziu o Cristianismo tal como hoje o conhecemos, em 325 d.C., quando uma assembleia de sacerdotes ignorantes emitiu juízos sobre a natureza de Deus.

Quando um dos presentes perguntou a um orador se agora tinha mais conhecimento de Deus do que tivera na Terra, recebeu esta resposta:
"O Reino de Deus, essa consciência interior que dimana do espírito do Grande Eterno, está dentro de vós, e cabe a cada um elevá-la a uma compreensão que vos ajude e ajude os outros. Deus vos abençoe, vos guarde e vos ajude a compreender. Tenho de ir agora, mas voltarei. Tenho de me afastar apenas dos vossos arredores imediatos, mas considerarei um favor voltar outra vez para vos cumprimentar de novo. As vossas experiências terrenas são apenas uma etapa no progresso espiritual."

Aqueles a quem chamam Mestres, ou Aquele a quem chamam o Mestre, são espíritos avançados que descem dos seus planos mais altos aos inferiores para guiar e ensinar. É um nome dado na Terra a líderes ou professores, mas nunca ouvi a palavra usada pelos espíritos em sentido religioso, como por vezes se usa na Terra. Refiro isto por causa do que um Índio disse um dia, sendo interessante notar como os Índios eram muito mais emocionais ao falar de religião do que os mais fleumáticos "europeus" que sustentavam a maior parte da conversação do outro lado.

Eis o que disse o Índio:

"Não precisais de vos ajoelhar para fazer um esforço extenuante a fim de alcançardes o Grande Pai Deus. Lançai os vossos pensamentos e dizei: 'Grande Pai, preciso da Tua ajuda. Cheguei a um ponto do caminho em que não posso avançar sem a Tua ajuda. Conduz-me pela mão', e o Mestre virá em vosso auxílio, e alguém será enviado para vos ajudar. Falo para todos vós. Há momentos em que as dificuldades podem parecer avassaladoras. Então dizei: 'Vem, querido Pai,

nas Tuas mãos entrego o meu caminho', e os amigos espirituais, o Path-finder e outros como ele, virão e vos guiarão. Um dos Índios fala. Sou o Greentree."

O Path-finder, outro Índio, seguiu-se quando o Greentree terminou de falar, e disse a um cavalheiro presente:

"Deus o abençoe, meu Irmão. Que o amor do Grande Pai esteja consigo e o guie. Houve alguns caminhos difíceis que teve de trilhar, e há ainda algumas pequenas dificuldades por que terá de passar. Estenda a mão ao Grande Pai Deus e o Espírito guia virá conduzi-lo e dizer-lhe como proceder. Eu sou o Path-finder."

Notará, ao longo deste livro, como insistem sempre que o que importa é o nosso caráter e modo de vida, e no capítulo seguinte dizem-nos os resultados que daí advêm. Consequentemente, é prudente quem segue o conselho que nos foi dado um dia, que foi nestes termos:

"Dispõem apenas de um curto tempo no Plano Terrestre, e cabe-vos, que lá estais, tirar o melhor partido das vossas oportunidades, caminhando por essa vereda de modo a trazer satisfação à vossa própria alma e alegria aos que vos rodeiam e, no tempo eterno, a alegria será vossa quando, por fim, alcançardes o Paraíso."

Quando um participante perguntou um dia a um amigo do outro lado se certos amigos seus, que tinham partido, estavam felizes, recebeu esta resposta: "Não há dúvida de que estão felizes. Se tu estarás na condição deles depende de ti e da tua vida na Terra. Falo em termos gerais. Se fizeres o teu melhor, é tudo o que é esperado, e o melhor não pode fazer melhor."

Quão reconfortante é saber que, se fizermos o nosso melhor, nada mais nos pode ser exigido. Quão justo e razoável é isto, e, no entanto, como tudo difere do que foi ensinado no passado em nome da religião. No passado, ninguém podia estar seguro do seu destino, porque a cada um foi dito que, na Segunda Vinda — que poderia acontecer a qualquer dia — um seria arrebatado ao céu e outro ficaria, alguns eram eleitos e outros proscritos, alguns predestinados à glória e outros à danação eterna nas chamas do fogo. Todos teriam de permanecer a dormir no túmulo até à ressurreição e ao juízo final, quando as ovelhas seriam separadas dos bodes.

Quem eram as ovelhas e quem eram os bodes ninguém podia ter a certeza, mas pelo menos este ensino mantinha o povo temeroso e as igrejas cheias. Os tidos por fiéis — e os mais generosos — recebiam as garantias mais consoladoras quanto ao seu futuro, enquanto a multidão, incapaz de pensar por si, aceitava o que os sacerdotes lhes diziam.

Isto era proveitoso para o sacerdócio, que detinha alta posição no país e, sendo humano, tirou o máximo partido da ignorância dominante. Com educação muito limitada, o sistema funcionava mantendo as massas dóceis e obedientes, e o temor do castigo no além dissuadiu sem dúvida muitos malfeitores. O progresso, porém, foi travado, sendo tudo o que era novo atribuído ao diabo, e muitos que choravam teriam sido consolados se o conhecimento tivesse substituído a ignorância e o destino dos que partiram tivesse sido conhecido como realmente foi. Infelizmente, a ignorância ainda prevalece e, se todos conhecessem a verdade, quanto sofrimento seria aliviado e quão mais feliz seria a vida para muitos que choram sem conhecimento.

Um espírito que falou longamente com uma senhora presente e que disse conhecer bem o pai dela na Etéria concluiu uma conversa longa e interessante com estas palavras:

"Continuai, amigos, no vosso caminhar pela vida a ajudar os outros, e tudo vos correrá bem. Sabeis, amigos, se o mundo pudesse perceber hoje que é Vontade de Deus que os homens se ajudem mutuamente pelo caminho, o mundo seguiria bem feliz sem guerras, tumultos e perturbações, mas ainda está longe disso."

Uma senhora presente teve certa vez uma longa conversa com o pai na Etéria. O que ele disse sobre outros assuntos é dado noutra parte, mas o seguinte parece adequado a este capítulo. Voltando-se para um cavalheiro presente, disse: "Afinal, alguma vez pensaste que a vida é uma coisa nobre? As possibilidades que tens, na tua jornada pela vida, de fazer o bem — agarra-as com ambas as mãos, pois cada uma delas é tida em conta, meu irmão, e te ajudará quando vieres para este lado."

Noutra ocasião, um cavalheiro presente falou durante alguns minutos com um amigo do outro lado e, no decurso da conversa, esse Espírito observou:

"Sabes, a maioria de nós aspira ao melhor e, se deixares que a luz, o conhecimento da verdade do Grande, penetre a tua alma e transmitires esse conhecimento a outros menos afortunados do que tu, sentiremos que realizámos algo ao serviço do Mestre."

Durante a Segunda Guerra Mundial, discutiu-se entre um Espírito e uma senhora presente o tema de amar os inimigos. Depois de proferir um longo discurso sobre este e outros assuntos, concluiu com estas palavras:

"Se dás amor ao teu inimigo, então estás a dar amor para ambos os lados, onde ele pode ser usado. Se as nações do mundo tivessem mais amor umas pelas outras, o mundo não estaria no estado em que está neste momento. Deus te

abençoe. Um pensamento de amor conta a teu favor, querida senhora, a todo o tempo."

Um comunicador frequente deu-nos certa vez este conselho, que também podemos tomar como englobando as suas crenças religiosas:

"Estou há muito tempo no lado espiritual da vida e esforço-me sempre por vos animar e confortar antes de partirdes. Nunca tenhais vergonha de dizer que sabeis que há uma vida mais elevada, um Deus acima, um Pai — seja qual for o nome que Lhe deis — que vela por vós e vos guia, que espera que façais o que é certo, que sigais o rumo certo ao longo da vida. Eu próprio não acreditava nisso. Podeis dizer à minha amada, quando lhe escreverdes, que agora encontrei prova, e vim a este pequeno encontro para falar convosco e dar-vos um pouco de ânimo e conforto."

Cada sessão geralmente terminava com uma espécie de despedida e bênção, e isto foi o que ouvimos uma vez antes de as vozes cessarem:

"Abençoa este Teu amado povo e concede que possam ser poupados para espalhar o conhecimento da verdade da continuidade da vida, e a Ti seja toda a glória agora e para sempre, Ámen; e ao nosso Pai Deus, que me permitiu participar na glória e no prazer da vida, nesta terra do espírito, percebendo que a vida terrena não acaba tudo, dou-Te louvor, ó Eterno, Ámen."

E noutra ocasião, foi dito isto:

"Que a Paz do Grande Pai Deus, e o bendito amor e companheirismo que temos uns com os outros, vos guarde e vos proteja agora e para todo o sempre. Ámen. Deus vos abençoe."

Podemos inferir pelas citações deste capítulo que os nossos amigos do outro lado se tornam, mais cedo ou mais tarde, unitários esclarecidos, crendo num só Deus. Procuram seguir o que se chama a Vontade de Deus, seja ela o que for, mas, para eles, como para muitos na Terra, isso exprime-se em tentar viver uma vida boa, altruísta e justa. Para eles, religião e ética estão entrelaçadas e, pelo que nos contam, havemos de descobrir, quando chegarmos ao outro lado, que como semeamos aqui assim ceifaremos depois.

A base da religião ortodoxa é a crença. Para ser salvo, é preciso acreditar em algo, por muito pouca que seja a evidência dessa doutrina. Os cristãos creem que os seus pecados foram lavados pela morte de um salvador que sofreu por eles. "O sangue de Jesus Cristo, Seu Filho, purifica-nos de todo o pecado" (I João 1:7). Esta crença é a base do Cristianismo e tem sido fonte de consolo para milhões, mas retardou o seu desenvolvimento ético, tanto que a era cristã é

classificada pelos historiadores como o período mais degradado da história mundial.

Confiar numa vítima que sofreu pelos nossos pecados e sentir-se seguro da salvação por sustentar essa crença teve — e ainda tem — um efeito adverso na perspetiva ética da Cristandade, a ponto de os maiores patifes acreditarem que tinham igual hipótese de alcançar o céu como os que viveram vidas boas e justas. Quantos milhões se terão surpreendido e desiludido quando chegaram ao outro mundo, ninguém o pode dizer, mas quanto mais depressa a humanidade perceber que, na Etéria, o que conta é o que somos e não as crenças teológicas que sustentamos, melhor será para todos.

CAPÍTULO XIII
PROGRESSO

Pelo nosso contacto com o mundo etérico, apercebemo-nos da importância que os nossos amigos de lá atribuem ao progresso, ao desenvolvimento mental — em suma, à evolução integral do indivíduo. Além disso, passamos a reconhecer que o indivíduo é algo infinitamente maior do que parece ser na Terra.

As oportunidades aí chegam a todos para avançar no caminho ético de vida, no conhecimento e numa melhor compreensão de si mesmos e do universo em que vivem. Removem-se os entraves das vibrações mais grosseiras em que vivemos na Terra, e os recém-chegados aprendem a ajustar-se às condições mais subtis da sua nova morada, vivendo uma vida de maior intensidade, de maior liberdade e vitalidade, desconhecida para as pessoas da Terra.

Liberto do corpo físico pesado, poder fazer muito do que pensas, encontrar-te afinado num tom mais elevado e em harmonia com ambientes de cor e beleza não realizados na Terra produz um estado de harmonia e felicidade que não conseguimos apreciar. Há sempre uma meta adiante, de novas realizações, mas deixemos que os que experimentaram essa vida mais ampla nos falem do que, para nós, é uma terra de maravilhas muito além da imaginação humana.

Quando comecei as minhas indagações sobre esse outro mundo que todos um dia alcançaremos, estava ansioso por saber se a nossa individualidade era preservada. Assim, perguntei a um amigo na Etéria, com quem certa vez falava, se conservamos sempre a nossa individualidade, e esta foi a sua resposta: “Pensa no campo, com vales e colinas. A chuva cai e vai, pouco a pouco, escorrendo em pequenos regatos; esses regatos ganham volume até entrarem numa ribeira, que por sua vez entra num rio, que por sua vez entra num rio maior

e varre em direção ao mar. Cada indivíduo pode ser comparado a um átomo na gota de chuva. O átomo mantém forma e individualidade ao longo de todo o percurso, da colina até ao mar, e, mesmo no mar, não perde a individualidade. Assim connosco: avançamos sempre, sempre, conservando a individualidade até nos fundirmos no mar do pleno entendimento, quando passamos a fazer parte da Divindade."

Noutra ocasião, alguém entre os presentes comentou a melhoria na forma como um Espírito acabara de nos falar e como agora era muito mais fácil compreender o que dizia. Como se verificou, a observação foi bem escolhida, pois ele voltou e fez esta outra declaração interessante:

"Sabem, é a marcha da evolução — e que evolução tão maravilhosa para mim afastar-me dos cuidados e tribulações do mundo, porque, quando saciais os olhos nas belezas da Terra do Espírito, a Terra desvanece em insignificância, exceto pelos amados que ficaram. Não há nada a temer; o único conselho que vos daria é podardes a vossa plumagem terrena com boas ações e atos de modo discreto e humilde. Descobrirão que nem uma dessas pequenas ações será esquecida deste lado: joias para o vosso traje, diamantes para o vosso lar. Cada um está a colher o labor de amor que semeou na vida terrena ajudando os outros; tudo contará para a vossa herança na terra do espírito."

Outro velho amigo e comunicador frequente disse isto noutra ocasião, quando falava do que chamou o progresso eterno da alma humana. A sua declaração preliminar é dada noutra parte, mas foi assim que concluiu as suas observações: "Talvez esteja um pouco mais adiantado do que alguns de vós, mas ainda tenho um longo, longo caminho a percorrer, e espero poder fazer algo para vos ajudar a avançar nessa bela jornada, no caminho que conduz sempre para cima e para a frente, rumo ao Grande e Eterno."

Depois de uma mãe na Etéria ter falado com a filha no círculo, ficámos alguns minutos à espera da próxima voz que nos falasse. Então, do silêncio, uma voz clara e varonil observou:

"Sou apenas um Índio a falar. Não sou como o meu amigo Whitefeather. Não tenho educação, mas aprendi, convivendo com os que vêm de Esferas Superiores, algo dessas esferas avançadas onde vivem. Sabem, meus amigos, no Mundo do Espírito, o espaço é indizível. Não o podemos medir nem limitar e, mais além, no espaço, há mundos sobre mundos, todos povoados por aqueles que avançaram muito para além de nós, e nós, deste lado, estamos apenas na orla dessa jornada rumo às esferas onde eles habitam, deslumbrantes na sua luz,

na sua beleza e no seu amor, de tal modo que não posso deixar de falhar na sua descrição."

Noutra ocasião, o próprio Whitefeather falou. Quando Sloan estava em transe, Whitefeather era o seu principal controlo. No entanto, todas as comunicações registadas neste livro, exceto uma, foram dadas por Espíritos que usaram as suas próprias vozes, materializando os órgãos vocais, como já foi explicado, e foi desta forma que Whitefeather proferiu estas palavras, ao concluir uma conversa que tivera com a senhora cujo nome menciona:

"Aprendi um pouco e presto sentida homenagem ao seu amado filho, Sr.ª Lang, que me ensinou a língua que agora falo e o tom em que agora falo, mas continuo a ser Whitefeather, o velho Whitefeather de coração. Apenas adquiri um pouco mais de conhecimento e progredi um pouco na vida do nosso lado. Deus a abençoe, diz Whitefeather."

Aqui poderemos ter uma resposta para um problema sobre o qual tantas vezes meditei. O que aconteceu à multidão de seres que ocuparam esta Terra desde o tempo do homem primitivo? Descobrimos algo acerca daqueles que viveram e morreram no nosso tempo, e que eram como nós, mas esses são uma fração ínfima dos que viveram na Terra como homens, mulheres e crianças. Recuando cinquenta mil anos desde a época do sub-homem, milhões e milhões de povos atrasados e primitivos passaram para o outro mundo e têm de ocupar algum lugar no que chamamos espaço.

Se progredimos depois da morte, também eles o terão feito, e continuam a fazê-lo. A vida e o desenvolvimento mental parecem estar intimamente ligados e, se o Whitefeather, que na Terra era, segundo os nossos parâmetros, um Índio simples e ignorante, pôde alcançar o estágio a que chegou, por que não todos? Por que não as raças negras primitivas, os canibais, os selvagens, os aborígenes australianos — na verdade, por que haveria a lei do progresso de favorecer apenas as raças avançadas da humanidade?

Lembro-me do Whitefeather em 1918. Sabia apenas algumas palavras de inglês e era simples e infantil, como decerto fora na Terra; e, no entanto, tal como as crianças, cresceu até se tornar um homem de inteligência e cultura, a julgar pelo que diz.

A educação e o ambiente certo na Terra podem operar maravilhas em toda a humanidade, não tendo a cor da pele nada que ver com o poder potencial da mente para se desenvolver. Sendo assim, não se pode pôr limite ao alcance da mente e, do mesmo modo que um negro africano pode ser educado na Terra até se tornar Professor universitário, também, pela educação, os mais atrasados da

humanidade podem desenvolver-se e progredir tanto aqui na Terra como depois, na Etéria. Assim como a mente pode desenvolver-se aqui, pode continuar a desenvolver-se lá.

Passemos agora a ouvir mais do que eles têm a dizer sobre o seu progresso rumo a uma vida maior e mais ampla.

Depois de descrever as belezas do plano em que vive, um amigo de uma das pessoas presentes disse algo que mostra como a morte não muda de imediato o caráter ou o desenvolvimento mental do indivíduo. Somos os mesmos indivíduos logo após a morte que éramos antes dela, mudando apenas a cobertura corporal. Foi isto o que ele disse:

"Sim, amigos, ainda estou espiritualmente longe de onde vós estais. Tive muitos tropeções no meu caminho pela vida e confessei plenamente as minhas falhas quando aqui cheguei, aos Grandes acima de mim, e fui colocado numa condição muito melhor do que merecia. Agora esforço-me humildemente, com o pouco que posso fazer para ajudar, por compensar as faltas e falhanços da vida terrena, e tenho belos amigos que vêm dar-me conselho, ensinar-me e guiar-me no caminho para uma esfera mais elevada. Entretanto, estou perfeitamente contente por fazer aqui o meu pequeno melhor pelos rapazes que estão a chegar. Vi as luzes e soube que estava no, ou perto do, Plano Terrestre, e pensei que poderia trazer-vos um pouco de conforto."

Outro, conhecido de alguns dos presentes no círculo, fez um dia confissão semelhante:

"São poucos os que passam pelo mundo em linha reta, e muitos dos muito rígidos, quando chegam ao meu lado da vida, descobrem que também deixaram atrás de si um rasto aos ziguezagues. Eu trilhei um caminho tortuoso, mas já deixei isso para trás e, de algum modo, havia tantos amigos deste lado da vida que eu não conhecia e que vieram ajudar-me quando aqui cheguei, e me ajudaram a alcançar este grau de discernimento."

Mas os erros passados podem ser corrigidos. Foi isto que nos disseram um dia: "Todavia, o livre-arbítrio vigora mesmo deste lado, e fica a teu cargo se queres progredir ou não. Sem essa vontade não avançarás muito. Eu próprio já progredi um pouco; mas sou um missionário, a ajudar os meus irmãos e irmãs a transpor o obstáculo tanto quanto posso."

Quando se perguntou a um Espírito qual era o seu trabalho, ele respondeu no puro dialeto escocês que, traduzido, diz o seguinte:

"Quando não sou preciso para a obra do Grande Irmão Mais Velho, venho para este lado da Terra e procuro ajudar os da minha laia — não exatamente amigos, embora sejam todos meus amigos — mas, se posso dar a alguém uma mãozinha para passar um obstáculo, recebo eu próprio uma recompensa mil vezes maior."

"É assim que progrides", disse alguém no círculo em resposta, ao que ele replicou nestas palavras:

"É o único caminho, mas não quero progredir muito, por agora. Desejo ficar aqui porque tenho alguns amigos por quem quero esperar. Oh, amei-os tanto. É-nos concedido, se fazemos o que nos mandam e nos portamos como devemos, e se todos trabalhamos pelo Mestre e pelos Irmãos Mais Velhos, ficar um pouco onde estamos até que eles venham. Deus me ajude, amei-os de uma forma terrível. Às vezes, amigos, aqueles que ficam sem o cuidado de um pai não conseguem manter-se no caminho direito, e eu estou a tentar trazê-los de volta à estrada certa, os que se desviaram um pouco do reto caminho. Sabeis, por vezes exagera-se nas coisas da vida terrena. Creio que entendeis o que quero dizer, e é tão, tão fácil descair."

Um Índio, já conhecido de nós pelo nome de "Pathfinder" (Abridor de Caminhos), vinha muitas vezes ao círculo e conseguia falar com facilidade durante um quarto de hora ou mais. Depois de um longo discurso, perguntaram-lhe se os seus interesses se limitavam ao plano terrestre, ao que respondeu:

"Não, trabalho de ambos os lados — no Plano Terrestre e também nos planos inferiores deste lado. Eu próprio progredi para uma esfera mais alta, mas estou a fazer este trabalho por amor do Mestre. Os campos estão prontos para a ceifa, mas às vezes os ceifeiros são poucos. No Jardim da Vida de Deus, porém, há muitos ajudantes e trabalhadores nos campos do Paraíso que saem para amparar os irmãos e irmãs mais fracos. Fala um dos amigos Índios. Eu sou o Pathfinder. Encontrei um trilho que me levou a alturas mais elevadas, alturas mais belas e gloriosas, o meu doce lar, mas lembrei-me dos que ficaram para trás e roguei para que me fosse permitido, por algum tempo, agir como abridor de caminhos para os meus irmãos e irmãs que precisam de ajuda quando chegam a este lado da vida."

Certa vez, os membros do círculo discutiam entre si, durante um silêncio do outro lado, a ignorância e a antipatia do clero — e dos cristãos em geral — pelas verdades proclamadas pelo Espiritismo. Um cavalheiro presente comentou que essa visão atrasaria o seu progresso quando chegassem ao outro lado, até descartarem as falsas crenças. Foi então que um Espírito se juntou à conversa e disse estas palavras:

"Isso é muito verdade, Sr. Cameron. Não é apenas no nosso próprio progresso, no lado espiritual da vida, que devemos pensar; nós entramos em contacto com muitos que não vieram tão longe quanto nós, e procuramos ajudá-los. Depois, por sua vez, entramos em contacto com aqueles que estão muito à nossa frente na estrada da vida, e o conhecimento que ganhamos devemo-lo a eles."

Depois de um amigo na Etéria nos ter contado como procurara compensar as suas falhas durante a vida terrena, alguém observou que só assim se podia progredir. A isto ele respondeu:

"É a única via de progresso. Ajudando os outros, ajudamos a nós mesmos. Há muitos, muitos amigos que são espiritualmente muito superiores a mim e que ainda não alcancei. Já os vi e falei com eles como vós falais comigo agora, e estou a fazer o melhor que posso para me tornar apto, para me sintonizar com a esfera deles. Quando o fizer, estarei com eles, e será um dia jubiloso quando chegar."

O tema do progresso surgiu noutra ocasião, quando nos falaram da passagem de um plano para outro. O que se disse consta noutro lugar, mas aqui cabe citar as palavras de um Espírito sobre os seus sentimentos pessoais contra deixar a sua morada atual:

"O que alcançarei em última instância não sei, mas estou perfeitamente contente por permanecer onde estou no presente, e ir progredindo lentamente, de tempos a tempos, e sentir a visão que se vai abrindo para mim de modo tão admirável. Quando atravessamos os espaços com os mais luminosos e comunicamos com os que seguiram adiante, temos vislumbres das glórias por vir. Contudo, eu não ficaria contente lá. Quero voltar para junto dos meus, para os lugares onde estou estabelecido agora, e esperar pelos amados que ainda estão do vosso lado da vida."

Um homem que foi famoso cientista na Terra, e que muito fez para popularizar a crença na evolução das espécies, voltou várias vezes para falar comigo. Dizia sempre o seu nome, e algo que disse uma vez é adequado para este capítulo. Assim concluiu a sua fala:

"A evolução continua a ser o meu grande tema, aquilo em que penso constantemente. A evolução é a chave do Universo. A evolução nunca termina.

Estamos sempre a progredir, a progredir, mas conservamos a nossa individualidade. Isso ajuda a explicar o mistério da existência."

Ele reconheceu agora o erro que cometeu, em vida terrena, ao repudiar o Espiritismo e, aproveitando que este livro se aproxima do fim, coloco esta

pergunta: Poderá alguém sensato afirmar que todas as 419 citações aqui transcritas foram proferidas por alguém vivo na Terra, na sala onde as sessões se realizavam? Se nem o médium, nem uma ou mais das pessoas presentes, produziram as vozes, quem as produziu? De onde veio tudo o que lemos? O círculo era pequeno — em média oito ou nove pessoas — e ninguém poderia falar sem que se notasse; e, no entanto, durante mais de quarenta anos ninguém jamais insinuou que o médium, ou qualquer outra pessoa, estivesse a fingir falar como alguém que não fosse ele ou ela próprios.

Não podia haver engenhoca, artifício ou dispositivo para produzir as vozes a partir de outro lugar por meio de um cúmplice. Ninguém, por exemplo, poderia fazer sair as vozes por um buraco na parede, fazê-las soar diante do participante e ouvir o que ele dizia e levar a conversa adiante. Quando a sessão era na própria sala de estar do Sloan, esta era sempre revistada e qualquer tal artifício teria sido logo detetado; mas convém lembrar que muitas das suas sessões realizavam-se em casas particulares, onde tais dispositivos não poderiam ter sido instalados. Além disso, várias boas sessões evidenciais foram realizadas sob a minha direção na sala de sessões da Glasgow Society for Psychical Research e, quando Sloan chegava, entrava imediatamente na sala, sentava-se e nunca ficava sozinho até sair no fim da sessão.

A conversa do Sloan era lenta e hesitante, e não revelava qualquer conhecimento especial para além dos seus interesses quotidianos, e, no entanto, ouviram-se centenas de milhares de palavras fluentes, a compor as maravilhosas e extraordinárias comunicações que os presentes escutaram ao longo de todos esses anos. Quanto à possibilidade de alguém no círculo estar a fazer-se passar por diferentes falecidos, isso era impossível, pois as vozes falavam independentemente de quem estivesse presente. Os que compunham o círculo mudavam constantemente e, ao longo de quarenta anos, a composição do círculo mudou muitíssimas vezes.

Os excertos apresentados neste livro abrangem sessões realizadas ao longo de vinte e sete anos, sendo a primeira registada em 20 de setembro de 1918 e a última em 10 de julho de 1945. Não obstante, os mesmos fenómenos ocorreram na primeira como na última. Os Espíritos que falaram em 1918 mantinham as mesmas personalidades em 1945, foram dados os mesmos factos sobre o seu mundo e o seu modo de vida, e o mesmo ensino elevado continuou por todos esses anos. A trombeta continuou a deslocar-se pela sala do mesmo modo e a tocar, sem nunca magoar, quem quer que fosse. Fachos de luz continuaram a mover-se pela sala, a consistência de tudo é digna de nota, e, contudo, os

membros do círculo tinham mudado repetidas vezes, tendo muitos passado para se tornarem, por sua vez, os oradores do outro lado.

Nos últimos anos da sua vida, a memória de Sloan falhava e ele envelhecera, tornando-se um velho solitário cujos pensamentos dominantes eram a perspetiva de ser em breve levado para o outro mundo, para estar de novo com a esposa amada. Sofria de reumatismo e das incapacidades da velhice e, no entanto, as últimas sessões que deu, aos setenta e seis anos de idade, foram das melhores de sempre. Não obstante, este homem notável recusou sempre pagamento e evitou a publicidade até ao fim, falecendo pacificamente em 24 de maio de 1951, com oitenta e dois anos, sem ter consciência do quanto a sua vida significou para a humanidade.

Voltemos agora ao tema deste capítulo. Certo dia, no decurso de uma conversa com um amigo do outro lado, um dos presentes usou a palavra "evolução", que era exatamente a palavra que o Espírito queria. Ficou tão satisfeito e disse o seguinte:

"Precisamente, evolução; essa é a palavra correta. Nem todos estão no mesmo estádio de avanço. É exatamente o que acontece o tempo todo. Estamos a evoluir de um estágio de existência espiritual para outro e a tornar-nos mais perfeitos e, assim, mais capazes de ajudar os que estão abaixo de nós. No momento, estou a trabalhar entre aqueles que estão a passar pela guerra. Misturo-me muitas vezes com eles e digo-lhes, oriento-os quanto ao sítio para onde devem ir. O plano em que vivo é um pouco mais belo do que o deles. Quero dizer, deveria estar num plano mais elevado, mas escolhi fazer esse trabalho e ficar com eles, por agora."

Outro aspeto do progresso foi-nos apresentado por um Espírito nestes termos: "Cai-nos esmagador quando vemos inteligências tão adiantadas em relação a nós, e desejamos seguir as pegadas do Grande Mestre Instrutor. Em termos de método de progresso, significa assimilação da Verdade, que devemos tomar para nós, e que estamos dispostos a obedecer à vontade dos que estão acima de nós e a seguir as pegadas superiores dos que estão muito para além de nós. Não é um tema de um dia, como lhe chamais, nem de um mês ou um ano. Leva muito tempo até alguns chegarem a este discernimento. Compreendeis o que quero dizer? O impulso de ascender não tem limitação. Permanece connosco, o nosso desejo de seguir os passos dos grandes instrutores que seguiram adiante."

Perguntei certa vez a um amigo que me falava da Etéria se todos lá podiam contactar com a Terra. A esta pergunta respondeu:

“Quanto mais altos e mais desenvolvidos nos tornamos, menos estamos em contacto com o vosso mundo. À medida que o desenvolvimento avança, menos pensamos na Terra. É tudo uma questão de desejo. Podemos entrar em contacto com as condições terrenas à vontade; se faltar a vontade de o fazer, então não voltamos até vós.”

Por outras palavras, a memória da nossa vida terrena desvanece gradualmente até a esquecermos, e isto parece-me ser uma resposta para os que acreditam na reencarnação. Uma vez fiz a pergunta direta: “Voltamos a reencarnar na Terra?” — ao que recebi esta resposta do Espírito com quem falava:
“Não conheci ninguém que tenha sido reencarnado na Terra. Passei para aqui há muitos anos e tenho à minha volta pessoas que viveram há milhares de anos na Terra. É tudo o que posso dizer, porque o meu conhecimento não me permite dizer mais.”

Uma outra resposta, igualmente inequívoca, sobre o mesmo assunto foi dada por um Espírito diferente alguns anos mais tarde. Disse ele:
“Não podemos voltar e passar pelo mesmo outra vez.”

Do que falam é de progresso, e nunca ouvi ninguém do outro lado falar em voltar para nascer de novo na Terra. A borboleta não pode regressar para entrar no casulo. Observações como a seguinte eram bastante comuns:
“Fui Chefe Índio nos velhos tempos. Estou agora há muitos anos no lado espiritual da vida, segundo a vossa noção de tempo.”

Numa ocasião, uma senhora presente foi saudada pelo homem com quem estivera noiva na Terra antes de ele partir. Tal como os outros que nos falaram, ao referir-se ao reencontro um dia com aqueles que amam na Terra, foi feita a mesma observação, a saber, que quando se encontrarem novamente não haverá mais separação. Foi isto que ele disse:

“Tu sabes o que são dias sombrios, Mary, e eu também sei o que são dias sombrios, mas há um dia glorioso a seguir, que já despontou para mim e que há de despontar para ti algum dia. O alvorecer brilhará; virá a claridade; tem ânimo, querida, eu ficarei ao teu lado.

“Quando chegar o derradeiro fim, — o que espero que ainda demore muito e que ainda te caiba muita felicidade na vida terrena — mas, quando chegar a hora, minha querida, então, no fim do caminho, voltaremos a dar-nos as mãos. Não haverá mais separações, nem mais preocupações, nem mais cuidados. De mãos dadas, pelos éones da eternidade, com amor espiritual nos corações, ajudaremos outros e encontraremos serviço e alegria nesse trabalho. Deus te abençoe, querida; por agora, não digo mais.”

O mesmo tema perpassou pelas palavras dirigidas a uma participante pela sua mãe na Etéria. Era o aniversário da participante, e os votos da mãe foram dados nestas palavras, terminando com a filha a sentir que tinha sido beijada muitas vezes:

"É um dia memorável, Crissie. Foi um dia memorável para mim e para o Pai também. Estava apenas à espera de uma oportunidade, minha querida, para entrar e te desejar 'muitos parabéns', até chegar esse aniversário em que virás para o nosso lado da vida, e tu e eu estaremos juntas por toda a eternidade. Quero apenas que compreendas."

Depois, dirigindo-se aos outros presentes no círculo, disse:

"Que tempos felizes a Crissie e eu teremos quando ela deixar o físico. Eu não conseguia participar de todos os prazeres em que ela podia participar antes de eu partir. Às vezes eu era um nadinha esquecida, mas antes disso éramos como irmãs, não como mãe e filha."

Depois de um Índio terminar de falar, um cavalheiro presente perguntou um dia a alguém do outro lado se era possível levar os menos desenvolvidos aos planos mais elevados. Eis o que lhe foi dito pelo Espírito, que falou com voz alta e clara: "Não podemos levá-los, mas dizemos-lhes o que os espera e que, quando se tornarem mais esclarecidos, poderão lá ir. Não é o Índio que fala agora, mas não estou a falar depreciativamente de modo nenhum.

Muitos Índios são mais avançados e têm almas mais brilhantes do que eu. Somos todos irmãos e irmãs, e todos temos um tempo do que se poderia chamar estrela da tarde — esse momento da última e derradeira despedida do Plano Terrestre, e dizemos adeus a todas as coisas terrenas, por assim dizer. Fica-se um pouco à deriva por algum tempo até se encontrar o rumo — ou, melhor dizendo, até alguns dos belos luminosos te virem ao encontro e te indicarem o caminho, e te dizerem para onde deves ir. Todos tendes de trabalhar o vosso próprio destino. Não há dúvida, trabalhai o vosso próprio Céu, e ficai certos de que o Grande Pai verá o vosso labor e vos recompensará por ele."

Depois, o orador fez uma pausa por um momento e continuou:

"É isso que acontece, como descobrireis quando vierdes para o meu lado da vida. Ainda tendes de procurar mais conhecimento. Não seria um mundo real deste lado se não houvesse progresso e mais progresso ainda, e os que avançaram um pouco mais, adiante, podem sempre ajudar os retardatários para cima, conforme vão caminhando. Nem todos estão aptos para começar num

nível alto; precisam de uma mão amiga, e essas mãos amigas nunca andam longe.

"Encontra-se, deste lado da vida, todo o tipo e condição de amigos, e cada um precisa de uma mão amiga. Não se pode transformar uma alma imediatamente do grau inferior que deixou para um grau celestial. É um progresso espiritual gradual, e estão sempre a obter conhecimento novo e esperança nova daqueles que estão um pouco mais adiantados do que eles e que estão sempre muito dispostos a ajudar um irmão mais fraco a subir para a luz mais brilhante e resplandecente."

Ele ainda tinha muito mais a dizer, mas isso é dado noutra parte; de facto, a sua intervenção foi mais no género de uma palestra, pois durou dez minutos.

Certa vez foi colocada a questão acerca dos diferentes estádios de desenvolvimento em que se encontram as pessoas do outro lado. Alguém perguntou a um Espírito, que era curador de pessoas na Terra por meio de raios de cura, se corpos não desenvolvidos alguma vez são vistos na Etéria, e esta foi a resposta:

"Não não-desenvolvidos. O estádio de desenvolvimento vê-se pela luz ou pelo brilho, pelas tonalidades da luz. Vemo-los em diferentes estádios de avanço e conversamos com eles. Há muitos belos viajantes que por vezes falam connosco, e deles recebemos grande esclarecimento."

Depois prosseguiu, explicando que o corpo etérico tem a mesma formação do corpo físico e que todos possuem um corpo etérico perfeito. As suas observações encontram-se registadas noutro lugar. Voltou então ao tema do desenvolvimento mental e concluiu com estas palavras:

"Aqueles que pouco se desenvolveram na vida terrena têm apenas de subir gradualmente, e os que não tiveram qualquer desenvolvimento espiritual são geralmente conduzidos a esferas onde possam ser auxiliados da forma que mais necessitam."

Perto do final de um longo discurso sobre vários assuntos, um Espírito disse: "Se tendes vontade de viajar pelas esferas ao serviço de Deus, no lado espiritual da vida, encontrareis ampla oportunidade, se estiverdes dispostos a trabalhar para o Mestre, mas tereis de cumprir as Suas leis e as condições de vida que existem no lado espiritual. Não podeis dar um salto do lado de vida em que estais agora diretamente para as esferas celestiais do lado espiritual da vida. É o Trabalho, o Serviço e o Amor que trarão alegria, harmonia e paz às vossas almas mais íntimas. Claro que tereis sempre o conhecimento de que estais a ajudar

alguém que ainda não atingiu o vosso estágio, e estendereis a mão para os ajudar a subir, e os que estão no plano superior logo estenderão as suas mãos para vos ajudarem a dar mais um passo.

"Progresso constante, até que, no devido tempo de Deus, alcanceis a plenitude de uma alma purificada, capaz de trabalhar em harmonia com o Grande Espírito de Toda a Vida. O progresso continuará até que o plano completo e perfeito da Vontade do Mestre seja realizado, e possais conviver em estado glorificado com esses Luminosos, a quem esperais um dia juntar-vos.

"Há um estágio em que alguns de nós não conseguem saber mais. Há um mundo dentro de outro mundo, mas não atingimos ainda esse conhecimento, nem o atingiremos até termos avançado a um nível muito acima do nosso conhecimento atual."

Quando um participante disse uma vez que gostava de poder apresentar razões para a sua crença no Espiritualismo, foi-lhe dito por um amigo do outro lado: "Nunca discutas. Não o faças, se aceitas o meu conselho, meu Irmão. Antes, fala-lhes das belezas desta vida que irás descobrir. Tu és, na verdade, apenas um explorador a procurar uma nova terra, e adquiriste uma mente capaz de ver e colher algo da beleza desta terra, que muitos outros não conseguem. Mais tarde ligar-te-ás aos que avançaram além de ti e aprenderás com eles.

"Como disse o Grande Mestre: 'Na casa de meu Pai há muitas moradas', e tu vais apenas para o lugar para o qual, pela tua vida terrena, te preparaste, e depois progredirás ao entrares em contacto com aqueles mais avançados que estão prontos para te ajudar, e para te dar conhecimento de coisas que não sabes, mas que te serão dadas à medida que as possas assimilar e compreender. Estou apenas a expor da melhor forma que consigo, e espero que entendas o que quero dizer."

Durante a Segunda Guerra Mundial, os pensamentos de quase todos se dirigiam à multidão de jovens, em todo o mundo, que eram introduzidos numa nova vida antes de terem tido tempo de compreender o significado desta vida terrena. Que espécie de vida aguardava essa multidão de recém-chegados foi uma vez perguntado por um de nós, e esta foi a resposta que recebemos:

"Depende muito da condição da sua vida antes de chegarem a este lado, e da sua inclinação para aspirar a uma vida mais elevada. Se não tiveram esse desejo na vida terrena, não avançarão tão depressa."

O nosso futuro, tanto nesta vida como na seguinte, depende apenas de nós. Como somos aqui, assim seremos lá. Se a nossa sementeira for boa, produz uma

colheita abundante; se má, o inverso. Se formos egoístas na Terra, seremos egoístas lá. O egoísmo é a raiz de todo o mal, assim como o altruísmo é a raiz de tudo o que é bom. A nossa felicidade, ou infelicidade, nasce da nossa atitude para connosco próprios e para com os outros. Ninguém nos pode salvar da nossa própria maldade e insensatez, e o que somos e o que nos tornamos depende de cada um decidir por si mesmo.

Os antigos egípcios colocavam nos caixões dos falecidos um guia para o outro mundo, onde estava representado o caminho que a alma recém-chegada devia percorrer antes de alcançar a morada do deus Osíris, o juiz dos mortos. Ali era pesado na balança, e todas as boas e más ações que praticara eram reveladas.

Os bons passavam ao céu e os maus ao inferno. Sem dúvida que esta crença levou muitos a viver vidas mais justas, pois é sabido que o seu efeito na conduta individual era positivo, mas o guia insistia tanto nos perigos e dificuldades que a alma recém-chegada teria de enfrentar, nos muitos demónios que a espreitavam, que se pergunta como teria alguma vez conseguido alcançar o seu destino.

Quando a teologia é chamada a explicar o mistério da morte e do além, podemos estar certos de que o que é simples será tornado difícil e o que é claro será tornado obscuro. A única maneira de chegar à verdade é ouvir ou ler por nós mesmos o que têm a dizer os que já partiram. Assim descobrimos que o véu de dúvida, dificuldade e incerteza levantado por todas as diferentes religiões do mundo deve-se à ignorância e que, quando nos cingimos ao que os nossos amigos da Etéria têm para nos dizer, o caminho diante de nós torna-se claro e simples para todos compreenderem.

Como já lemos, o nosso dever na vida é dar o nosso melhor, a mais elevada sabedoria é fazer o bem e, se o fizermos até ao máximo das nossas forças, o nosso futuro será luminoso. Então o universo revelar-se-á lentamente diante de nós, e a nossa jornada pelas esferas, de plano em plano, nos séculos vindouros, trará felicidade a nós mesmos e a todos com quem contactarmos. Não parece haver fim para o caminho da vida.

Ninguém poderia ter dito em menos ou melhores palavras o que o Espiritualismo representa do que Joseph Addison, contemporâneo de Swedenborg, grande homem de letras, homem de verdadeira bondade e de eminente génio, que escreveu:

“Considerar a alma como avançando de força em força, pensar que há de brilhar para sempre com novas adições de glória, e resplandecer por toda a eternidade; que continuará a acrescentar virtude a virtude, e conhecimento a conhecimento,

encerra em si algo de maravilhosamente agradável a essa ambição que é natural à mente humana."

[Gráfico das comprimentos de onda]

O gráfico acima mostra claramente quão limitadas são as nossas perceções sensoriais. Apenas a parte preta representa o espetro visível. Isto é tudo o que percebemos das inumeráveis ondas etéricas que compõem o Universo. O autor foi informado pelos seus comunicadores no Mundo Etérico que as suas vibrações praticamente tocam as do Mundo Físico, e, por vezes, podem ser detetadas pela clarividência, pela visão de seres etéricos, chamados fantasmas, e pela fotografia psíquica. As ondas etéricas, porém, parecem ser diferentes das ondas físicas, pois até agora não descobrimos nenhum instrumento capaz de as captar.

Fim